

Narração e Descrição

NARRAÇÃO

Desde que a linguagem passou a fazer parte do cotidiano do homem, ele a utiliza para relatar acontecimentos e contar histórias, o que nos permite afirmar que a narração é, possivelmente, o mais antigo de todos os tipos de texto. Os primeiros registros de histórias de que se tem conhecimento aparecem nas pinturas dos homens das cavernas. Nas pinturas rupestres, esses homens deixaram gravadas verdadeiras narrativas, por meio de imagens simples, que relatavam fatos do dia a dia.

Depois do advento da escrita, o homem começou a registrar os fatos usando uma linguagem diferente: o que anteriormente era contado por meio de imagens podia ser recontado por palavras. Esse processo foi intensificado com a criação da imprensa, em meados do século XV, a qual tornou possível a reprodução de um número maior de cópias do que antes, quando a escrita só ocorria manualmente. Mais tarde, o surgimento dos livros, dos jornais, das revistas e da Internet possibilitou que as narrativas pudessem ser lidas por um número ainda maior de pessoas.

São diversos os gêneros narrativos que utilizamos e com os quais temos contato ao longo de nossas vidas, sejam eles ficcionais ou não: romance, novela, conto, crônica, fábula, parábola, conto fantástico, anedota, lenda, notícia, depoimento, relato, carta pessoal, diário, história em quadrinhos e narrativas cinematográficas são exemplos disso.

Observe, a seguir, alguns deles.

Quadrinhos

Publicados, geralmente, em revistas ou livros, os quadrinhos são uma combinação de linguagens verbal e não verbal, com personagens, cenários, falas, legendas, etc. Uma característica importante é que possuem uma sequência narrativa mais longa. Além disso, há os *graphic novels* (grosso modo, “romances gráficos”), que são os quadrinhos mais elaborados, cujos traços são mais artísticos. Veja o exemplo a seguir:



© 2018 King Features Syndicate/Press.

Tirinhas

As tirinhas são bem semelhantes aos quadrinhos, entretanto, apresentam uma sequência narrativa mais curta, sendo um quadrinho ao lado do outro (normalmente, no máximo, cinco), com piadas, reflexões, críticas, entre outros. Veja o exemplo a seguir:



Aneotas

As aneotas, muito parecidas com as piadas, são narrativas breves de fatos curiosos ou engraçados, podendo ser referentes a pessoas públicas, situações históricas, etc. Veja o exemplo a seguir:

Dois compadres colocavam uma placa na estrada com os dizeres "O fim está próximo! Mude de direção enquanto tem tempo!". Um motorista passou no lugar neste momento e, ao ler a placa, gritou para os homens:

– Vocês não têm mais o que fazer, gastando tempo com essas bobagens? – E, assim, seguiu caminho.

Minutos depois, os compadres ouviram um barulho e um falou para o outro:

– Será que num era mió a gente ter escrito só "Ponte quebrada na próxima curva"?

Piadas

As piadas também são narrativas curtas, porém, diferentemente das aneotas, não necessariamente de fatos e possuem o objetivo de provocar o riso. Veja o exemplo a seguir:

O professor pergunta pro Joãozinho:

– Arroz é com S ou com Z?

E o Joãozinho responde:

– Aqui na escola eu não sei, mas lá em casa é com feijão.

Poema narrativo

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. Ismália. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 391.

Nessas breves narrativas, relata-se um acontecimento do qual participam personagens e em que há transformação temporal.

Uma narrativa normalmente traz as seguintes informações ao leitor:

- **Quem?** Personagens.
- **Onde?** Espaço em que se passam os fatos.
- **Quando?** Tempo em que ocorrem os fatos.
- **O quê?** Acontecimento.
- **Como?** O modo como acontecem os fatos.
- **Por quê?** A causa dos fatos.

Além disso, há uma voz textual responsável por apresentar os fatos aos leitores.

GÊNEROS NARRATIVOS

Conforme aprendemos anteriormente, a narração é uma tipologia textual predominante em gêneros textuais dessa natureza. Entre esses gêneros, podemos citar os romances, as novelas, os contos, as crônicas, as fábulas, os relatos, os depoimentos. Também apresentam natureza narrativa diversas produções televisivas, como telenovelas e minisséries, e cinematográficas, como filmes e seriados.

Neste tópico, vamos conhecer as características de alguns gêneros narrativos e aprender a diferenciá-los uns dos outros. Vale observar que não é nossa intenção apresentar um estudo aprofundado desses gêneros, mas apenas suas características gerais, a fim de que você seja capaz de reconhecê-los e produzi-los sempre que for necessário.

Conto

Os contos diferenciam-se de outras narrativas mais extensas, como o romance e a novela, por serem textos condensados. Em um romance, há, além do protagonista, diversas outras personagens coadjuvantes, as quais, muitas vezes, vivenciam conflitos secundários que se desenrolam paralelamente ao conflito central. Essas narrativas podem focalizar longos períodos de tempo e incluir diferentes espaços. Um conto, por sua vez, apresenta poucas personagens, desenrola-se em torno de um único conflito e, além disso, ocorre em tempo e espaço bem definidos.

Exceto pelas características explicitadas, o conto não difere dos outros gêneros narrativos mencionados. Apresenta personagens, tempo, espaço e um enredo que também se desenvolve em torno de um conflito. Pode ser narrado em primeira ou em terceira pessoa e estrutura-se em apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Há, nesse gênero, a preferência por narrar dramas humanos de ordens diversas: social, existencial, comportamental, psíquica, etc. É muito comum, por exemplo, que o conflito derive de uma incompatibilidade ou de um confronto entre o mundo interior da personagem e a realidade.

Leia o conto a seguir para conhecer melhor as características desse gênero.

O peru de Natal

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas.

Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada almoço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a ideia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a ideia de fazer uma das minhas chamadas "loucuras". Essa fora aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; [...] eu consegui no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de "louco". "É doido, coitado!" falavam. [...]

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa dos quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. Foi lembrando isso que arrebentei com uma das minhas "loucuras":

– Bom, no Natal, quero comer peru.

Houve um desses espantos que ninguém não imagina. Logo minha tia solteirona e santa, que morava conosco, advertiu que não podíamos convidar ninguém por causa do luto.

– Mas quem falou de convidar ninguém! essa mania... Quando é que a gente já comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem toda essa parentada do diabo...

– Meu filho, não fale assim...

– Pois falo, pronto!

[...] Era sempre aquilo: vinha aniversário de alguém e só então faziam peru naquela casa. Peru era prato de festa: uma imundície de parentes já preparados pela tradição, invadiam a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. [...]

Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de juntar ameixa preta, nozes e um cálice de xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. [...]

Quando acabei meus projetos, notei bem, todos estavam felicíssimos, num desejo danado de fazer aquela loucura em que eu estourara. Bem que sabiam, era loucura sim, mas todos se faziam imaginar que eu sozinho é que estava desejando muito aquilo e havia jeito fácil de empurrarem pra cima de mim a... culpa de seus desejos enormes. Sorriam se entreolhando, tímidos como pombas desgarradas, até que minha irmã resolveu o consentimento geral:

– É louco mesmo!...

Comprou-se o peru, fez-se o peru, etc. E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, deixei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento aliás, ela parou, feito fatias um dos lados do peito da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

– Não senhora, corte inteiro! Só eu como tudo isso!

Era mentira. O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco, só pra que os outros quatro comessem demais. E o diapasão dos outros era o mesmo. Aquele peru comido a sós, redescobria em cada um o que a quotidianidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus... Naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus. O peito do peru ficou inteiramente reduzido a fatias amplas.

– Eu que sirvo!

“É louco, mesmo” pois por que havia de servir, se sempre mamãe servira naquela casa! Entre risos, os grandes pratos cheios foram passados pra mim e principiiei uma distribuição heroica, enquanto mandava meu mano servir a cerveja. Tomei conta logo de um pedaço admirável da “casca”, cheio de gordura e pus no prato. E depois vastas fatias brancas. A voz severizada de mamãe cortou o espaço angustiado com que todos aspiravam pela sua parte no peru:

– Se lembre de seus manos, Juca!

Quando que ela havia de imaginar, a pobre! que aquele era o prato dela, da Mãe, da minha amiga maltratada, que sabia da Rose, que sabia meus crimes, a que eu só lembrava de comunicar o que fazia sofrer! O prato ficou sublime.

– Mamãe, este é o da senhora! Não! não passe não!

Foi quando ela não pode mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrima sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. Então principiiei dizendo muitos desaforos pra não chorar também, tinha dezenove anos... Diabo de família besta que via peru e chorava! coisas assim. Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tornara impossível. É que o pranto evocara por associação a imagem indesejável de meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal, fiquei danado.

[...]

Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara decididamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visquentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru que a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora.

– Só falta seu pai...

Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. Cheguei a odiar papai. E nem sei que inspiração genial, de repente me tornou hipócrita e político. Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste:

– É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... (hesitei, mas resolvi não mencionar mais o peru) contente de ver nós todos reunidos em família.

E todos principiaram muito calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante do céu. Agora todos comiam o peru com sensualidade, porque papai fora muito bom, sempre se sacrificara tanto por nós, fora um santo que “vocês, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai”, um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave. O único morto ali era o peru, dominador, completamente vitorioso.

[...]

Levantamos. Eram quase duas horas, todos alegres, bambeados por duas garrafas de cerveja. Todos iam deitar, dormir ou mexer na cama, pouco importa, porque é bom uma insônia feliz. O diabo é que a Rose, católica antes de ser Rose, prometera me esperar com uma champanha. Pra poder sair, menti, falei que ia a uma festa de amigo, beijei mamãe e pisquei pra ela, modo de contar onde é que ia e fazê-la sofrer seu bocado. As outras duas mulheres beijei sem piscar. E agora, Rose!...

ANDRADE, Mário de. *O peru de Natal*. Disponível em: <http://www.releituras.com/marioandrade_natal.asp>. Acesso em: 10 abr. 2018. [Fragmento]

Crônica narrativa

Segundo teóricos que estudam a crônica, esse é um gênero de difícil definição.

O termo remete a *chronos* que, em grego, significa “tempo”. Essa relação é comumente associada ao caráter efêmero do gênero. A crônica nasceu nos jornais. Era um texto curto, feito para caber em um espaço pequeno de uma coluna, de caráter mais subjetivo, no qual se comentavam notícias e outros textos publicados na semana. Essa associação entre a crônica e o cotidiano é o que a fez ser considerada tradicionalmente um texto efêmero, datado, que perdia parte do sentido quando lido fora de seu contexto original.

Nas últimas décadas, entretanto, a crônica ultrapassou seu suporte tradicional. Autores reuniram em livros textos publicados ao longo de anos. Compostas por um conjunto de textos breves, leves e comumente divertidos, os quais podem ser lidos gradativamente ou aos montes, as coletâneas de crônicas popularizaram-se entre os leitores. Esse movimento, do jornal para o livro, diversificou ainda mais a variedade de textos publicados sob essa designação. Pequenas narrativas, sempre relacionadas a trivialidades do dia a dia, e mesmo textos mais subjetivos de natureza argumentativa são identificados como crônicas.

Devido a essa variedade, é difícil definir com precisão o gênero, mas podemos entendê-lo como um texto jornalístico que se caracteriza pelo fato de, com seu estilo mais descontraído, situar-se entre o jornalismo e a literatura, o que possibilita o uso de uma linguagem ou sentimental, ou emotiva, ou irônica. O cronista, em geral, parte de acontecimentos cotidianos que permitem a reflexão e a exposição de uma visão subjetiva ou crítica. Ele se interessa pela informação, mas, ciente da fugacidade da notícia, busca ultrapassar os fatos em seu texto.

As crônicas narrativas apresentam os elementos comuns às narrativas em geral – personagens, tempo, espaço, narrador e enredo –, desenvolvem-se em torno de um conflito e estruturam-se em apresentação, complicação, clímax e desfecho. Ademais, podem ter o foco narrativo em primeira ou em terceira pessoa.

Devido à brevidade que a caracteriza, a crônica apresenta enredos condensados. Tempo e espaço costumam ser elementos secundários, exceto quando constituem o assunto a ser discutido. Os textos desse gênero possuem, ainda, poucas personagens – normalmente só os protagonistas e antagonistas – e um único conflito. Este se origina de trivialidades do cotidiano, e o objetivo do cronista é justamente propor uma reflexão sobre elas. Na maioria das vezes, o modo como o conflito é resolvido, o desfecho da narrativa, contribui para a construção do sentido da reflexão que o cronista deseja expor.

Leia a crônica a seguir para conhecer melhor as características desse gênero.

Chichico e Bandeira

Fabrizio Corsaletti / Folhapress

Que os estudiosos de Manuel Bandeira não morram de inveja, sou apenas um cronista, isto é, um não especialista, não um crítico ou um pesquisador, mas ontem à noite, sem querer, um dos mistérios de sua poesia me foi revelado. Pretendo ser claro e preciso e, com isso, contribuir pra fortuna crítica desse poeta tão especial, que tantas alegrias já deu aos leitores de língua portuguesa.

Por volta das sete e meia, saí de casa pra comer alguma coisa e, na sequência, visitar a exposição de fotografias de Chichico Alkmim (1886-1978) no Instituto Moreira Salles, na avenida Paulista. Mineiro de Diamantina, Chichico retratava as pessoas de sua cidade em poses convencionais, na linguagem da época, porém com uma capacidade impressionante de lhes apanhar a um só tempo as generalidades épicas e as tragédias e as doçuras individuais.

De outro modo: não era um artista, era um fotógrafo profissional (como tantos outros da sua época e da nossa) com um talento raro. Mas não é de Chichico (que nome simpático; Chichico deve ter sido um bom amigo) que quero falar. Ou não exatamente.

Indo direto ao ponto: entre os trabalhos expostos de Chichico, há uma ampliação enorme (152 x 110 cm) de uma cena incrivelmente artificial, premeditada, mas também natural, sensual e divertida. São três mulheres, duas em pé e uma sentada, ao redor de uma mesa sobre a qual estão duas garrafas de vinho e duas maçãs (ou mexericas?). Cada uma segura uma taça cheia e mira um ponto diferente; nenhuma olha pra câmera.

A coisa toda se passa ao ar livre, num jardim, e a do meio, cotovelo apoiado na mesa, rosto andrógino de Baco ou Pã, tem uma coroa de flores na cabeça. Os vestidos são claros e compridos, com babados. Tudo recende a provincianismo e a um mal disfarçado desejo de viver. A imagem é de 1920.

Quando bati os olhos nela, alguma coisa se mexeu dentro de mim. Eu conhecia aquelas mulheres de algum lugar. Mas não era possível. Fiquei angustiado e continuei a andar pelo salão, sem conseguir prestar atenção em nada.

Então a ficha caiu: aquelas três cachaceiras maravilhosas só podiam ser as três mulheres do sabonete Araxá, da famosa balada de Bandeira. "As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me hipnotizam. / Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde! / O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!" Sim, eram elas! Nenhuma chance de eu estar enganado. As três mulheres do sabonete Araxá, de quem sou íntimo, na minha imaginação, há quase 30 anos.

Muito já se escreveu a respeito desses versos e de sua origem. Sei que o poeta afirmava que eram inspirados num cartaz do tal sabonete que ele viu em Teresópolis, numa venda. Mas a gente sabe que os poetas adoram mentir. Bandeira era um sujeito discreto, não queria comprometer ninguém, quanto mais três moças mineiras que logo depois se casariam com patriarcas ciumentosos. Era conveniente dizer que a ideia lhe veio de uma propaganda, que além do mais lhe permitia criar o tipo de metáfora antiliterária típica do primeiro modernismo.

Pra mim é claro como um diamante de Minas. Se alguém não ficou convencido, que vá até o IMS e tire as suas conclusões.

CORSALETTI, Fabrício. *Chichico e Bandeira*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/fabricocorsaletti/2018/02/chichico-e-bandeira.shtml>>. Acesso em: 24 abr. 2018.



Narração

Você sabe o que é narrar? Nessa videoaula, vamos aprender um pouquinho mais sobre o tipo textual narração e seus gêneros.

Relato

O relato é um texto cujo assunto está voltado para uma experiência pessoal de seu autor, que narra um episódio marcante de sua vida, expondo uma visão singular dos acontecimentos. Diferentemente das narrativas de caráter ficcional, o relato normalmente narra fatos verídicos, vivenciados pelo autor. Esses textos são, portanto, sempre escritos em primeira pessoa do singular e sua linguagem apresenta marcas de subjetividade.

Além disso, um relato apresenta as pessoas envolvidas no acontecimento narrado, o tempo e o lugar em que ele ocorreu. Não há necessidade de se criar um conflito, como nas narrativas ficcionais.

Leia o relato de um morador de uma cidade do interior de Minas Gerais sobre uma das suas experiências em uma festa tradicional da região.

Histórias da festa de São Gonçalo

Eu tinha uns 5, 6 anos e **meus** pais me levaram pela primeira vez pra festa da igreja da cidade, que acontecia sempre no início de janeiro, em homenagem a São Gonçalo. Os festejos duravam pelo menos uma semana, com o ponto alto no domingo, quando a praça de frente pra igreja ficava cheia de barraquinhas que vendiam todos os tipos de doces, milho cozido, todas essas comidas típicas do interior. Os primos mais velhos, que já haviam participado da festa em outros anos, provocavam os mais novos contando causos. Era o velho bêbado que atrapalhou a encenação da vida do santo, a louca da cidade que roubou o microfone do padre pra poder cantar Roberto Carlos, ou a vez que o cachorro do **meu** primo Tiago pulou nos homens que carregavam a imagem do santo, que se espatifou no chão. Estava muito ansioso pra viver essa experiência e, chegando na praça, tudo era como **eu** imaginava, as luzes, as bandeirinhas, a música, e principalmente as barracas de comida. Pois que **eu**, encantado com toda aquela imensidão, saí correndo pra encontrar **meus** primos, mas só via barracas e centenas de pernas que pareciam que iam me esmagar. Quando lembrei de olhar pra trás, não via mais meus pais nem tinha achado nenhum primo, então só segui direto, pensando que ia parar dentro da igreja, não sei... Fui andando, andando e dei de cara com um portão grande, de ferro, e pensei "é o portão da igreja e meus primos tão aí dentro". Entrei. Estava escuro, continuei andando por um espaço muito amplo, mas estava muito escuro e **eu** não enxergava nada. Já estava cansado quando notei que naquele espaço tinha uns tipos de banco de concreto, com umas estátuas em cima, sentei em um e comecei a chorar, pois tinha me dado conta de que estava perdido. Não sei quanto tempo fiquei sentado naquele banco chorando... mas acabou que ouvi o barulho do portão e vi minha mãe correndo em minha direção, chorando muito também. Ela e meu pai se benziam e me benziam sem parar, enquanto meus primos olhavam pra mim brancos de medo. Então entendi que tinha ido parar no cemitério que ficava atrás da igreja e virado mais um causo da festa de São Gonçalo.

De modo geral, é possível destacar algumas características peculiares do tipo narrativo nesse relato. Releia-o, atentando aos substantivos e pronomes (em negrito), verbos em 1ª pessoa do singular (em vermelho), visão singular do fato (em roxo), marcas de subjetividade (em verde) e até características do tipo descritivo (em azul).



TOME NOTA!

Relato x depoimento

O depoimento é um gênero bastante similar ao relato. É escrito em primeira pessoa e narra acontecimentos por meio de uma perspectiva pessoal. A diferença entre esses dois gêneros é que, no relato, o autor protagoniza os fatos narrados e, portanto, está diretamente envolvido neles. Já o depoimento pode narrar acontecimentos em que o autor não está diretamente envolvido. Testemunhas de um crime, ou seja, pessoas que presenciaram um ato ilícito sem estarem envolvidas diretamente nele, costumam conceder depoimentos à polícia e / ou à Justiça a fim de esclarecerem as circunstâncias em que o crime aconteceu. Nesse caso, embora a narrativa tenha foco em primeira pessoa, aquele que narra não tem participação efetiva nas ações que se sucederam.

Fábula

As fábulas são narrativas curtas, cujas personagens normalmente são animais e / ou objetos personificados, nas quais se relata uma história de fundo moralizante. Tal como outras narrativas ficcionais, apresentam personagens, tempo e espaço, embora esses dois últimos elementos sejam costumeiramente definidos de modo vago, já que o objetivo da fábula é expor uma moral universalmente válida.

A linguagem desse gênero é metafórica, e o mais comum é que os textos sejam narrados com foco em terceira pessoa.

Leia a seguir um trecho em que o linguista Marcos Bagno comenta algumas características das fábulas.

Fábulas fabulosas

A fábula é um gênero literário muito antigo que se encontra em praticamente todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos. Este caráter universal da fábula se deve, sem dúvida, à sua ligação muito íntima com a sabedoria popular. De fato, a fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina invariavelmente com uma lição de moral.

Até hoje, quando terminamos de contar um caso ou algum acontecimento interessante ou curioso, é comum anunciarmos o final de nossa narrativa dizendo: "moral da história"... Pois é justamente da tradição das fábulas que nos vem esse hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem em nossa vida ou na vida dos outros, ou de tentar tirar delas algum ensinamento útil, alguma lição prática. [...]

A grande maioria das fábulas tem como personagens animais ou criaturas imaginárias (criaturas fabulosas), que representam, de forma alegórica, os traços de caráter (negativos e positivos) dos seres humanos. Os gregos chamavam a fábula de apólogo, e esta palavra também costuma ser usada para designar uma pequena narrativa que encerra uma lição de moral. A palavra latina *fábula* deriva do verbo *fabulare*, "conversar, narrar", o que mostra que a fábula tem sua origem na tradição oral – aliás, é da palavra latina *fábula* que vem o substantivo português "fala" e o verbo "falar". É muito provável que as fábulas que chegaram até nós por meio da escrita tenham existido durante muito tempo como narrativas tradicionais orais, o que faz esse gênero remontar a estágios muito arcaicos da civilização humana. As fábulas devem ter sido usadas com objetivos claramente pedagógicos: a pequena narrativa exemplar serviria como instrumento de aprendizagem, fixação e memorização dos valores morais do grupo social.

BAGNO, Marcos. *Fábulas Fabulosas*. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

Leia, também, um texto desse gênero para conhecer melhor suas características.

A raposa e o corvo

Um Corvo roubou um queijo e com ele fugiu para o alto de uma árvore. Uma Raposa, ao vê-lo, desejou tomar posse do queijo para comer. Colocou-se ao pé da árvore e começou a louvar a beleza e a graça do Corvo, dizendo:

– Com certeza és formoso, gentil e nenhum pássaro poderá ser comparado a ti desde que tu cantes.

O Corvo, querendo mostrar-se, abriu o bico para tentar cantar, fazendo o queijo cair. A Raposa abocanhou o petisco e saiu correndo, ficando o Corvo, além de faminto, ciente de sua ignorância.

ESOPO. *A raposa e o corvo*. In: SHAFAN, Joseph. *As fábulas de Esopo*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000378.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

O quadro a seguir esquematiza as características dos principais gêneros narrativos estudados neste módulo:

	Conto	Crônica narrativa	Relato	Fábula
Narrativa	Narrativa concentrada, limitada ao essencial, com número reduzido de personagens e espaço bem definido. Embora a narrativa seja breve, podem ser narradas estórias que se passam em longos lapsos.	Narrativa concentrada, breve, limitada ao essencial, com número reduzido de personagens, tempo e espaço bem definidos. Além disso, costumam ser narradas estórias que se passam em lapsos reduzidos.	Narrativa em que se relatam fatos vividos pelo narrador, e que aborda as razões e as consequências desses fatos.	Narrativa breve, que tem como personagens animais e / ou objetos personificados e cujo objetivo é transmitir uma moral, um ensinamento.
Enredo	Aborda, de forma artística, principalmente conflitos de ordem psicológica, que derivam de uma incompatibilidade entre o mundo interior da personagem e a realidade circundante.	Tem como ponto de partida fatos triviais e cotidianos, muitas vezes colhidos no noticiário jornalístico. O enredo da narrativa é configurado de modo a conduzir o leitor a uma reflexão sobre o assunto da crônica ou seus desdobramentos.	Aborda uma experiência pessoal e subjetiva, com foco no ponto de vista e nos sentimentos do narrador em relação aos acontecimentos.	Apresenta uma história exemplar, de caráter moralizante e pedagógico.
Elementos / Estrutura	Apresenta os elementos e a estrutura básica da narrativa: sequência de fatos, personagens, tempo e espaço, e desenvolve-se em torno de um único conflito, muitas vezes de ordem existencial.	Apresenta os elementos e a estrutura básica da narrativa: sequência de fatos, personagens, tempo e espaço, e desenvolve-se em torno de um único conflito, na maioria das vezes de ordem do cotidiano.	Apresenta os elementos básicos da narrativa: sequência de fatos, pessoas, tempo e espaço, mas nem sempre há um conflito evidenciado.	Apresenta os elementos e a estrutura básica da narrativa: personagens, tempo e espaço, e desenvolve-se em torno de um conflito.
Quem narra	Pode ser narrado em primeira ou em terceira pessoa.	Pode ser narrada em primeira ou em terceira pessoa.	É narrado em primeira pessoa.	Normalmente, é narrada em terceira pessoa.
Linguagem	Linguagem criativa e figurada, muitas vezes carregada de lirismo, e de acordo com o padrão formal ou informal da língua.	Linguagem criativa e figurada, muitas vezes carregada de humor e ironia, e de acordo com o padrão formal ou informal da língua.	Linguagem denotativa, marcada pela subjetividade e pela influência da oralidade.	Linguagem figurada e de acordo com o padrão formal ou informal da língua.
Tempo verbal predominante	Predominam, normalmente, no discurso do narrador, verbos no pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo.	Predominam, normalmente, no discurso do narrador, verbos no pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo.	Predominam verbos no pretérito perfeito e no presente do indicativo.	Nos trechos que pertencem ao narrador, predominam os verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo; na fala das personagens, o presente do indicativo.

DESCRIÇÃO

Como já foi visto no primeiro módulo desta Coleção, a descrição (ou o tipo textual descritivo) consiste na construção, por meio da linguagem verbal, de detalhes, características ou sensações de algo ou alguém que o autor de um texto quer dar a conhecer ao seu leitor. Pode-se dizer que, à medida que lê um texto descritivo, o leitor constrói para si uma imagem da pessoa, do objeto ou do lugar que está sendo descrito. Sendo assim, as descrições devem ser entendidas como textos que se caracterizam, principalmente, por não apresentarem passagem de tempo.

Os textos descritivos não têm, como os outros tipos estudados, uma estrutura preestabelecida. Normalmente, configuram-se em torno das características do objeto, pessoa ou lugar descrito, organizando-as em categorias que, dependendo do que é retratado, podem ser físicas, psicológicas, visuais, aromáticas, sonoras, visuais, funcionais, sociais, etc.

Entretanto, diferente da narração e da dissertação, a descrição não é uma forma absolutamente autônoma, ou seja, dificilmente encontramos um texto exclusivamente descritivo. O mais comum é encontrarmos sequências descritivas em textos predominantemente narrativos ou dissertativos; nesses casos, a descrição serve para que o autor possa “ilustrar” com palavras o que ele quer que o leitor imagine, como no exemplo a seguir.

Três amigos

Eram duas horas da tarde de um dia de junho, dia de magnífico inverno, nem frio, nem chuva, nem sol. Nem sol, é maneira de dizer; o astro-rei dominava o céu com todo o esplendor dos seus raios; mas os raios eram temperados e brandos. Não era certamente um sol para aquecer lagartixas, mas não o podia haver melhor para quem atravessasse pedestremente o Campo da Aclamação.

A Rua do Ouvidor tinha, então, o movimento do costume. Gente parada em frente ou sentada dentro das lojas, gente que descia, que subia, homens, senhoras, de quando em quando uma vitória ou um tálburi, tudo isso dava à principal rua do Rio de Janeiro um aspecto animado e luzido. Viam-se aqui e ali alguns deputados, trocando notícias políticas ou admirando as senhoras que passavam, coisa muito mais deliciosa que uma discussão a respeito do orçamento da guerra, assunto em que, nesse momento, estava falando o respectivo ministro na Câmara. Também ali estava uma grande parte da área juventude – *la jeunesse dorée* –, comentando o acontecimento do dia ou encarecendo a beleza da moda. Estranharia aquela designação quem reparasse que entre os rapazes havia também algumas suíças grisalhas e outras totalmente brancas. Mas essas suíças podiam responder-lhe que a mocidade não é um aspecto, mas um fato interior, e que o gelo pode cobrir a cumeada da serra sem descer à planície. Planície, neste caso, é sinônimo de coração.

Perto da Rua da Quitanda, entre a livraria Garnier e o escritório do Jornal do Commercio, três moços elegantemente vestidos trocavam algumas últimas palavras. Um deles tinha de seguir para baixo, outro para cima, e o terceiro ia entrar num tálburi, que o estava esperando. O primeiro usava suíças pretas; o segundo a barba toda; o terceiro apenas tinha um bigode castanho esmeradamente encaracolado.

ASSIS, Machado de. *O caminho de Damasco*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

Esses são os três primeiros parágrafos do conto “Três amigos”, de Machado de Assis. Neles, o autor utiliza o recurso da descrição para que o leitor possa visualizar em detalhes toda a cena que dá início à narrativa.

Observe que, primeiramente, o autor descreve o dia e a temperatura, fazendo uma sutil passagem para a descrição do ambiente, da rua, das pessoas que passavam ou que estavam ali por algum motivo, para só então focalizar o seu olhar (ou o olhar do leitor) para os três amigos que são as personagens do enredo. Essa visão panorâmica faz com que o leitor consiga ter uma imagem de toda a cena e possa ser conduzido ao restante da narrativa, contextualizando a história. Essa ótica subjetiva apresentada por Machado de Assis é própria dos textos literários, mas pode aparecer também em textos mais objetivos. A seguir, o trecho de uma redação do tipo dissertativo-argumentativo produzida por um aluno do Ensino Médio é um exemplo disso.

Encostado em um muro, o homem muito magro, cabeça baixa com cabelos brancos e ralos, enrolado em um cobertor que mais parecia um trapo, tremia tanto que do outro lado da calçada podia-se perceber que ele não estava bem. No entanto, todos olhavam aquilo, mas ninguém parava e se preocupava com ele. Afinal, é um morador de rua, que, provavelmente, está tremendo por falta de droga ou bebida.

Quantos de nós passamos por alguém deitado na rua e não olhamos, não nos sensibilizamos, não pensamos como é a vida daquela pessoa. Quantos nos estendem a mão e pedem alguma coisa e viramos o rosto para o lado com medo ou mesmo para não ver – e não sentir – o que não queremos. A humanidade vai de mal a pior. E eu me incluo entre esses “humanos”, que lutam por direitos, que pregoam a solidariedade, que se mobilizam para encontrar um lar para um animal que está na rua, mas que ignoram uma pessoa que está em condições, no mínimo, desumanas.

Observe que o autor introduz o seu texto com um parágrafo descritivo como recurso para contextualizar e ilustrar o assunto que pretende discutir. Esse parágrafo, assim como o trecho de Machado de Assis, apresenta características de subjetividade, uma vez que a intenção do autor é sensibilizar o seu leitor para a falta de humanidade para com as pessoas que estão em situação de rua.

Contudo, em alguns textos, dependendo do gênero textual ao qual pertencem, o tipo descritivo pode ser a tipologia predominante, como no caso de uma certidão, das contas de serviços públicos (água, luz, telefone), de anúncios de venda ou aluguel de bens e até de um currículo. Observe estes exemplos:

Exemplo I

Venha conhecer esse excelente apartamento de cobertura com 250 m², 4 quartos e espaço gourmet, no bairro Santa Fé, em Belo Horizonte. O apartamento é novo, em prédio recém-construído, fica no 10º andar, e tem vista definitiva. Possui cozinha planejada, equipada com forno e *cooktop*, sala espaçosa para dois ambientes, duas suítes com sacada e banheira de hidromassagem e mais dois quartos com armários embutidos. O apartamento tem 2 vagas na garagem. O edifício possui piscina, quadra poliesportiva, academia, salão de jogos, salão de festas e churrasqueira. Para sua segurança, o condomínio possui vigilância 24 horas, controlando o fluxo de entrada e saída dos moradores e visitantes.

Exemplo II



Honda Fit 2017, 40 mil Km, 4 portas, azul com interior em couro preto, piloto automático, A/C, direção hidráulica, espelhos e vidros elétricos, som, alarme. Super barato. (31) 9999-9999.

Diferentemente dos trechos presentes no conto de Machado de Assis e na redação do aluno, os anúncios são predominantemente descritivos, uma vez que privilegiam o uso do presente do indicativo e de tempo verbal que indica ações e estados permanentes. Além disso, como o anúncio quer atrair a atenção de quem quer comprar um imóvel ou um carro, a descrição deve ser objetiva, técnica e detalhada. Assim como em um currículo, em que detalhar a formação, as funções exercidas e os conhecimentos adquiridos é uma maneira de um candidato “vender” sua imagem, como no exemplo a seguir:

Maria da Silva
 28 anos
 Rua do Passeio, 000
 Bairro Prado – Belo Horizonte – MG
 (31) 99999 9999
 mariadasilva@provedor.com

FOTO

Formação acadêmica

- Bacharel em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Idiomas

- Espanhol: leitura intermediária, escrita básica, conversação básica.
- Inglês: leitura intermediária, escrita intermediária, conversação intermediária.

Experiência acadêmica e profissional

- Revisora freelancer | 01/2010 – Atualmente
 Revisão linguística de trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações, teses e artigos acadêmicos, bem como adequação dos textos às normas da ABNT.
- Revisora de língua e estilo | Editora Azul | 08/2011 – 08/2017
 Revisão linguística de materiais didáticos e paradidáticos, bem como adequação das publicações ao padrão editorial.
- Estagiária de Revisão | Editora de Humanas | 04/2010 – 07/2011
 Revisão de artigos e revistas acadêmicas da área de Ciências Humanas e Linguagens.

Arquivo Bernoulli



Descrição

Você sabe distinguir uma descrição das demais tipologias textuais? Nessa videoaula, vamos conhecer as principais características do texto descritivo.



EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (UFES) A busca por um planeta capaz de abrigar vida identificou o mais promissor candidato, até agora, na forma de um mundo distante cerca de 190 trilhões de quilômetros da Terra. Cientistas acreditam que o planeta feito de rocha, como a Terra, está na chamada “zona habitável” de seu sol, onde não é nem muito quente nem muito frio, permitindo a existência de água em estado líquido – que se acredita ser condição essencial para que a vida possa evoluir. É improvável que alguém possa visitar o planeta Gliese 581g pelo menos num futuro próximo, já que se levariam 20 anos viajando à velocidade da luz para chegar lá. Com as atuais espaçonaves, a viagem demoraria muitos milhares de anos. O planeta foi batizado em função do nome de sua estrela, Gliese 581, uma anã vermelha na constelação de Libra. O Gliese 581g é o sexto planeta de seu sistema solar. O novo planeta foi descoberto por astrônomos americanos liderados por Steve Vogt, da Universidade da Califórnia.

DESCOBERTO planeta parecido com a Terra que seria capaz de abrigar vida. Disponível em: <oglobo.globo.com/ciencia/mat>. Acesso em: 29 set. 2010 (Adaptação).

Considerando as informações contidas no texto, elabore uma narrativa de ficção na qual um personagem seja narrador e outro, um habitante de Gliese 581g.

- 02.** (UEL-PR)

Texto I

Gente venenosa: os sabotadores

Não há como afirmar que existe alguém totalmente bom ou totalmente mau como nas maniqueístas histórias infantis. Mas em determinadas situações há pessoas de personalidade difícil, que potencializam as fragilidades de quem está a sua volta, semeando frustrações e desestruturando sonhos alheios. Atitudes que, em resumo, envenenam. O terapeuta familiar argentino Bernardo Stamateas identificou essas pessoas, cunhou o termo “gente tóxica” e falou sobre elas no livro *Gente tóxica* – como lidar com pessoas difíceis e não ser dominado por elas. Assim como uma maçã estragada em uma fruteira é capaz de contaminar as outras frutas boas, as pessoas tóxicas, segundo Stamateas, tendem a envenenar a vida, plantar dúvidas e colocar uma pulga atrás da orelha de qualquer um. A vilania da situação reside no fato de que gente tóxica está sempre à espera da queda ou da frustração de alguém próximo para, então, assumir o papel de protagonista. “Eles (os tóxicos) se sentem intocáveis e com capacidade de ver a palha no olho do outro e não no seu”, comenta o autor.

BRAVOS, M. Gente venenosa: os sabotadores. *Gazeta do povo*. Paraná, 19 set. 2010. Suplemento Viver Bem. p. 6.

Texto II

BENETT



JORNAL DE LONDRINA. p. 22, 19 out. 2010.

Com base no texto e na tira, redija uma narrativa, envolvendo personagens cujo comportamento desconsidera os sentimentos das pessoas, bem como “intoxica” as relações interpessoais.

- 03.** (UNIRIO-RJ) Dunas de areia estendem-se ao longo de toda a praia de Lagoa do Mato. Fora do circuito tradicional do litoral cearense, Lagoa do Mato lembra a sua vizinha Canoa Quebrada antes de ser descoberta e ganhar uma infraestrutura que hoje inclui até restaurante francês. Em Lagoa do Mato não há nada parecido. É um lugar de beleza exótica e agreste. As montanhas de areia estão cobertas por murici, plantinha verde de folhas pequenas que tem 90% do seu caule soterrado pela areia.

VEJA. 1996.

- A) Qual o tipo de composição do texto?
- B) Justifique sua resposta anterior com dados do próprio texto.

- 04.** (UFES–2015) Imagine que você faça parte de um grupo de trabalho que, para fazer do lugar em que você mora melhor do que é, tenha proposto a construção de um espaço cultural.

Faça uma descrição, em prosa, de como poderia ser esse espaço.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: o trecho a seguir, extraído do texto “Revolução na Igreja”, serve de referência para responder às questões **01** e **02**.

Dona Petronilha – vamos chamá-la assim, pois como não conheço mesmo ninguém com esse nome, servirá ele para batizar essa dama. Dama que existiu com sua voz macia e olhos de aço, [...]. Falar com Dona Petronilha era falar em alma piedosa, sem orgulho, pronta para descer de seu pedestal para se dedicar às obras de caridade que o jornal local apregoava e que o padre mencionava com fatura de detalhes nos sermões de domingo. Tinha cadeira cativa na igreja, controle total das quermesses no Largo do Jardim, nome gravado no mármore da biblioteca e opinião acatada pelo juiz quando a pequena sala do fórum se agitava nos julgamentos locais. Afinal, quem ajudou a reconstruir a cadeia?

[...]

Lembro-me agora da figura bem desenhada de dona Petronilha, a de voz macia e olhos de aço. E vejo nessa figura de minha infância o símbolo da burguesia diante da qual se curvavam os poderes públicos e a igreja.

[...]

TELLES, Lygia Fagundes. *A disciplina do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- 01.** (UEMA–2017) Ao ressaltar as virtudes de Dona Petronilha, o narrador sugere ao leitor que a narrativa versará sobre
- A) a condição social da mulher.
 - B) o exercício da solidariedade.
 - C) a omissão do poder público.
 - D) o trabalho assistencialista da igreja.
 - E) os conflitos sociais oriundos da vida religiosa.
- 02.** (UEMA–2017) O fragmento em que ocorre contundente subjetividade na crítica feita à dona Petronilha é:
- A) “Falar com Dona Petronilha era falar em alma piedosa, sem orgulho, pronta para descer de seu pedestal [...]”.
 - B) “Dona Petronilha – vamos chamá-la assim, pois como não conheço mesmo ninguém com esse nome, [...]”.
 - C) “E vejo nessa figura de minha infância o símbolo da burguesia diante da qual se curvavam os poderes públicos e a igreja.”
 - D) “Tinha cadeira cativa na igreja, controle total das quermesses no Largo do Jardim, [...]”.
 - E) “Afinal, quem ajudou a reconstruir a cadeia?”.



- 03.** (UEMA–2017)

[...]

Almiro foi o primeiro dos Capitães da Areia que caiu com alastrim. Uma noite, quando o negrinho Barandão o procurou no seu canto para fazer o amor (aquele amor que Pedro Bala proibira no trapiche), Almiro lhe disse:

– Tou com uma coceira danada.

Mostrou os braços já cheios de bolhas a Barandão:

– Parece que também tou queimando de febre.

[...]

Os meninos foram se levantando aos poucos e se afastando receosos do lugar onde estava Almiro. Este começou a soluçar. Pedro Bala não tinha chegado ainda. Professor, o Gato e João Grande também andavam por fora. Daí ter sido o Sem-Pernas quem dominou a situação. O Sem-Pernas nestes últimos tempos andava cada vez mais arreadio, quase não falava com ninguém. Fazia espantosas burlas de todo mundo, por tudo puxava uma briga, [...]

Barandão o olhou assustado. Depois, Sem-Pernas falou para todos, apontando Almiro com o dedo:

– Ninguém aqui vai ficar bexiguento só por causa deste fresco.

Todos o olhavam, esperando o que ele diria. Almiro soluçava, as mãos no rosto, encolhido na parede. Sem-pernas falava:

- Ele vai sair daqui agorinha mesmo. Vai se meter em qualquer canto da rua até que os mata-cachorro da saúde pegue ele e leve pro lazareto.
- Não. Não - rugiu Almiro.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Embora a narrativa de *Capitães da Areia* seja em terceira pessoa, o narrador utiliza estratégias para revelar pontos de vista individualizados ou dar enfoque explicativo a um dado que julga importante. Essa característica está exemplificada no trecho:

- A) [...] Barandão o procurou no seu canto para fazer o amor (aquele amor que Pedro Bala proibira no trapiche), [...]"
- B) "Almiro foi o primeiro dos capitães da areia que caiu com alastrim".
- C) "Almiro soluçava, as mãos no rosto, encolhido na parede".
- D) "mostrou os braços já cheios de bolhas a Barandão:"
- E) "todos o olhavam, esperando o que diria".

04. (Ibmec)

A incapacidade de ser verdadeiro

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões da independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem a sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

- Não há o que fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O sorvete e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1993.

No texto, ocorre o discurso direto. Transposto adequadamente para o discurso indireto, teríamos:

- A) Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça e disse a Dona Coló que não havia o que fazer, pois aquele menino era mesmo um caso de poesia.
- B) Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça dizendo que Dona Coló não há o que fazer, sendo o menino um caso mesmo de poesia.

- C) Como não haveria o que fazer, após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça olhando para Dona Coló. Esse menino é mesmo um caso de poesia.
- D) Disse o Dr. Epaminondas, após o exame, que Dona Coló não há o que fazer e que este menino é mesmo um caso de poesia.
- E) Após o exame, o Dr. Epaminondas lamentou que o menino fosse mesmo um caso de poesia. Dona Coló nada poderia fazer.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **05** e **06**.

Entre o espaço público e o privado

Excluídos da sociedade, os moradores de rua ressignificam o único espaço que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu "lugar", um espaço privado. Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas dormindo nas calçadas, passando por situações constrangedoras, pedindo esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das pessoas que fazem da rua sua casa e nela constroem sua intimidade. Assim, a ideia de individualização que está nas casas, na separação das coisas por cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, ganha outro sentido. O viver nas ruas, um lugar aparentemente inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social foram sempre precedidas de mudanças físicas de local. Por mais que a rua não seja um local para viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, senão única, a mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação é um ponto base e adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que "o quarto de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e invisíveis vedam os aspectos mais 'privados', 'íntimos', irrepreensivelmente 'animais' da nossa existência à vista de outras pessoas".

O modo como essas pessoas constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em "seu lugar", que aproximaram, cada um à sua maneira, dois mundos nos quais estamos inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. *Moradores de uma terra sem dono*. Disponível em: <<http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>. Acesso em: 21 ago. 2014>. [Fragmento adaptado]

- 05.** (PUC RS-2015) Pela leitura do texto, é possível concluir que
 - A) os moradores de rua não têm preocupação com sua intimidade.
 - B) aqueles que fazem da rua sua casa dão um novo significado para seus objetos pessoais.
 - C) as ruas têm uma lógica própria de funcionamento, que inviabiliza a proteção do indivíduo.
 - D) os excluídos constroem nas ruas limites invisíveis para substituir o espaço que lhes é vedado.
 - E) os aspectos mais violentos da existência humana são expostos por aqueles que vivem na rua.

- 06.** (PUC RS-2015) Analise as afirmações a seguir sobre a organização das ideias no texto, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).
 - () A sequência descritiva do primeiro parágrafo confere concretude às ideias apresentadas.
 - () Há uma relação de oposição entre as duas últimas frases do primeiro parágrafo.
 - () O segundo parágrafo discorre sobre as causas da situação, apresentando argumentos baseados em dados históricos.
 - () A última frase do texto reforça o ponto de vista do autor e propõe uma solução para o problema discutido.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

 - A) V - F - V - F
 - B) V - F - F - F
 - C) F - F - F - V
 - D) V - V - V - F
 - E) F - V - F - V

Instrução: Para responder às questões **07** e **08**, leia o seguinte texto, em que a autora, colunista de gastronomia, recorda cenas de sua infância.

Uma tia-avó

Fico abismada de ver de quanta coisa não me lembro. Aliás, não me lembro de nada.

Por exemplo, as férias em que eu ia para uma cidade do interior de Minas, acho que nem cidade era, era uma rua, e passava por Belo Horizonte, onde tinha uma tia-avó.

Não poderia repetir o rosto dela, sei que muito magra, vestido até o chão, fantasma em cinzentos, levemente muda, deslizando por corredores de portas muito altas.

O clima da casa era de passado embrulhado em papel de seda amarfanhado, e posto no canto para que não se atrevesse a voltar à tona. Nem um riso, um barulho de copos tinindo. Quem estava ali sabia que quanto menos se mexesse menor o perigo de sofrer. Afinal o mundo era um vale de lágrimas.

A casa dava para a rua, não tinha jardim, a não ser que você se aventurasse a subir uma escada de cimento, lateral, que te levava aos jardins suspensos da Babilônia.

Nem precisava ser sensível para sentir a segura, a geometria esturricada dos canteiros sob o céu de anil de Minas. Nada, nem uma flor, só coisas que espetavam e buxinhos com formatos rígidos e duras palmas e os urubus rodando alto, em cima, esperando... O quê? Segredos enterrados, medo, sentia eu destrambelhando escada abaixo.

Na sala, uma cristaleira antiga com um cacho enorme de uvas enroladas em papel brilhante azul.

Para mim, pareciam uvas de chocolate, recheadas de bebida, mas não tinha coragem de pedir, estavam lá ano após ano, intocadas. A avó, baixinho, permitia, "Quer, pode pegar", com voz neutra, mas eu declinava, doída de desejo.

Das comidas comuns da casa, não me lembro de uma couvinha que fosse, não me lembro de empregadas, cozinheiras, sala de jantar, nada.

Enfim, Belo Horizonte para mim era uma terra triste, de mulheres desesperadas e mudas enterradas no tempo, chocolates sedutores e proibidos. Só valia como passagem para a roça brilhante de sol que me esperava.

HORTA, Nina. *Folha de S. Paulo*. 17 jul. 2013 (Adaptação).

- 07.** (FGV-SP-2015) Dentre as reminiscências da autora, há algumas que têm um caráter negativo ou desagradável, e outras, um caráter positivo ou agradável. Essa oposição distingue o que está descrito nos dois trechos citados em
 - A) "fantasma em cinzento"; "geometria esturricada".
 - B) "vale de lágrimas"; "buxinhos com formato rígido e duras palmas".
 - C) "passado embrulhado em papel de seda amarfanhado"; "uvas de chocolate".
 - D) "urubus rodando alto"; "segredos enterrados".
 - E) "jardins suspensos da Babilônia"; "cachos enormes de uvas enroladas em papel brilhante azul".

- 08.** (FGV-SP-2015) Considerando-se os elementos descritivos presentes no texto, é correto apontar, nele, o emprego de
 - A) estruturas sintáticas que reforçam a objetividade das observações da autora.
 - B) substantivos e adjetivos que expressam afetividade na apresentação do que está sendo descrito.
 - C) neutralidade mais acentuada na caracterização das pessoas do que na das coisas.
 - D) palavras (substantivos, adjetivos e verbos) que destacam traços exteriores das pessoas, em detrimento da análise de sua interioridade.
 - E) referências genéricas aos objetos recordados, o que evita atribuir-lhes particularidades concretas.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2018) Vó Clarissa deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta. Beatriz ecoou a palavra como pergunta, “o que é lésbica?”. Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contraí o peito, esperando o tiro. [...]

[...] Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar.

POLESSO, N. B. *Vó, a senhora é lésbica? Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015. [Fragmento]

A situação narrada revela uma tensão fundamentada na perspectiva do

- A) conflito com os interesses de poder.
- B) silêncio em nome do equilíbrio familiar.
- C) medo instaurado pelas ameaças de punição.
- D) choque imposto pela distância entre as gerações.
- E) apego aos protocolos de conduta segundo os gêneros.

02. (Enem–2018) Somente uns tufos secos de capim empedrados crescem na silenciosa baixada que se perde de vista. Somente uma árvore, grande e esgalhada mas com pouquíssimas folhas, abre-se em farrapos de sombra. Único ser nas cercanias, a mulher é magra, ossuda, seu rosto está lanhado de vento. Não se vê o cabelo, coberto por um pano desidratado. Mas seus olhos, a boca, a pele – tudo é de uma aridez sufocante. Ela está de pé. A seu lado está uma pedra. O sol explode.

Ela estava de pé no fim do mundo. Como se andasse para aquela baixada largando para trás suas noções de si mesma. Não tem retratos na memória. Desapossada e despojada, não se abate em autoacusações e remorsos. Vive. Sua sombra somente é que lhe faz companhia. Sua sombra, que se derrama em traços grossos na areia, é que adoça como um gesto a claridade esquelética. A mulher esvaziada emudece, se dessangra, se cristaliza, se mineraliza. Já é quase de pedra como a pedra a seu lado. Mas os traços de sua sombra caminham e, tornando-se mais longos e finos, esticam-se para os farrapos de sombra da ossatura da árvore, com os quais se enlaçam.

FRÓES, L. *Vertigens*: obra reunida. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Na apresentação da paisagem e da personagem, o narrador estabelece uma correlação de sentidos em que esses elementos se entrelaçam. Nesse processo, a condição humana configura-se

- A) amalgamada pelo processo comum de desertificação e de solidão.
- B) fortalecida pela adversidade extensiva à terra e aos seres vivos.
- C) redimensionada pela intensidade da luz e da exuberância local.
- D) imersa num drama existencial de identidade e de origem.
- E) imobilizada pela escassez e pela opressão do ambiente.

03. (Enem)

Manta que costura causos e histórias no seio de uma família serve de metáfora da memória em obra escrita por autora portuguesa

O que poderia valer mais do que a manta para aquela família? Quadros de pintores famosos? Joias de rainha? Palácios? Uma manta feita de centenas de retalhos de roupas velhas aquecia os pés das crianças e a memória da avó, que a cada quadrado apontado por seus netos resgatava de suas lembranças uma história. Histórias fantasiosas como a do vestido com um bolso que abrigava um gnomo comedor de biscoitos; histórias de traquinagem como a do calção transformado em farrapos no dia em que o menino, que gostava de andar de bicicleta de olhos fechados, quebrou o braço; histórias de saudades, como o avental que carregou uma carta por mais de um mês... Muitas histórias formavam aquela manta. Os protagonistas eram pessoas da família, um tio, uma tia, o avô, a bisavó, ela mesma, os antigos donos das roupas. Um dia, a avó morreu, e as tias passaram a disputar a manta, todas a queriam, mais do que aos quadros, joias e palácios deixados por ela. Felizmente, as tias conseguiram chegar a um acordo, e a manta passou a ficar cada mês na casa de uma delas. E os retalhos, à medida que iam se acabando, eram substituídos por outros retalhos, e novas e antigas histórias foram sendo incorporadas à manta mais valiosa do mundo.

LASEVICIUS, A. *Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 76, 2012 (Adaptação).

A autora descreve a importância da manta para aquela família, ao verbalizar que “novas e antigas histórias foram sendo incorporadas à manta mais valiosa do mundo”. Essa valorização evidencia-se pela

- A) oposição entre os objetos de valor, como joias, palácios e quadros, e a velha manta.
- B) descrição detalhada dos aspectos físicos da manta, como cor e tamanho dos retalhos.

- C) valorização da manta como objeto de herança familiar disputado por todos.
- D) comparação entre a manta que protege do frio e a manta que aquecia os pés das crianças.
- E) correlação entre os retalhos da manta e as muitas histórias de tradição oral que os formavam.

04. (Enem)

No capricho

O Adãozinho, meu cumpade, enquanto esperava pelo delegado, olhava para um quadro, a pintura de uma senhora. Ao entrar a autoridade e percebendo que o cabôco admirava tal figura, perguntou: “Que tal? Gosta desse quadro?”

E o Adãozinho, com toda a sinceridade que Deus dá ao cabôco da roça: “Mas pelo amor de Deus, hein, dotô! Que muié feia! Parece fiote de cruiz-credo, parente do deus-me-livre, mais horrível que briga de cego no escuro.”

Ao que o delegado não teve como deixar de confessar, um pouco secamente: “É a minha mãe.” E o cabôco, em cima da bucha, não perde a linha: “Mais dotô, inté que é uma feiura caprichada.”

BOLDRIN, R. *Almanaque Brasil de Cultura Popular*. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, n. 62, 2004 (Adaptação).

Por suas características formais, por sua função e uso, o texto pertence ao gênero

- A) anedota, pelo enredo e humor característicos.
- B) crônica, pela abordagem literária de fatos do cotidiano.
- C) depoimento, pela apresentação de experiências pessoais.
- D) relato, pela descrição minuciosa de fatos verídicos.
- E) reportagem, pelo registro impessoal de situações reais.

05. (Enem)

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: <<http://www.passeiweb.com>>. Acesso em: 01 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

- A) fatos ficcionais relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- B) representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- C) explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- D) questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- E) apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

06. (Enem–2016)

Instruções para a redação

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada “texto insuficiente”.
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

Textos motivadores

Texto I

Ascendendo à condição de trabalhador livre, antes ou depois da abolição, o negro se via jungido a novas formas de exploração que, embora melhores que a escravidão, só lhe permitiam integrar-se na sociedade e no mundo cultural, que se tornaram seus, na condição de um subproletariado compelido ao exercício de seu antigo papel, que continuava sendo principalmente o de animal de serviço. [...] As taxas de analfabetismo, de criminalidade e de mortalidade dos negros são, por isso, as mais elevadas, refletindo o fracasso da sociedade brasileira em cumprir, na prática, seu ideal professado de uma democracia racial que integrasse o negro na condição de cidadão indiferenciado dos demais.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. [Fragmento]

Texto II

LEI N. 7 716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989

Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor

Art. 1º – Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 maio 2016. [Fragmento]

Texto III



Disponível em: <www12.senado.leg.br>. Acesso em: 25 maio 2016.

Texto IV

O que são ações afirmativas

Ações afirmativas são políticas públicas feitas pelo governo ou pela iniciativa privada com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos.

Uma ação afirmativa busca oferecer igualdade de oportunidades a todos. As ações afirmativas podem ser de três tipos: com o objetivo de reverter a representação negativa; para promover igualdade de oportunidades; e para combater o preconceito e o racismo.

Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por unanimidade que as ações afirmativas são constitucionais e políticas essenciais para a redução de desigualdades e discriminações existentes no país.

No Brasil, as ações afirmativas integram uma agenda de combate à herança histórica de escravidão, segregação racial e racismo contra a população negra.

Disponível em: <www.seppir.gov.br>. Acesso em: 25 maio 2016. [Fragmento]

Proposta de Redação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema “Caminhos para combater o racismo no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

07.

Texto I

Internautas pedem que Globo reaja a casos de racismo no BBB

A hashtag #bastaderacismoBBB está entre as mais comentadas no Brasil, após declaração do participante Maycon

A hashtag #bastaderacismoBBB está entre as mais comentadas no Brasil, com cerca de 22 mil tweets neste domingo 10 [02 / 2019]. A maioria das reações refere-se a uma atitude do participante Maycon, de 27 anos, barman na cidade de Piuhi, Minas Gerais.

O *brother* disse que sentiu uma energia negativa após ver uma cena entre os participantes Rodrigo, 40 anos, cientista social especializado em direitos humanos, do Rio de Janeiro, e Gabriela, 32 anos, designer gráfica e percussionista de Ribeirão Preto, São Paulo.

De acordo com as postagens na Internet, Rodrigo e Gabriela se emocionam ao ouvir a música “Identidade”, composta pelo sambista Jorge Aragão. De mãos dadas, os dois ficam em silêncio, reflexivos, com a letra que diz, em um trecho: “Quem cede a vez não quer vitória Somos herança da memória Temos a cor da noite Filhos de todo açoite Fato real de nossa história”.

Maycon, que via a cena de uma cadeira na área externa da casa, relata ao participante Diego que sentiu um “arrepio e que começou a tocar umas músicas esquisitas”. Maycon disse que, ao olhar para os dois, começou a escutar “uns negócios”, “não faça igual eles”, “aí veio Jesus Cristo na minha mente”, “Se você fizer igual eles, eles ganham mais força”. A declaração de Maycon rapidamente gerou repercussão nas redes sociais, que o acusam de racismo. [...]

Nas redes, internautas pedem que a Globo tome atitudes diante os acontecidos e inclusive comparam a falta de respostas por parte da emissora com o encaminhamento dado a casos parecidos nas edições do Big Brother realizados nos Estados Unidos e Inglaterra. [...]

CARTA CAPITAL. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/internautas-pedem-que-globo-reaaja-casos-de-racismo-no-bbb/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

[Fragmento]

Texto II

Jovem quer desenvolver app para troca e doação de chuteiras

[...]

O jovem Vinícius de Oliveira, 14, adora futebol, assim como muitos garotos de sua idade. Morador de Santa Rosa, comunidade de Niterói (RJ), sua família não tem condições de comprar chuteiras novas à medida que o meio-campista cresce – até hoje, já foram quatro doadas a crianças menores e ele divide a atual com o irmão. Para tentar vencer essa barreira, ele pensou em um aplicativo para troca e doação dos tênis. “Quero evitar o desperdício de dinheiro e de ter que ficar jogando chuteira fora, principalmente para quem mora em comunidade e não dinheiro para ficar comprando uma nova”, explica. “O app iria ajudar a doar ou trocar com outras pessoas que precisam.”

A ideia veio durante o Bora Transformar, evento com painéis e oficinas que reúne jovens, lideranças sociais e educadores para estimular os participantes a descobrir o potencial transformador da tecnologia. Ao longo da programação, eles entram em contato com empreendedores sociais da área e são motivados em um negócio ou ideia para resolver um problema social utilizando a tecnologia.

O formato da iniciativa, que teve sua última edição realizada no Rio por Microsoft e Recode – organização fundada pelo empreendedor social da Rede Schwab Rodrigo Baggio – no fim de maio, desperta os jovens para a possibilidade de empreender e tirar sonhos do papel.

É o caso também da estudante Gabriela Muniz, 19, também moradora de Niterói. No momento, ela estuda para o vestibular de Psicologia e pensou em um aplicativo que democratize a área, conectando cada jovem com um psicólogo recém-formado interessado em adquirir experiência profissional como voluntário. “O app daria acesso à psicologia social. O curso de inteligência emocional seria para mostrar que é possível realizar seus sonhos”, afirma a jovem. “Seria algo de mão dupla, em que as duas partes saem ganhando. Poderia começar com cursos *online* e mudar para outros jeitos.” [...]

PAMPLONA, Patricia. *Folhapress*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/06/app-para-doacao-de-chuteiras-social-integra-acao-de-empoderamento-digital.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2019. [Fragmento]

Texto III

5 hashtags engajadas que fizeram sucesso em 2017



A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema “Como a tecnologia pode ser usada a favor de uma sociedade mais solidária?”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. Para atender a essa proposta, deve-se imaginar, inicialmente, uma situação em que fosse possível um encontro entre um terráqueo (narrador) e um habitante de Gliese 581g, planeta recém-descoberto e adequado à existência de vida similar à humana. Para que a narrativa tenha verossimilhança, deve ser explicado como foi possível esse encontro, situando o narrador em um futuro próximo ou distante. Desse modo, pode-se usar a apresentação da narrativa para situar o leitor nesse contexto. A narrativa deve ter seu conflito centrado no encontro entre o narrador-personagem e um habitante do planeta longínquo. Assim, pode-se pensar, por exemplo, nas reações entre as personagens e se o encontro será amigável ou hostil; é possível justificar essas reações de acordo com as características que atribuir ao habitante de Gliese 581g ou com as intenções do personagem-narrador. É importante, também, que planeje um desfecho para a narrativa. Cabe observar que, nesse desfecho, pode estar contida uma explicação para a narração, expondo, por exemplo, o motivo pelo qual o narrador resolveu relatar o encontro ou o modo pelo qual retornou – ou não – à Terra. Deve-se dar um título à sua redação, bem como utilizar a norma-padrão, ainda que a narrativa comporte uma linguagem mais informal, subjetiva e conotativa.
- 02. Para compor o texto, deve-se criar uma narrativa em que a personagem antagonista tenha o perfil descrito no texto “Gente venenosa: os sabotadores”. O conflito nessa narrativa deve originar-se da atuação do antagonista sobre outra personagem qualquer. A narrativa será mais adequada ao comando do enunciado quanto mais for irrelevante – ou até inexistente – o problema dessa personagem, o qual será ampliado – ou criado – pelo antagonista. É interessante, nesse caso, mostrar que tal problema não existiria ou seria facilmente superado caso ninguém atuasse de modo a ressaltá-lo e maximizá-lo. A intenção da personagem antagonista pode ser a de obter algo que pertence – ou simplesmente a de inferiorizar a outra personagem a fim de escamotear suas próprias frustrações ou sua baixa autoestima. O desfecho – com a resolução do conflito – pode ser em favor de uma ou de outra personagem. Deve-se cuidar para resguardar a coerência da narrativa, fazendo a narração apenas no presente ou apenas no passado. É possível fazer a opção de misturar os dois tempos, mas, nesse caso, deve-se ter cuidado redobrado para não comprometer a coerência temporal. É possível escolher o narrador da história, podendo ser, assim, um narrador-personagem – foco em primeira pessoa –, um narrador-observador ou um narrador-onisciente – foco em terceira pessoa.
- 03.
 - A) Descrição.
 - B) Utilização de pormenores individualizantes (“As montanhas de areia estão cobertas por murici, plantinha verde de folhas pequenas que tem 90% do seu caule soterrado pela areia”); adjetivação para caracterizar o substantivo descrito (“exótica”, “agreste”); presença de verbos de estado (“é”, “estão”).

- 04. Nessa proposta, deve-se redigir a descrição, em prosa, de um espaço cultural que melhore a qualidade de vida de um lugar. É possível, portanto, descrever um espaço em que diversas atividades culturais, como música, literatura, artes plásticas, dança e teatro, possam ser facilmente desenvolvidas. Assim, pode-se, por exemplo, descrever uma sala com instrumentos musicais, uma com estantes de livros e outra com materiais de pintura e desenho, como telas, pincéis e cavaletes. Independentemente das características do lugar imaginado, é importante que o texto se estruture de acordo com o tipo descritivo, basicamente girando em torno das características físicas e funcionais do lugar apresentado, utilizando-se, especialmente, de adjetivos.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. B ○ 03. A ○ 05. D ○ 07. C
- 02. C ○ 04. A ○ 06. B ○ 08. B

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. B ○ 03. E ○ 05. E
- 02. A ○ 04. A
- 06. Nessa proposta, deve-se refletir sobre soluções possíveis para combater o racismo no Brasil. Os textos motivadores apontam para a situação dos negros no país, que reflete o fracasso da sociedade brasileira em integrar os negros após a abolição. Os textos também apontam para a existência de uma lei que criminaliza o racismo e, ainda, para a importância das chamadas “ações afirmativas”, políticas destinadas a diminuir a desigualdade racial no país. Diante dessas informações, é preciso focar em propostas, para além das apresentadas no texto, que ajudariam no combate ao racismo. Nesse sentido, é interessante refletir sobre a necessidade de colaboração individual para a solução do problema, que não deve estar na mão apenas do Estado, mas que diz respeito, também, à noção de respeito entre os cidadãos. Para isso, é interessante demonstrar com dados e exemplos caminhos que podem ser mostrados úteis no combate ao racismo. É importante estruturar o texto de acordo com a tipologia dissertativo-argumentativa, apresentando uma tese e defendendo-a com argumentos plausíveis. O texto deve, ainda, ser redigido de maneira clara, coerente e coesa, de acordo com a norma-padrão da língua.
- 07. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo em que se apresentem dados e referências colhidos da observação da realidade, por exemplo, sobre ações solidárias, doações atemporais de cidadãos comuns, voluntariados em diversos locais, como creches, acidentes, desastres ambientais. É preciso, por sua vez, recorrer a conhecimentos prévios para entender esses eventos sociais comuns e, assim, chegar à conclusão de como a tecnologia permitirá que mais ações como essas possam ocorrer em inúmeros lugares. A proposta de intervenção, dessa maneira, deverá ser uma reflexão no seguinte sentido: será que há uma educação real quanto à tecnologia e causas sociais? Todos no país possuem acesso à tecnologia? Deve-se compreender, claro, que tecnologia não é apenas rede social ou Internet, podendo ser extrapolada a questão dos textos motivadores.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Gêneros Jornalísticos

Este módulo é dedicado ao estudo de textos jornalísticos e apresenta as principais características funcionais e linguísticas de alguns dos gêneros que são veiculados em jornais e revistas de grande circulação: editorial, artigo de opinião, crônica argumentativa, notícia, reportagem e resenha.

Diferentemente das notícias e reportagens, gêneros que têm como objetivo principal informar sobre um fato ou assunto, o artigo de opinião e o editorial são textos fundamentalmente argumentativos, ou seja, visam defender uma opinião sobre o assunto que abordam e fazem isso de modo explícito. Da mesma forma, a crônica argumentativa e a resenha apresentam traços marcantes da subjetividade do autor, em que pontos de vista e opiniões são ainda mais explícitos. Apesar dessas particularidades, os gêneros jornalísticos, em geral, possuem algumas características comuns, principalmente as que estão relacionadas à linguagem. Sendo assim, conheceremos as semelhanças que existem entre eles e que, sem dúvida, são determinadas pelo contexto em que esses gêneros se manifestam. Em seguida, estudaremos de forma detalhada as particularidades de cada um desses gêneros.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

Os textos jornalísticos são, com frequência, expositivos, ou seja, apresentam os fatos e suas circunstâncias, acompanhados, conforme o gênero do texto, da análise de causas e efeitos, de forma aparentemente neutra ou não.

Em geral, recomenda-se que as informações e ideias sejam abordadas com clareza e objetividade, mas não se deve confundir essa característica com neutralidade, pois o jornalista revela seu posicionamento, ainda que não utilize verbos na primeira pessoa. Na perspectiva do jornalismo moderno, o leitor exige o posicionamento de quem escreve, porque tem a consciência de que nenhum discurso pode, realmente, ser neutro. Ao se escrever um texto jornalístico, portanto, são considerados a proximidade e a relevância do fato, o impacto, as consequências, o interesse pessoal e / ou humano, a originalidade e / ou humor, a repercussão. Frequentemente, o texto fundamenta-se em três perspectivas: o quê (a informação), o porquê (a interpretação) e o juízo de valor (a opinião).

A redação jornalística segue a regra primordial de abordar o fato de forma simples, de modo a escrever para se fazer entender sem maior dificuldade. Por isso, evitam-se o vocabulário raro ou rebuscado, a adjetivação excessiva e a sintaxe de exceção.

Em geral, as normas de linguagem a serem observadas são as seguintes:

- Usar linguagem simples, acessível, inclusive, a pessoas com baixa escolaridade.
- Redigir frases preferencialmente na ordem direta: sujeito + verbo + complementos de natureza substantiva, adverbial ou determinantes de natureza adjetiva (predicativos).
- Preferir verbos na voz ativa.
- Utilizar palavras fáceis e de uso cotidiano.
- Explicitar siglas, sempre que elas forem utilizadas.
- Evitar adjetivação excessiva.
- Escrever de forma leve, concisa e agradável.
- Utilizar frases mais curtas, com dois ou três períodos.
- Evitar o superlativo (importantíssimo, muito especial, por exemplo).
- Evitar gírias. Não se preocupar em criar um estilo.
- Preferir a coordenação à subordinação, evitando usar períodos longos e complexos, principalmente ao redigir uma notícia. No caso de um artigo de opinião ou de um editorial, são recomendáveis estruturas frasais mais complexas e vocabulário menos cotidiano, dado que a argumentação evidencia a complexidade do pensamento.

EDITORIAL

O editorial é um tipo de texto que se caracteriza pela manifestação explícita da opinião de um órgão de imprensa sobre um fato importante no âmbito nacional ou internacional. De acordo com Sodré e Ferrari, no livro *Técnica de redação: o texto nos meios de informação*, o editorial deve apresentar

[...] um diagnóstico e uma “receita” para uma questão em pauta. Há um certo dogmatismo em todo editorial que, em consequência, é marcado pela adjetivação, por juízos de ponderação, reclamação ou indignação [...].

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena.

Técnica de redação: o texto nos meios de informação.

Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

De natureza dissertativo-argumentativa, esse gênero textual apresenta, normalmente, a seguinte estrutura:

- **Introdução:** contextualiza a questão a ser analisada, apresentando uma tese.
- **Desenvolvimento:** traz os argumentos que sustentam a análise; normalmente apresenta estratégias argumentativas, como exemplificações, comparações, depoimentos, exposição de dados estatísticos (argumento por comprovação), citações, alusões históricas, etc.
- **Conclusão:** apresenta, de forma concisa e direta, a posição do órgão de imprensa (jornal, revista, etc.) a respeito da questão abordada, como decorrência da argumentação utilizada.

Outra característica do editorial é que ele sempre tem um título, que normalmente é informativo e antecipa ao leitor o assunto tratado.

Leia o seguinte editorial publicado na *Folha de S. Paulo* no dia 12 de janeiro de 2018.

Alerta Amarelo

Folhapress

Após os traumas com os surtos de zika e chikungunya e o temor de um descontrole epidemiológico similar com a febre amarela no ano passado, desta feita o governo federal se move com mais presteza.

Na prática, o Ministério da Saúde admite que o país não dispõe de estoque suficiente de vacinas para fazer o necessário bloqueio nas regiões em risco. Não há outra razão para recorrer ao fracionamento de doses anunciado na terça-feira (9), medida emergencial que tem apoio da Organização Mundial da Saúde (OMS). Com exceções como crianças de 9 meses a 2 anos e gestantes, a maior parte dos 19,7 milhões de pessoas em três Estados (SP, RJ e BA) no fulcro da campanha de vacinação, que se inicia em fevereiro, receberá um quinto da quantidade normal do imunizante. Estudos comprovam que tal dose garante pelo menos oito anos de proteção.

O expediente teve sucesso na República Democrática do Congo, onde o fracionamento permitiu vacinar 7,8 milhões de habitantes em 15 dias, estancando a epidemia. No Brasil, o ministro da Saúde, Ricardo Barros, anunciou em setembro o fim do surto de febre amarela do primeiro semestre de 2017. De julho para cá, confirmaram-se 11 casos humanos entre 381 ocorrências investigadas, além de 358 infecções em macacos.

Para impedir um novo surto, a estratégia é vacinar 95% da população próxima aos locais onde ocorreram tais eventos de epizootia, pois é depois de picar animais doentes que o mosquito transmite o vírus a seres humanos. O plano abrange 53 municípios em São Paulo, 15 no Rio e 8 na Bahia. O Espírito Santo fica fora da campanha porque 85% da população foi imunizada em 2017. No território paulista, os alvos se concentram no litoral e no Vale do Paraíba. Dos 6,3 milhões de habitantes por atender no Estado, 1,4 milhão receberá a dose integral, e 4,9 milhões, a fracionada.

No ano passado, o Ministério da Saúde distribuiu 46,3 milhões de doses, 12,7 milhões para a vacinação de rotina em áreas com recomendação permanente de imunização e 33,6 milhões de doses extras. Com a grande procura nos postos de saúde, os estoques se reduziram de modo rápido.

A situação é de alerta, não de alarmismo. Como prega a campanha federal, deve-se confiar no que as autoridades de saúde indicam para cada caso, mas a vacina deve ser reservada para quem precisa. Caso contrário, nem o fracionamento será suficiente.

ALERTA AMARELO. *Folha de S. Paulo*. Publicado em: 12 jan. 2018. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/01/1949839-alerta-amarelo.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

Como se observa, o título do editorial antecipa o assunto: a febre amarela. O restante do texto organiza-se em uma estrutura típica de textos dissertativo-argumentativos. Observe:

- O 1º parágrafo contextualiza a questão que será analisada (o temor de um surto de febre amarela), apresentando os fatos que deram origem ao editorial.
- O 2º e o 3º parágrafos apresentam o porquê de fracionar as vacinas, como ocorrerá essa vacinação e os dados necessários (outros países como exemplos dessa solução) para comprovar que esse recurso é eficiente e que pode ser utilizado para conter um surto de febre amarela.
- O 4º parágrafo dedica-se a apresentar os locais que estão recebendo atenção prioritária do Ministério da Saúde, os motivos para que haja maior concentração de vacinações neles e os números relativos a essa imunização.
- O 5º parágrafo explica o porquê da redução dos estoques da vacina, de forma que o leitor fique informado da necessidade de fracioná-la.
- No último parágrafo, há claramente a opinião do jornal a favor da medida encontrada pelo governo para essa situação quando diz que “a situação é de alerta e não de alarmismo”, além de pedir explicitamente que a população confie no que as autoridades indicam.

Vale observar que o editorial tem como objetivo não somente explicitar a opinião do órgão de imprensa, mas também esclarecer ou alertar os leitores a respeito do seu ponto de vista sobre algum assunto ou mobilizá-los para uma causa de interesse coletivo. É um **texto curto, formal, escrito em português padrão, sem marcas de estilo pessoal ou assinatura**.

ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é um texto de caráter argumentativo que tem por objetivo expressar e defender o ponto de vista do autor sobre um fato ou tema controverso, de relevância social. Em geral, o artigo procura explicar um fato, e sua motivação decorre do desejo do articulista de informar, interpretar ou persuadir. Muitas vezes é escrito por profissionais que atuam em outras áreas – médicos, economistas, professores, por exemplo –, os quais procedem a uma análise mais detalhada da questão abordada.

Os artigos de opinião apresentam um título que, além de informar, muitas vezes, objetiva captar a atenção do leitor, despertar-lhe a curiosidade e seduzi-lo para que leia o texto. É comum, também, que apresentem logo após o título um “olho”, ou seja, um trecho do artigo que foi selecionado pelo editor do jornal ou revista e que explicita a perspectiva analítica a ser adotada pelo articulista.

Esses textos possuem a estrutura típica de textos de natureza dissertativo-argumentativa. Veja:

- **Introdução:** contextualização do tema abordado, a qual permite ao leitor tomar contato ou recuperar as informações necessárias à análise que será apresentada no desenvolvimento do texto, e apresentação da tese e da perspectiva do autor sobre o tema.
- **Desenvolvimento:** construção da argumentação necessária à sustentação da análise proposta.
- **Conclusão:** reafirmação da tese do articulista, a qual já fora anunciada em um dos parágrafos iniciais, no título do texto ou no “olho” criado pelo editor.

Leia, a seguir, um exemplo de artigo de opinião para conhecer melhor suas características.

“Nós”, as mulheres, criando meninas

Vera Iaconelli / Folhapress

Na comparação, sempre estamos perdendo para alguém. Se você é homem, branco, rico e primeiro-mundista, pode ter fantasias homicidas quando seu vizinho estaciona um carro melhor que o seu na garagem (o que explica a inesgotável ganância de alguns bilionários). A insistência em nos compararmos continuamente com os outros, inconformados com nossa mediocridade existencial – que a comparação tenta despistar –, é uma das motivações básicas da violência humana. Acalentar a fantasia de que existiria um humano acima dos demais é a fonte do sonho fascista.

Quando criança eu queria ser menino sempre que esbarrava nos inexplicáveis privilégios de meus irmãos, cuja justificativa humilhante era: “ele pode porque ele é menino” e seu duplo, “você não pode porque você é menina”. Quando as meninas descobrem o mundo dos privilégios masculinos, têm que lidar com a injustiça, com o ressentimento e elaborar a perda social ligada ao sexo.

Todas as meninas têm necessariamente um pai (nem que seja via banco de esperma), eventualmente um padrasto e certamente amigos marcando para elas os tipos de homens que as mães, por razões inconscientes, quiseram e querem ter a seu lado. Nesse caso, podemos ter o discurso feminista mais politicamente correto e, ainda sim, mostrar para nossas filhas que escolhemos ter ao nosso lado homens que nos subestimam e humilham, por exemplo. Por outro lado, casais ditos antiquados podem exemplificar relações igualitárias entre gêneros.

Recentemente, minha filha me contava que um colega, que falou algo considerado misógino no coletivo feminista da escola, foi achincalhado. Ao que ela argumentou que seria bem melhor ele falar, pois só assim saberiam seus argumentos e poderiam pensar juntos, talvez demovê-lo, talvez entender sua lógica.

Essa singela experiência, pinçada entre outras que as meninas trazem, me lembra que o pior que podemos fazer nos debates feministas é constranger o diálogo.

O feminismo veio para ficar e seus avanços são incontornáveis, embora metade da população mundial ainda seja oprimida por ser mulher e a maioria absoluta de nós viva em condições deploráveis, por esse mesmo motivo. Mas como todo movimento, o feminismo requer um debate permanente, que revele suas contradições internas e avance. Militâncias, quando buscam nivelar suas opiniões criando um “nós” supostamente homogêneo e consistente, negam as singularidades e correm o risco de se tornarem tão fascistas quanto o que tentam combater. O suposto embate França-EUA é relevante porque, em nome da mídia, as reflexões de todos os pensadores de dois países foram reduzidas a duas ou três falas pasteurizadas e superficiais. A virulência de algumas colocações revela o temor de lidar com as diferenças dentro do movimento.

A questão da judicialização das relações humanas – se um chefe pode ficar numa sala a sós com sua funcionária ou não (serve para chefes lésbicas também!?), por exemplo – é alarmante e não pode ser confundida com as conquistas de leis imprescindíveis como a Lei Maria da Penha, para citar uma.

As mulheres não desejam todas as mesmas coisas, lutemos assumindo isso. Assumindo que o pronome “nós”, quando se trata de humanos, só justifica seu uso em defesa do “nosso” direito de escolha.

IACONELLI, Vera. “Nós”, as mulheres, criando meninas. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2018/01/1950774-nos-as-mulheres-criando-meninas.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

No seu artigo, a psicanalista Vera Iaconelli apresenta a contextualização do tema que vai discutir por meio de uma reflexão, em que disserta sobre como o costume de nos compararmos uns aos outros é uma das motivações da violência. Ao longo do desenvolvimento, a autora cita exemplos de situações em que ela própria ou a filha se compararam com o sexo oposto, introduzindo uma reflexão sobre o pensamento feminista e as dissonâncias dentro do próprio movimento.

A partir do quinto parágrafo, ela apresenta diretamente o seu ponto de vista, utilizando, para isso, afirmações sobre o feminismo e reflexões acerca do modo como ele deve ser encarado, debatido e respeitado em suas singularidades. Para exemplificar seu posicionamento, Iaconelli relembra o recente embate entre atrizes francesas e americanas quanto à questão do assédio. A articulista, então, por meio desse exemplo, discute sobre como o feminismo tem a ver com o direito de escolha de cada mulher, argumentando que a generalização e a imposição de pensamentos não devem ser aceitas.

É necessário ressaltar que a opinião defendida por um articulista não traduz necessariamente a opinião do jornal ou da revista em que é publicado o artigo, uma vez que muitos desses textos são também publicados em outros periódicos e / ou em blogs.

Os artigos de opinião são textos que trazem a marca pessoal do autor, portanto, permitem a expressão de uma perspectiva mais subjetiva, ainda que amenizada pelo teor argumentativo desse gênero. Dessa forma, não é raro encontrar um uso menos formal da linguagem, embora a expectativa seja a do uso do padrão formal escrito. Os artigos podem ser escritos em primeira pessoa – do singular ou do plural – ou em terceira pessoa.

CRÔNICA ARGUMENTATIVA

A crônica, conforme vimos no módulo anterior, é um gênero textual nascido no jornal. Nela, são comentados, de forma breve e subjetiva, assuntos referentes ao cotidiano. Neste módulo, estudaremos a crônica argumentativa, na qual o autor comenta sobre um fato relevante, de conhecimento geral, e propõe reflexões a respeito dele, utilizando informações e argumentos de naturezas diversas, ora mais objetivos, ora mais subjetivos, para expor sua avaliação pessoal acerca do assunto tratado.

A crônica argumentativa (ou crônica-comentário) apresenta todas as características comuns do gênero, mas também conjuga, na sua constituição, outras tipologias textuais. Assim, uma crônica argumentativa pode conter, em sua estrutura, elementos da narração, da descrição, do diálogo e da dissertação. Normalmente, é escrita em primeira pessoa e sua linguagem é simples e direta.

Leia o texto a seguir, do escritor português João Pereira Coutinho, que exemplifica esse tipo de crônica.

Problema da vida moderna não é excesso de solidão, mas escassez

João Pereira Coutinho / Folhapress

E que tal um ministro para a solidão? Não é ideia minha. Já existe. No Reino Unido, a premiê Theresa May considerou a solidão “a mais triste realidade da vida moderna”. Para combater esse mal, indicou a ministra Tracey Crouch para “desenvolver” uma “estratégia” adequada.

Confesso que a ideia me parece absurda. Tão absurda como haver um ministro para a tristeza ou uma ministra para o fracasso. Razão óbvia: Theresa May está errada quando acredita que a solidão é uma “realidade” moderna. Não é.

A solidão, tal como a tristeza e o fracasso, faz parte da condição humana, provavelmente desde o momento em que os membros da espécie tiveram consciência de si próprios.

A solidão não tem “cura” porque, em rigor, não é uma doença. Exceto para a tradição racionalista – antiga e moderna – em que Theresa May, ironicamente tida por “conservadora”, se inspira.

Sobre o racionalismo antigo, não é preciso um conhecimento íntimo de Aristóteles para lembrar o seu argumento político primeiro: o homem é um animal social. O que significa que o reverso desse desígnio só é admissível se estivermos na presença de deuses ou bestas.

Por outras palavras: viver é viver em sociedade, participando nos assuntos da cidade. Eis a célebre “liberdade dos antigos”, na definição posterior de Benjamin Constant (1767-1830): para os antigos, os homens só são livres pela submissão dos interesses individuais às necessidades da comunidade.

Claro que o cristianismo introduziu nesse conceito de liberdade uma mudança relevante, ao proteger a inviolável (e solitária) “liberdade interior” dos homens – e, no limite, o direito dos mesmos em repudiarem a cidade terrestre.

Mas o racionalismo floresceu e triunfou a partir de inícios do século 16: se todos os problemas humanos têm solução, o desafio passa por encontrar a “técnica” adequada para responder a tais problemas. “Ministério da Solidão” poderia perfeitamente ser o título de um livro de Francis Bacon (1561-1626).

Mas Theresa May também está errada por outro motivo: e se o grande problema da “vida moderna” não for o excesso de solidão, mas a sua escassez?

Essa é a tese de Michael Harris em *Solitude: In Pursuit of a Singular Life in a Crowded World*. O livro é mediano, confesso, mas existem duas ou três observações que merecem leitura e concórdia.

A primeira delas é que a “vida moderna” é uma gigantesca conspiração para abolir a solidão. Basta escutar os desejos utópicos de um qualquer Zuckerberg ensandecido: para os novos profetas do Vale do Silício, o ideal a atingir é um mundo de conversas contínuas, em que a privacidade não passa de uma relíquia – e todos podem espionar todos.

Alguns números: em 2006, 18% da população mundial estava ligada à Internet; em 2009, 25%; em 2014, 41%. E, para ficarmos nas “redes sociais”, 8% dos americanos frequentavam esses espaços virtuais em 2005. Em 2013, o número andava nos 73%. Em breve, a “conectividade permanente” não será apenas total; será totalitária.

Infelizmente, essas quimeras de “conectividade permanente” nunca questionam qual o preço que pagamos pela perda de solidão. Para Michael Harris, o prejuízo é triplo.

Sem uma boa dose de solidão, perdemos o tempo de quietude no qual as melhores e mais inesperadas ideias acontecem.

Sem uma boa dose de solidão, somos incapazes de entender o que somos e não somos – no fundo, o ponto de partida para haver um ponto de chegada que seja significativo e real.

Sem uma boa dose de solidão, nem sequer ganhamos o que de mais importante podemos oferecer aos outros: uma disponibilidade genuína e limpa de ruído.

No Reino Unido, Theresa May quer combater a solidão. Se o objetivo do governo for ajudar os abandonados, os doentes e os desprovidos, nada a opor. Para os restantes, talvez fosse mais útil ensinar que a solidão não é uma anormalidade; é parte do que somos. Mas não apenas do que somos; também do que precisamos.

De igual forma, mais importante do que abolir a solidão é aprender a viver com ela; a habitá-la com os instrumentos de uma cultura – a fruição da beleza, da memória, do pensamento; a tratá-la pela segunda pessoa do singular. Quem sabe?

Pode ser que, um dia, o medo da solidão se transforme em gratidão sincera por termos encontrado a nossa companhia.

COUTINHO, João Pereira. Problema da vida moderna não é excesso de solidão, mas escassez. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2018/02/problema-da-vida-moderna-nao-e-excesso-de-solidao-mas-escassez.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

A notícia sobre a criação, no Reino Unido, de um ministério para tratar de questões relacionadas à solidão humana é a motivação para a crônica de Coutinho. Nela, o autor reflete sobre como a criação desse ministério é sintoma da visão negativa acerca da solidão identificada na sociedade contemporânea. Para isso, ele discorre tanto sobre aspectos do nosso cotidiano, como o uso excessivo de redes sociais, quanto sobre o próprio entendimento do que é solidão, vista como negativa para os racionalistas, mas como um aspecto da liberdade do indivíduo para a doutrina cristã.

Perceba que, no decorrer da sua argumentação, o autor reflete sobre vários aspectos do mundo e da vida humana de modo profundamente subjetivo, marcando bem a sua voz (por meio do uso da primeira pessoa do singular e do plural) e a sua subjetividade ao demonstrar convicção em relação às suas ideias. Essa convicção se identifica, por exemplo, nos parágrafos iniciados pela sequência “Sem uma boa dose de solidão”, em que o autor, ao mesmo tempo que expõe aquilo que considera “benefícios da solidão”, critica as posturas contrárias a comportamentos solitários.

A marcação clara da subjetividade pode ser entendida como uma das principais diferenças entre o artigo de opinião e a crônica argumentativa, uma vez que, no primeiro, existe uma tendência de analisar mais objetivamente o assunto discutido.

NOTÍCIA

A notícia é um gênero híbrido, de caráter expositivo e narrativo, considerado como essencialmente jornalístico, do qual são derivados outros gêneros, como a reportagem, que veremos mais adiante.

Assim como os outros gêneros da esfera jornalística – e de todo meio de comunicação –, a notícia revela o compromisso dos jornalistas de informar, com ética e profissionalismo, os fatos que acontecem nas cidades, no país e no mundo. Portanto, teoricamente, a notícia tem compromisso com a veracidade do fato abordado, ou seja, deve apresentá-lo ao leitor de modo imparcial, apenas sendo fiel à realidade.

Em relação ao conteúdo, a notícia pode ser tanto atual quanto remota, ou seja, pode relatar tanto um fato que aconteceu hoje, quanto um fato histórico. Pode ser breve ou mais extensa e também apresentar fatos de relevância social ou de caráter banal.

Como o objetivo principal da notícia é informar sobre um fato, ela normalmente é composta das seguintes partes:

- **Título informativo:** antecipa o assunto do texto para o leitor.
- **Lead (ou lide):** normalmente constitui o primeiro parágrafo do texto e apresenta sucintamente respostas às cinco perguntas básicas a que a notícia deve responder – **o que** aconteceu (fato), **com quem** aconteceu (pessoas envolvidas), **onde** aconteceu (lugar), **como** aconteceu (modo como se deu o fato) e **quando** aconteceu (data do fato).
- **Corpo do texto:** desenvolve as informações apresentadas no *lead*, fornecendo ao leitor mais detalhes sobre o fato ocorrido.

Leia o exemplo a seguir para conhecer melhor o gênero notícia.

Presidente do Facebook fala no Congresso dos EUA sobre vazamento de dados

Responsável por uma plataforma com mais de 2 bilhões de perfis, o presidente do Facebook, Mark Zuckerberg, terá um dia cheio hoje [10/04/2018]. Ele falará em uma audiência conjunta das comissões Judiciária e de Comércio do Senado dos Estados Unidos (EUA). Amanhã (11), Zuckerberg dará depoimento à Comissão de Energia e Comércio da Câmara de Representantes.

Na pauta, o escândalo do vazamento de dados de mais de 70 milhões de norte-americanos para a empresa britânica de marketing digital e consultoria política Cambridge Analytica (CA). As informações foram repassadas pelo desenvolvedor de um aplicativo de teste de personalidade disponibilizado no Facebook.

Conforme revelou um ex-funcionário da empresa em reportagens publicadas pelos jornais *The New York Times* (EUA) e *The Guardian* (Reino Unido) em março, as informações foram usadas pela companhia para criar publicidade personalizada e influenciar eleições em todo o mundo, inclusive a disputa de 2016 que resultou na vitória de Donald Trump.

O presidente da Comissão Judiciária do Senado, Chuck Grassley, afirmou, em comunicado divulgado em seu *site* pessoal, que as redes sociais revolucionaram a forma de comunicação, usando dados para conectar pessoas em todo o mundo. “Com todos os dados circulando no Facebook e em outras plataformas, usuários merecem saber como sua informação é compartilhada e armazenada”, comentou.

“Esta audiência será uma oportunidade importante de jogar luz em questões críticas de privacidade de dados de consumidores e ajudar os norte-americanos a entender o que ocorre com as suas informações pessoais *online*”, explicaram os deputados Greg Walden, presidente da Comissão de Energia e Comércio, e Frank Pallone Jr., em comunicado publicado na página do colegiado.

VALENTE, Jonas. *Presidente do Facebook fala no Congresso dos EUA sobre vazamento de dados*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-04/presidente-do-facebook-fala-no-congresso-dos-eua-sobre-vazamento-dee>>. Acesso em: 16 abr. 2018. [Fragmento]

No exemplo, o fato noticiado é a audiência a que o presidente e fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, deveria comparecer para responder a perguntas relacionadas ao escândalo de vazamento de dados da rede social para uma agência britânica de *marketing* digital e consultoria política. Essas informações são facilmente identificadas no primeiro parágrafo da notícia, o lide, e também são postas de modo claro e direto no próprio título.

No desenvolvimento, identifica-se o desdobramento do fato, em que é retomado o modo como o referido escândalo foi descoberto (por meio de uma denúncia de um ex-funcionário do Facebook a importantes órgãos da imprensa mundial) e, ainda, é apresentada a fala de dois membros do Congresso estadunidense sobre a questão da privacidade numa época de redes sociais, ressaltando a importância do depoimento de Zuckerberg nesse cenário.

De modo geral, por se tratar de um fato que, no momento da redação do texto, ainda não havia acontecido, são usados no texto verbos no futuro do indicativo. Já para contextualizar o escândalo do vazamento de dados e trazer as falas dos congressistas, são utilizados verbos no pretérito perfeito do indicativo. Percebe-se, assim, que o fato foi noticiado de modo objetivo, direto e acessível, por meio de informações suficientes para o entendimento do contexto geral pelo maior número de leitores.

REPORTAGEM

A reportagem, tal como a notícia, costuma partir de um fato, contudo, mais extensa e mais informativa que a notícia, a reportagem constitui uma fonte de informação mais rica e aprofundada acerca de um assunto, pois não se limita a narrar uma única versão do fato. Assim, enquanto a notícia trata de uma ocorrência específica ou de uma série de eventos, a reportagem faz o levantamento de um tema a partir de uma perspectiva predeterminada. O *Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo* (1990) faz a seguinte diferenciação entre notícia e reportagem:

[...] a reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos.

MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 67. [Fragmento]

São comuns, nas reportagens, depoimentos, gráficos, ilustrações informativas, quadros com informações históricas, textos opinativos de especialistas, etc. O objetivo, ao se usarem esses recursos, é fornecer ao leitor diferentes fontes de informação, bem como pontos de vista diferenciados sobre o assunto, de modo que ele possa, ao ler a reportagem, formar uma opinião a respeito do tema tratado.

As reportagens, tal como as notícias, são compostas por um título informativo, que antecipa o assunto do texto, e por um *lead*, que sintetiza o conteúdo. O texto propriamente dito tem caráter dissertativo, expositivo, embora, de certa forma, não deixe de expor a opinião do jornalista que o redigiu ou do veículo de comunicação em que é publicado.

Leia agora a reportagem a seguir para conhecer melhor esse gênero.

Por que estudantes com deficiência ainda são excluídos das escolas?

Carta Capital

Embora o país registre avanços no atendimento de estudantes com deficiência, ainda permite que grande parcela fique de fora da escola

Nas últimas semanas, foi impossível evitar o mal-estar causado por duas notícias veiculadas na imprensa. Uma delas trazia um garoto que foi barrado de ir ao cinema com a turma da escola em que estuda, em Belo Horizonte. O estudante tem paralisia cerebral e é cadeirante.

O ocorrido ganhou notoriedade após a mãe do jovem fazer um post em seu perfil no Facebook. No relato, Adriane Cruz conta que o filho ficou na escola das 07h às 11h20, circulando pelos corredores, na companhia de uma auxiliar de apoio.

Segundo Adriane, não é a primeira vez que o garoto fica de fora dos passeios do colégio. Ela conta que, este ano, o filho sequer foi convidado para a festa junina da instituição. A escola segue dando justificativas como: “não sabíamos como ele iria reagir”.

Também não passou despercebida uma comunidade de mães, na Argentina, que comemorou, em um grupo de conversas, a saída de um estudante portador de síndrome de Asperger, um transtorno de espectro autista, do colégio San Antonio de Padua, que providenciou a sua transferência.

Além de caminhar na contramão do que se espera de uma sociedade inclusiva, capaz de garantir a igualdade de direitos e valorizar as diferenças humanas, os casos solapam os direitos desses estudantes no que diz respeito à igualdade de oportunidades educativas. E por que ainda permitimos que episódios como esses aconteçam?

Para a coordenadora do projeto Diversa, iniciativa do Instituto Rodrigo Mendes, Aline Santos, a questão é complexa e não se projeta só sobre as escolas ou as famílias. “Sem dúvidas, estamos diante de um desafio global. Mas o que podemos dizer é que o Brasil ainda mantém uma atitude bastante assistencialista em relação à criança com deficiência. Não faz parte do senso comum o entendimento de que a deficiência é resultante de uma combinação de dois fatores, das particularidades do indivíduo, sejam elas de ordem física, sensorial ou intelectual, com as barreiras existentes na sociedade, que impedem que a pessoa com deficiência seja quem ela quiser”, avalia.

Para a especialista, a deficiência não está nas pessoas, mas nessas interações. Por isso, a eliminação dessas barreiras é condição fundamental para que se promova uma equiparação de oportunidades e igualdades de direitos.

Avanços e desafios

O Brasil registra avanços importantes no que diz respeito ao reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência, e inclusive dispõe de legislação robusta sobre essa parcela da população, tais como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008 e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), de 2015.

O país também apresenta ganhos no que diz respeito ao atendimento dos estudantes com deficiência na rede regular da educação básica. Dados das Sinopses Estatísticas da Educação Básica, do INEP, revelam que, em 2004, o número de matrículas de alunos com deficiência era de 566 753; em 2014, o número foi para 886 815, ou seja, registrou aumento de 56%.

Em 2014, também se nota crescimento no percentual de matrículas dos estudantes com deficiência em escolas regulares e classes comuns (78%), contrapondo o contexto de predominância desses alunos em instituições especializadas.

No entanto, as marcas não eximem o país de um desafio estruturante. Ainda que o número de matrículas do público-alvo da educação especial esteja em crescimento constante, em 2014, não representava mais do que 1,78% do total de matrículas da educação básica, passando para 1,99% em 2016. Os dados permitem afirmar que parcela significativa de crianças e adolescentes com deficiência se encontra fora da escola.

Outra questão desafiadora diz respeito ao afunilamento das matrículas desse público desde o primeiro ciclo do ensino fundamental até o Ensino Médio. Um levantamento produzido pelo Todos Pela Educação para o Observatório do PNE, com base no Censo Escolar 2016, mostra que nos anos iniciais do ensino fundamental o percentual de matrículas é de 3%, passando para 2% no segundo ciclo do Fundamental e 0,9% no Ensino Médio.

O contexto é extremamente desafiador, sobretudo, pelo compromisso assumido de universalizar para a população de 4 a 17 anos com deficiência o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, conforme previsto na meta 4 do Plano Nacional de Educação.

Superação de estigmas

Na visão de Aline Santos, é notório que o Brasil tem muito a melhorar na condição de um país inclusivo, “sobretudo porque ter uma deficiência, em geral, significa conviver com o estigma da impossibilidade, da incompetência, da inferioridade”.

Para ela, também pesa o fato de que, na educação, é comum encontrar professores e outros atores da comunidade escolar que desconhecem os princípios básicos da educação inclusiva.

“A educação é um direito e não um favor; toda criança aprende; o processo de aprendizagem de cada criança é singular; e a construção da educação inclusiva é uma responsabilidade de toda a sociedade, envolve, portanto, a criação e o fortalecimento de redes de apoio compostas por professores, diretores de instituições públicas ou privadas, profissionais de apoio, equipes das escolas, profissionais não docentes, familiares, líderes comunitários e gestores públicos”, assegura.

A atuação conjunta desses grupos é fundamental para criar espaços de diálogo capazes de esclarecer sobre o convívio e o respeito às diferenças. “É uma oportunidade de mostrar que a criança com deficiência é como as outras e que ela tem sua singularidade natural, tendo em vista a diversidade humana. E favorecer a atuação em prol de sua autonomia, para que ela seja sujeito de sua própria história”, atesta.

A “falta de preparo” das escolas

Os casos enunciados no início da matéria, geralmente, acontecem sob a justificativa de que a “escola não está preparada para lidar com o estudante”. No entanto, não devem passar impunes. Em situações de negativa de matrícula, por exemplo, os familiares podem acionar o Ministério Público e os casos de *bullying* e discriminação podem ser tratados no âmbito do dano moral.

Para Aline, a ideia de que a escola precisa estar pronta para receber os estudantes com deficiência é baseada numa expectativa ilusória de um saber pronto, capaz de prescrever como trabalhar com cada criança.

“Se a condição humana não é dada pela natureza, mas construída ao longo do processo sociocultural e pautada pelas interações sociais que essa pessoa realiza com o meio em que vive, então o preparo do professor no contexto da educação inclusiva é resultado da vivência e da interação cotidiana com cada um dos estudantes”.

Em outras palavras, a especialista defende a existência de uma prática pedagógica dinâmica capaz de reconhecer e valorizar as diferenças. Em sua visão, não há, portanto, uma especialização ou uma prescrição pedagógica para incluir uma criança com deficiência.

“Um aluno com Síndrome de Down aprende diferente de outro com Síndrome de Down. A deficiência não é o que caracteriza esse indivíduo, ela é um detalhe que o compõe, assim como sua história, as apostas que a família fez em relação a ele, seu temperamento, gostos. Tudo isso tem que ser levado em conta no processo de ensino aprendizagem”.

A especialista entende que a chegada dos alunos com deficiência à escola ajuda a questionar o modelo homogêneo das instituições, além de ser uma oportunidade significativa de melhoria da qualidade do ensino brasileiro.

“A educação, de modo geral, precisa de novas estratégias para sanar problemas recorrentes, como a falta de conexão da sala de aula com a vida e o alto índice do fracasso escolar. Não é algo específico da educação inclusiva. Entendemos que o desafio do atendimento integrado para os alunos com deficiência, que passa pela interação entre o professor regular com o profissional do atendimento educacional especializado, possa ser incorporado e ajudar a todos os estudantes”, avalia.

Diversificar a metodologia de ensino e pautar as estratégias educacionais na singularidade dos estudantes é, portanto, uma demanda urgente de toda a educação brasileira. “Não dá mais pra adiar ou disfarçar a insuficiência do nosso ensino”, finaliza a especialista.

BASILIO, Ana Luiza. Por que estudantes com deficiência ainda são excluídos das escolas? *Carta Educação*, 15 set. 2017. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/por-que-estudantes-com-deficiencia-ainda-sao-excluidos-das-escolas/>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

A reportagem anterior fundamenta-se em dois casos de preconceito contra crianças com deficiência no ambiente escolar para refletir, de modo aprofundado, acerca dos motivos que fazem com que a exclusão desses alunos ainda ocorra nas escolas do Brasil. Para isso, são trazidas para o texto a legislação brasileira sobre a Educação Especial e a inclusão da pessoa com deficiência e a fala de uma especialista da área, dando credibilidade às reflexões feitas.

Ao se aprofundar em todos os aspectos da questão, de modo a buscar uma resposta para a pergunta-título da reportagem, a jornalista que assina a matéria situa o leitor na discussão, apresentando-lhe motivações, perspectivas e avaliações sobre o tema. Dessa forma, é dada ao leitor uma variedade de informações que permite a ele refletir e posicionar-se criticamente em relação ao assunto.

RESENHA

Entre os vários gêneros jornalísticos, a resenha tem sido frequentemente utilizada com o propósito de apresentar a apreciação de uma obra, seja ela um livro, um filme, uma exposição, ou qualquer outro evento ou produção artística, literária, acadêmica, científica, etc. Nesse sentido, o objetivo final da resenha é criticar a obra para indicá-la, ou não, ao leitor.

Segundo Motta-Roth (2010), a resenha é um gênero discursivo em que o leitor e o autor possuem objetivos consonantes, ou seja, um busca e o outro oferece uma opinião sobre determinada obra. Para que o texto alcance o seu objetivo comunicativo, o resenhista deve atender a algumas especificidades do gênero, que se desenvolve basicamente em quatro etapas, em geral nesta ordem: **apresentação, descrição, avaliação e recomendação** (ou não) da obra.

Essas etapas, contudo, são apenas uma tendência, e não propriamente uma regra a ser seguida, especialmente porque existem resenhas para públicos diversificados (adultos, crianças, acadêmicos, adolescentes), publicadas em suportes também bem variados, que vão além dos jornais (revistas técnicas e populares, *sites*, *blogs*, etc.), aspectos que guiarão a escrita.

Além disso, a abordagem da obra resenhada tende a levar em conta o interesse do leitor por determinada informação do texto (aprofundando e esclarecendo mais um ponto que o outro) e, ainda, o estilo do resenhista, que pode apresentar linguagem mais descritiva, mais analítica ou mais avaliativa. Em relação aos aspectos linguísticos, observa-se a presença de modalizadores que sinalizam para uma atitude qualificativa a respeito da obra resenhada.

Leia a resenha a seguir e observe como ela se estrutura:

Quando a vida se reinventa: filme *Aniquilação* estreia esta semana

Marcelo Gleiser / Folhapress

Nova ficção de Alex Garland, diretor de Ex Machina, explora tema da manipulação genética

“Belíssimo e aterrorizante.” “Misterioso e sedutor.” “Meio louco demais para mim.”

Essas são algumas das reações de pessoas que assistiram *Aniquilação*, o novo filme de Alex Garland, uma fantasia de ficção científica que, com certeza, vai deixar o leitor perturbado por alguns dias.

No seu filme anterior, o sensacional *Ex Machina*, Garland explorou o perigo latente da pesquisa em inteligência artificial, onde máquinas poderão ultrapassar nossas habilidades intelectuais e aprender rapidamente a nos manipular, explorando nossos pontos mais fracos.

No caso do filme, o ponto fraco era nossa necessidade de amar e de sermos amados, emoções que máquinas encontram com indiferença. A mensagem de *Ex Machina* é clara: ao brincar com inteligência, seremos nós a nos queimar.

Atenção: se o leitor pretende ver o filme, melhor ler o resto desta resenha após fazê-lo.

O novo filme de Garland, baseado no livro homônimo de Jeff VanderMeer, explora um outro tipo de manipulação, a essência genética da vida. O filme abre com um meteorito caindo perto de um farol em alguma parte da costa leste dos EUA.

Já aqui vemos que este meteorito é diferente. Usualmente, mesmo um meteorito pequeno (digamos, do tamanho de uma melancia) causaria algum nível de destruição. Mas não este. Em vez de explosão, cria uma estranha distorção na luz à sua volta.

Quando conhecemos Lena (a excelente Natalie Portman), uma professora de biologia celular na Universidade de Johns Hopkins e ex-militar, ela está dando uma aula sobre a divisão de células cancerosas. Na luz de um microscópio, vemos a vida em ação, células se dividindo com um propósito perverso: a vida que destrói a vida.

O tema principal de *Aniquilação* é que a vida, terrestre ou alienígena, tem como propósito se manter viva. Não responde a valores morais, e não faz escolhas baseadas em algum plano pré-determinado. (A palavra mais sofisticada aqui é teleologia.)

O que a vida faz, e Garland mostra isso de forma belíssima, é encontrar meios de se reproduzir com uma urgência tão intensa que chega a nos enganar, parecendo mesmo ter algum tipo de objetivo final.

Quando assistimos a vídeos de células se reproduzindo, é natural perguntar por que fazem isso. Qual a força misteriosa que as compele a se dividir?

Seres humanos são programados a justificar qualquer ação como sendo resultado de uma causa com um propósito definido. É difícil, para nós, aceitar que a vida não tem um propósito, que sua missão é uma só: se perpetuar.

O que nos confunde é que, de todas as formas de vida que conhecemos, somos a única capaz de entender conceitos como razão e propósito. Nossa maior dificuldade, enquanto seres humanos, é termos a habilidade de fazer perguntas, sabendo que muitas delas não têm resposta.

O marido de Lena também era militar, um sargento de um time de operações especiais que desapareceu em uma missão e foi considerado morto. O filme mostra o desespero de Lena, que não sabia ao certo o que havia ocorrido com o marido. Aprendemos que ele participou da missão de exploração do Brilho, a estranha cortina que circunda a área de impacto do meteorito, e que emite uma estranha luz que vibra com as cores do arco-íris.

Nenhuma das várias missões enviadas ao Brilho retornou com respostas – ou com sobreviventes. Lena acaba se envolvendo com o projeto e participa de uma missão só com mulheres, liderada pela doutora Ventress (a melancólica Jennifer Jason Leigh), uma psicóloga condenada pelo câncer. Dado o fracasso das missões anteriores, a expectativa de sucesso era bem pequena. Elas sabiam que era uma missão suicida.

No interior do Brilho, a vida assume uma dimensão completamente diferente. Em cenas de rara beleza, vemos uma profusão de criaturas estranhas, flores que nascem do mesmo caule, mas que são de espécies diferentes, animais mutantes de beleza mítica ou aterrorizantes (o urso me deu pesadelos), um caleidoscópio misturando formas de vida terrestre em combinações de aparência extraterrestre.

A física do grupo, Jodie Radek (Tessa Thompson), descobre a resposta: estamos acostumados a ver a luz refratando quando passa de um meio a outro, por exemplo, do ar para a água. No Brilho, porém, a própria vida é refratada, o DNA de espécies distintas se misturando, resultando em vida criando vida de forma autônoma, sem um criador ou o seu propósito. Os resultados são incríveis: plantas que crescem na forma de humanos, humanos que se transformam em plantas, musgos de aspecto psicodélico, animais que também são plantas, misturas que demonstram a unidade essencial da vida, tema que exploramos aqui recentemente.

Quando Lena se aproxima do farol, o epicentro da refração de DNA, nos deparamos com uma revelação terrível. Com cada vez mais sofisticação, as sementes extraterrestres que iniciaram o processo caleidoscópico dentro do Brilho, passam a copiar seres humanos: a vida clonando a vida. Como Lena responde mais tarde ao seu interlocutor, que lhe pergunta se os extraterrestres tentaram se comunicar com ela: “Eles apenas reagiram a mim”. Copiaram seus movimentos, aprendendo a se tornar uma outra Lena.

E o consciente humano? Será que esses clones são capazes de copiar as memórias e personalidades de seus modelos originais?

Aqui o filme é vago, oferecendo apenas algumas pistas incompletas. Quando, no final, Lena reencontra o clone de seu marido, ele a chama pelo seu nome, parecendo se lembrar, em parte, do passado que não viveu. Quando se abraçam, vemos, nos olhos dos dois, um brilho não-humano, sinal de que a vida extraterrestre triunfou, sobrevivendo fora do Brilho. Seu objetivo, imaginamos, é recriar a vida na Terra.

Seja qual for o tipo de vida extraterrestre que criou o Brilho, é mais forte do que a vida terrestre.

Como em *Ex Machina*, o ponto de Garland – fora nos maravilhar com cenas de incrível beleza – é soar o alarme. Pela primeira vez na história, podemos manipular a vida diretamente ao nível genético, o que fazemos com eficiência cada vez maior. O que será de nós se, como no caso (ainda hipotético) da inteligência artificial, perdermos o controle das nossas criações e elas se tornarem mais eficientes do que nós no jogo da vida? Será que estamos decretando o nosso fim ao explorarmos os segredos da engenharia genética?

Esses são temas profundos e preocupantes. Garland, um artista de primeira ordem, usa a sua criatividade para nos alertar do perigo sedutor de irmos longe demais ao longo de um caminho de onde corremos o risco de não retornar.

GLEISER, Marcelo. Quando a vida se reinventa: filme *Aniquilação* estreia esta semana. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/2018/03/quando-a-vida-se-reinventa-filme-aniquilacao-estrea-esta-semana.shtml>>. Acesso em: 03 maio 2018.

No exemplo anterior, o resenhista parte de uma comparação entre outro filme do diretor de *Aniquilação*, por ele resenhado, para, além de avaliar criticamente a obra, discutir as questões científicas suscitadas por ela. Na sua crítica, ele também elogia o elenco do filme e, especialmente, o diretor, deixando clara uma avaliação positiva da obra, que pode ser entendida como uma indicação, ainda que não tenha sido feita de maneira direta.



Gêneros jornalísticos

Essa videoaula trata dos gêneros jornalísticos. Assista para saber mais!



	Editorial	Artigo de opinião	Crônica argumentativa	Notícia	Reportagem	Resenha
Características	Discute uma questão ou fato controverso, de relevância social.	Discute uma questão ou fato controverso, de relevância social.	Tem como ponto de partida fatos cotidianos ou colhidos no noticiário jornalístico, os quais são analisados a partir de uma perspectiva subjetiva.	Relata um fato relevante, de interesse geral, mas também pode tratar de eventos banais.	Apresenta informações diversas e aprofundadas sobre um fato ou assunto socialmente relevante.	Apresenta e avalia uma obra, normalmente, recém-lançada no mercado.
Opinião	Apresenta a opinião de um órgão da imprensa.	Apresenta a opinião de um articulista.	Apresenta, além dos fatos, o posicionamento do cronista acerca do assunto em questão.	Apresenta um relato pretensamente verídico de um fato.	Apresenta o fato ou assunto tratado, bem como opiniões e informações diversificadas sobre ele. Vale ressaltar que a argumentação pode ser construída pela seleção de mais depoimentos e ideias favoráveis a um lado e não a outro.	Apresenta uma síntese detalhada da obra e a opinião do articulista sobre ela.
Tipo textual	Tem caráter argumentativo.	Tem caráter argumentativo.	Tem caráter argumentativo, mas pode apresentar outras seqüências textuais, como as descritivas e as narrativas.	Tem caráter expositivo e narrativo.	Tem caráter expositivo e argumentativo.	Tem caráter expositivo e argumentativo.
Linguagem	É escrito em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal.	É escrito em português padrão, mas admite algum grau de informalidade. Há utilização de adjetivos e advérbios que evidenciam a opinião do autor.	Apresenta linguagem criativa, figurada e de acordo com a norma-padrão da língua. Contudo, pode apresentar traços de informalidade.	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal.	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal. A escolha lexical é uma estratégia argumentativa.	É escrita em português padrão, mas admite algum grau de informalidade. Há utilização de adjetivos e advérbios, que evidenciam a opinião do autor.
Pessoas do discurso	É escrito em terceira pessoa – efeito de impessoalidade e distanciamento.	Pode ser escrito em primeira pessoa do singular ou do plural ou em terceira pessoa.	Pode ser escrita em primeira ou em terceira pessoa, mas o mais comum é que se use a primeira pessoa.	É escrita em terceira pessoa – efeito de impessoalidade e distanciamento.	Entretanto, a parcialidade não deve ser vista como um problema, mas como um indicativo da linha ideológica do veículo, por exemplo.	Pode ser escrita em primeira pessoa do singular ou do plural ou em terceira pessoa.
Assinatura	Não é assinado.	É assinado por um jornalista ou especialista.	É assinada por um cronista, comumente um escritor literário, mas também um jornalista ou especialista.	Não é assinada, mas tem sua autoria devidamente identificada.	Não é assinada, mas tem sua autoria devidamente identificada.	É assinada por um jornalista ou especialista.
Título	É composto por título informativo e texto estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão.	É composto por título informativo e / ou chamativo, "olho" e texto estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão.	É composta por título chamativo, muitas vezes criativo, e que revela o caráter subjetivo da argumentação. Estrutura-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.	É composta por título, lead e texto; responde a cinco perguntas: o que, com quem, onde, quando e como aconteceu o fato.	É composta de título informativo, lead e texto normalmente acompanhado por depoimentos, gráficos, tabelas, mapas, históricos, etc.	É composta de título informativo e / ou chamativo e texto em que se apresentam as características da obra e a avaliação do autor.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (PUC Minas-2016) A partir da leitura dos textos da proposta, redija um artigo de opinião para o jornal da universidade sobre o seguinte recorte temático:

“O trabalho acadêmico em debate: plágio e autoria na era da informação”

Em sua produção escrita, você deverá assumir textualmente a posição de estudante do 1º período, convidado pelo jornal da universidade a expor a percepção de alguém que acaba de ingressar na instituição, apresentando argumentos que deixem claro o seu ponto de vista sobre o tema.

Texto I

engana-se
quem pensa
que só faz
plágio
quem copia,
palavra por palavra
um trabalho
inteiro **sem citar**
a fonte
de onde o
tirou.

Segundo o professor Lécio Ramos, citado por Garschagen (2006), podemos listar pelo menos

3 tipos de plágio:

INTEGRAL
o “engano” citado acima...
PARCIAL
que ocorre quando o trabalho é um “mosaico” formado por cópias de parágrafos e frases de autores diversos, sem mencionar suas obras
CONCEITUAL
a utilização da ideia do autor escrevendo de outra forma, porém, novamente, sem citar a fonte original

UNIVERSIDADE Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. *Cartilha sobre plágio acadêmico*. Disponível em: <http://www.proppi.uff.br/portlagir/sites/default/files/cartilha_autoria_-_digital.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.

Texto II

Ao “roubar” as palavras de outro e, conseqüentemente, suas ideias, o delito coloca-se também como um problema de cunho ético. [...] Porém, em um mundo transformado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, a questão da apropriação indevida de autoria merece uma análise mais profunda.

PAIVA, Thais. Para ir além do plágio. *Carta educação*, 05 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/para-ir-alem-do-plagio/>>. Acesso em: 16 fev. 2016 (Adaptação).

Texto III

Uma frase em particular, já atribuída a tantos autores no século passado a ponto de ser considerada apócrifa, dá bem a medida da relativização do conceito de originalidade em nossa época, além de ser ela própria uma “licença poética” para o plágio criativo: “Se você rouba de um autor, é plágio; se você rouba de vários, é pesquisa”.

MURANO, Edgard. A síndrome do “copia e cola”. *Revista Língua Portuguesa*, jul. 2013. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/93/a-sindrome-do-copia-e-cola-292190-1.asp>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

02. (UFC-CE) A prática do jogo do bicho foi proibida pela Justiça, no Ceará, em outubro de 2008, embora até então tenha sido aceita. No dia 9 de outubro desse mesmo ano, todos os jornais da cidade noticiavam as ações deflagradas pela Polícia Federal com o objetivo de efetivar a proibição. Os textos que seguem tratam dessa temática e servem de base à sua produção textual.

Texto I

Carneiro, bicho de montaria

- Que bicho dá hoje, seu Samuel?
- Tive um sonho, D. Quitéria.
- Sonhei no prado.
- Então é cavalo.
- Também penso.

Cercara o bicho. Jogara no burro, jogara no camelo, ambos bichos de montaria. Aguardava serenamente a corrida. Parece até que era uma perseguição. Depois do almoço, sonhara com um cavalo imenso. Só podia ser camelo, mas o bicho estava cercado. Quando bateram as quatro horas, gritou para a negra:

- Vai saber o bicho, Maria. Depressa...

Esbaforida a negrinha gritara de volta, ainda na porta da rua:

- Carneiro.
- Dona Quitéria puxou os cabelos com raiva:
- Diabo, carneiro também é bicho de montaria...

BEZERRA, João Clímaco. *O sementeiro de ausências*. Rio de Janeiro: Record, 1967. p. 38.

Texto II

Carneiro

Amanhã se der o carneiro, o carneiro
Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro
Amanhã se der o carneiro, o carneiro
Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro
Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro
As coisas vêm de lá e eu mesmo vou buscar
E vou voltar em vídeo-tapes e revistas supercoloridas
Pra menina meio distraída repetir a minha voz
E Deus salve todos nós
E Deus guarde todos vós

EDNARDO; PONTES, Augusto. BMG Brasil, 1974.

Texto III

Touro, na 0084

Infeliz Inocêncio, tão cheio de obrigação, carregado de filhos, sofrendo cobranças diárias, amargurejava uma pobreza lamurienta, pegajosa, vizinha da miséria propriamente dita, só encontrando algum consolo no ódio incansável aos patrões, que ele dissimulava com habilidade e hipocrisia, e que identificava com o ódio ao sogro, abastado, indiferente, avarento, a quem não perdoava a boa saúde, o charuto, aquele ar farto, tranqüilo, de quem vai viver muitos anos, o jeito de quem está gozando o logro burguês que pregava aos genros.

[...]

Pois Inocêncio Cospe Fogo era o mais viciado no jogo-do-bicho, o que bastante lhe aumentava a pobreza e lhe enfraquecia as finanças, já de si tão precárias, mas alimentava, coitado, aquela secreta, inesgotável esperança de ser justificado, de ter a sua vez. Frequentemente abandonava a invocação a Deus, se pegava com o Destino, que acabava responsabilizando por todos os seus fracassos.

DIAS, Milton. *Entre a boca da noite e a madrugada*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 24-25. (Coleção Literatura no Vestibular).

Produza uma notícia, para ser publicada na seção "Aconteceu entre a boca da noite e a madrugada", do jornal *Diário da Noite*, na qual você informa à população uma ação deflagrada pela Polícia Federal, em decorrência da proibição da prática do jogo do bicho.

Observação: Se quiser, pode criar a manchete que acompanha sua notícia.

- 03.** (Unicamp-SP-2016) Você é um estudante universitário que participará de um concurso de resenhas, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de estimular a leitura de obras literárias e ampliar o horizonte cultural dos estudantes. A resenha será lida por uma comissão julgadora que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados. Você escolheu resenhar a fábula de La Fontaine transcrita a seguir. Em seu texto, você deverá incluir:

- A) uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
 B) a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
 C) um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em linguagem formal, deverá indicar o título da obra e ser assinado com um pseudônimo.

A Deliberação Tomada pelos Ratos

Rodilardo, gato voraz,

aprontou entre os ratos tal matança,

que deu cabo de sua paz,

de tantos que matava e guardava na pança.

Os poucos que sobraram não se aventuravam

a sair dos buracos: mal se alimentavam.

Para eles, Rodilardo era mais que um gato:

era o próprio Satã, de fato.

Um dia em que, pelos telhados, foi o galante namorar, aproveitando a trégua, os ratos, assustados, resolveram confabular e discutir um modo de solucionar esse grave problema. O decano, prudente, definiu a questão: simples falta de aviso, já que o gato chegava, solerte. Era urgente amarrar-lhe ao pescoço um guizo, concluiu o decano, rato de juízo. Acharam a ideia excelente, e aplaudiram seu autor. Restava, todavia, um pequeno detalhe a ser solucionado: quem prenderia o guizo – e qual se atreveria? Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado; Outro alegou que andava um tanto destreinado em dar laços e nós. E a bela ideia teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide – mesmo sendo de frades ou de veneráveis abades... Deliberar, deliberar ... conselheiros, existem vários; mas quando é para executar, onde estarão os voluntários?

Fábulas de La Fontaine. Trad. Milton Amado e Eugênia Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003. p. 134-136.

Glossário:

Abade: superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.

Frade: indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.

Decano: o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação, etc.

Guizo: pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som tilintante.

Solerte: engenhoso, esperto, sagaz, ardisoso, arguto, astucioso.

- 04.** (UEPB) Suponha que você vai fazer ou fez a cobertura de um evento que destaca a temática exposta no cartaz a seguir. Escreva um texto para introduzir uma reportagem a ser publicada em uma revista de circulação nacional, de maneira que informe o leitor sobre o tema em pauta e contribua para a construção de seu posicionamento crítico.



EDUCAÇÃO. São Paulo: Segmento, ano 28, n. 243, p. 6, jul. 2001, (Adaptação).

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: As questões de **01** a **03** focalizam uma passagem de um artigo de José Francisco Botelho e uma das ilustrações de Carlo Giovani a esse artigo.

Compaixão

Considerada a maior de todas as virtudes por religiões como o budismo e o hinduísmo, a compaixão é a capacidade humana de compartilhar (ou experimentar de forma parcial) os sentimentos alheios – principalmente o sofrimento. Mas a onipresença da miséria humana faz da compaixão uma virtude potencialmente paralisante. Afogados na enchente das dores alheias, podemos facilmente cair no desespero e na inação. Por isso, a piedade tem uma reputação conturbada na história do pensamento: se alguns a apontaram como o alicerce da ética e da moral, outros viram nela uma armadilha, um mero acréscimo de tristeza a um Universo já suficientemente amargo. Porém, vale lembrar que as virtudes, para funcionarem, devem se encaixar umas às outras: quando aliado à temperança, o sentimento de comiserção pelas dores do mundo pode ser um dos caminhos que nos afastam da cratera de Averno¹. Dosando com prudência uma compaixão potencialmente infinita, é possível sentirmos de forma mais intensa a felicidade, a nossa e a dos outros – como alguém que se delicia com um gole de água fresca, lembrando-se do deserto que arde lá fora.

Isso tudo pode parecer estranho, mas o fato é que a denúncia da compaixão segue um raciocínio bastante rigoroso. O sofrimento – e todos concordam – é algo ruim.

¹ Os romanos consideravam a cratera vulcânica de Averno, situada perto de Nápoles, como entrada para o mundo inferior, o mundo dos mortos, governado por Plutão.

A compaixão multiplica o sofrimento do mundo, fazendo com que a dor de uma criatura seja sentida também por outra. E o que é pior: ao passar a infelicidade adiante, ela não corrige, nem remedia, nem alivia a dor original. Como essa infiltração universal da tristeza poderia ser uma virtude? No século 1 a.C., Cícero escreveu: "Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem".



VIDA SIMPLES. jan. 2014 (Adaptação).

- 01.** (Unesp) Por meio da expressão "onipresença da miséria humana", o autor do artigo salienta que
- A) há muita diferença entre sofrimento e miséria.
 B) existem mais pessoas felizes que infelizes no mundo.
 C) a miséria humana paralisa a compaixão.
 D) a miséria humana está em todos os lugares.
 E) todos somos miseráveis e merecemos compaixão.
- 02.** (Unesp) "Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem". A argumentação de Cícero sugere que
- A) mais importante que ter pena é auxiliar aqueles que sofrem.
 B) devemos sofrer pelos outros, pois somos culpados de suas misérias.
 C) os sentimentos humanos de nada servem na vida prática.
 D) nenhuma pessoa é capaz de sentir o que outra sente.
 E) quem é feliz jamais entenderá a infelicidade alheia.
- 03.** (Unesp) Na ilustração apresentada logo após o texto, os elementos visuais postos em arranjo representam
- A) o dilema dos filósofos no considerar a compaixão virtude ou defeito.
 B) uma imagem de acolhimento caridoso e ajuda ao que sofre.
 C) a falsidade e a hipocrisia de todos os seres humanos.
 D) uma negação de todas as ideias manifestadas no artigo.
 E) uma paródia visual que debocha da capacidade humana de sentir compaixão.

04. (Unicamp-SP-2015) Dados numéricos e recursos linguísticos colaboram para a construção dos sentidos de um texto. Leia os títulos de notícias a seguir sobre as vendas do comércio no último Dia dos Pais.

Venda para o Dia dos Pais cresceu 2% em relação ao ano passado.

O DIÁRIO ONLINE. 15 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.odiarionline.com.br/noticia/26953/>>. Acesso em: 20 ago. 2014 (Adaptação).

Só 4 em cada 10 brasileiros compraram presentes no Dia dos Pais.

ÉPOCA SÃO PAULO. 17 ago. 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/regional/sp/Consumo/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

Podemos afirmar que

- A) as informações apresentadas nos títulos fornecem análises convergentes sobre as vendas.
- B) a avaliação sobre as vendas expressa no segundo título é confirmada pela proporção apresentada no primeiro título.
- C) uma avaliação pessimista das vendas no Dia dos Pais é apresentada no segundo título.
- D) o crescimento de 2% mencionado no primeiro título garante que as vendas este ano foram satisfatórias.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **05** e **06**.

Expedição de 5 anos mapeia preparos, ingredientes e personagens pelo Brasil

À beira do rio Negro, no Amazonas, chega-se de barco a uma comunidade na qual vive Manoel Gomes. Ele colhe mandioca-brava numa pequena roça, faz farinha d'água e enterra bucho de jaraquí, um peixe popular na região, para adubar a terra.

Manuel Bandeira, o poeta, diria que o ribeirinho fala a "língua errada do povo" – o povo que fala "gostoso o português do Brasil". Pois ele mistura banha de cobra com raiz de açaí para lhe servir de cura quando o "corpo rói".

Em outra população remota, em Mangue Seco (BA), uma senhora canta para atrair aratus, aqueles caranguejinhos típicos dos manguezais, que se prestam a preparos como a moqueca enrolada na folha de bananeira, como faria dona Flor, a cozinheira da ficção de Jorge Amado.

Também no mangue, mas dessa vez na Ilha do Marajó, no Pará, dois meninos "parrudinhos", nas palavras de Adriana Benevenuto, a produtora da expedição, entram descalços naquela área lodosa para alcançar um tronco no qual se alojam os turus. Trata-se de moluscos à semelhança de minhocas, degustados com limão e sal e só.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/comida/2016/03/1755173-expedicao-de-5-anos-mapeia-preparos-ingredientes-e-personagens-pelo-brasil.shtml>>.

Acesso em: 02 abr. 2016.

05. (Insper-SP-2016) Na reportagem, as referências literárias usadas para relatar o mapeamento realizado pela expedição destacam a

- A) influência da cultura acadêmica nos hábitos alimentares.
- B) heterogeneidade na constituição da identidade nacional.
- C) supremacia da cultura popular na gastronomia brasileira.
- D) natureza caricatural dos habitantes dos grotões do país.
- E) excentricidade de sabores desconhecidos por estrangeiros.

06. (Insper-SP-2016) Sobre os diminutivos "caranguejinhos" e "parrudinhos", presentes no texto, é correto afirmar que eles

- A) remetem à ideia de compaixão.
- B) indicam marcas de regionalismo.
- C) revelam indícios de afetividade.
- D) manifestam um sentido místico.
- E) desconsideram a noção de tamanho.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2016) Até que ponto replicar conteúdo é crime? "A Internet e a pirataria são inseparáveis", diz o diretor do instituto de pesquisas americano Social Science Research Council. "Há uma infraestrutura pequena para controlar quem é o dono dos arquivos que circulam na rede. Isso acabou com o controle sobre a propriedade e tem sido descrito como pirataria, mas é inerente à tecnologia", afirma o diretor. O ato de distribuir cópias de um trabalho sem a autorização dos seus produtores pode, sim, ser considerado crime, mas nem sempre essa distribuição gratuita lesa os donos dos direitos autorais. Pelo contrário. Veja o caso do livro *O alquimista*, do escritor Paulo Coelho. Após publicar, para *download* gratuito, uma versão traduzida da obra em seu *blog*, Coelho viu as vendas do livro em papel explodirem.

BARRETO, J.; MORAES, M. A internet existe sem pirataria? *Veja*, n. 2 308, 13 fev. 2013 (Adaptação).

De acordo com o texto, o impacto causado pela Internet propicia a

- A) banalização da pirataria na rede.
- B) adoção de medidas favoráveis aos editores.
- C) implementação de leis contra crimes eletrônicos.
- D) reavaliação do conceito de propriedade intelectual.
- E) ampliação do acesso a obras de autores reconhecidos.

02. (Enem)

É água que não acaba mais

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86 000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. "Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos", diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45 000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

ÉPOCA. 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira. Nessa situação, a função referencial da linguagem predomina, porque o autor do texto prioriza

- A) as suas opiniões, baseadas em fatos.
- B) os aspectos objetivos e precisos.
- C) os elementos de persuasão do leitor.
- D) os elementos estéticos na construção do texto.
- E) os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa.

03. (Enem)

Choque a 36 000 km/h

A faixa que vai de 160 quilômetros de altitude em volta da Terra assemelha-se a uma avenida congestionada onde orbitam 3 000 satélites ativos. Eles disputam espaço com 17 000 fragmentos de artefatos lançados pela Terra e que se desmancharam – foguetes, satélites desativados e até ferramentas perdidas por astronautas. Com um tráfego celeste tão intenso, era questão de tempo para que acontecesse um acidente de grandes proporções, como o da semana passada. Na terça-feira, dois satélites em órbita desde os anos 90 colidiram em um ponto 790 quilômetros acima da Sibéria. A trombada dos satélites chama a atenção para os riscos que oferece a montanha de lixo espacial em órbita. Como os objetos viajam a grande velocidade, mesmo um pequeno fragmento de 10 centímetros poderia causar estragos consideráveis no telescópio Hubble ou na estação espacial Internacional – nesse caso pondo em risco a vida dos astronautas que lá trabalham.

VEJA. 18 set. 2009 (Adaptação).

Levando-se em consideração os elementos constitutivos de um texto jornalístico, infere-se que o autor teve como objetivo

- A) exaltar o emprego da linguagem figurada.
- B) criar suspense e despertar temor no leitor.
- C) influenciar a opinião dos leitores sobre o tema, com as marcas argumentativas de seu posicionamento.
- D) induzir o leitor a pensar que os satélites artificiais representam um grande perigo para toda a humanidade.
- E) exercitar a ironia ao empregar "avenida congestionada"; "tráfego celeste tão intenso"; "montanha de lixo".

Instrução: Texto para as questões **04** e **05**.

A carreira do crime

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece ao jovem de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R\$ 400,00 a R\$ 12 000 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o "piso salarial" oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R\$ 2 000 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%.

Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R\$ 15 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela delinquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escola, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isso: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

FOLHA DE S.PAULO. 15 jan. 2003.

04. (Enem) Com base nos argumentos do autor, o texto aponta para
- uma denúncia de quadrilhas que se organizam em torno do narcotráfico.
 - a constatação de que o narcotráfico restringe-se aos centros urbanos.
 - a informação de que as políticas sociais compensatórias eliminarão a atividade criminoso a longo prazo.
 - o convencimento do leitor de que para haver a superação do problema do narcotráfico é preciso aumentar a ação policial.
 - uma exposição numérica realizada com o fim de mostrar que o negócio do narcotráfico é vantajoso e sem riscos.
05. (Enem) No editorial, o autor defende a tese de que as políticas sociais que procuram evitar a entrada dos jovens no tráfico não terão chance de sucesso enquanto a remuneração oferecida pelos traficantes for tão mais compensatória que aquela oferecida pelos programas do governo. Para comprovar sua tese, o autor apresenta
- instituições que divulgam o crescimento de jovens no crime organizado.
 - sugestões que ajudam a reduzir a atração exercida pelo crime organizado.
 - políticas sociais que impedem o aliciamento de crianças no crime organizado.
 - pesquisadores que se preocupam com os jovens envolvidos no crime organizado.
 - números que comparam os valores pagos entre os programas de governo e o crime organizado.

06. (Enem) Leia com atenção os seguintes textos:
-



GALHARDO, Caco. 2001.

- Os programas sensacionalistas do rádio e os programas policiais de final da tarde em televisão saciam curiosidades perversas e até mórbidas tirando sua matéria-prima do drama de cidadãos humildes que aparecem nas delegacias como suspeitos de pequenos crimes. Ali, são entrevistados por intimidação. As câmeras invadem barracos e cortiços, e gravam sem pedir licença a estupefação de famílias de baixíssima renda que não sabem direito o que se passa: um parente é suspeito de estupro, ou o vizinho acaba de ser preso por tráfico, ou o primo morreu no massacre de fim de semana no bar da esquina. A polícia chega atirando; a mídia chega filmando.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- Quem fiscaliza [a imprensa]? Trata-se de tema complexo porque remete para a questão da responsabilidade não só das empresas de comunicação como também dos jornalistas. Alguns países, como a Suécia e a Grã-Bretanha, vêm há anos tentando resolver o problema da responsabilidade do jornalismo por meio de mecanismos que incentivam a autorregulação da mídia.

Disponível em: <<http://www.eticanatv.org.br>>. Acesso em: 30 maio 2004.

- No Brasil, entre outras organizações, existe o Observatório da Imprensa – entidade civil, não governamental e não partidária –, que pretende acompanhar o desempenho da mídia brasileira. Em sua página eletrônica, lê-se:

Os meios de comunicação de massa são majoritariamente produzidos por empresas privadas cujas decisões atendem legitimamente aos desígnios de seus acionistas ou representantes. Mas o produto jornalístico é, inquestionavelmente, um serviço público, com garantias e privilégios específicos previstos na Constituição Federal, o que pressupõe contrapartidas em deveres e responsabilidades sociais.

Disponível em: <<http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>>. Acesso em: 30 maio 2004 (Adaptação).

- Incisos do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988:
 - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;
 - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Com base nas ideias presentes nos textos anteriores, redija uma dissertação em prosa sobre o seguinte tema:

Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação?

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade culta da Língua Portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.

- 07.

Texto I

“Somos poliglota da própria língua”

Dad Squarisi deu uma aula de português

O *Sempre Um Papo*, projeto patrocinado pela Vale, voltou a Itabira nessa terça-feira, dia 25 de outubro, e deu uma aula de português, com a jornalista, escritora, professora e mestre em teoria da literatura, Dad Squarisi.

[...]

“Somos poliglota da própria língua”, disse a professora ao comparar a língua à água, que se adapta a qualquer forma. Um memorando é diferente de um ofício, que é diferente da carta para um amigo ou de um bate-papo na Internet. Tudo depende da ocasião.

Dad falou de Drummond, da licença poética dos artistas para desrespeitar as regras dos estrangeirismos no nosso idioma e da importância de saber quando usar linguagem formal e informal. [...]

DEFATO. Disponível em: <<https://www.defatoonline.com.br/somos-poliglota-da-propria-lingua/>>. Acesso em: 09 fev. 2019. [Fragmento]

Texto II

Cervejinha e barzinho: Por que o brasileiro ama falar no diminutivo

[...]

A meteorologista Carine Malagolini, de São Paulo, diz que os diminutivos são uma forma de conversa infantil que os brasileiros nunca deixaram para trás. “Usamos muitos diminutivos e muitas vezes sem perceber. Eu acho que o uso deles veio da infância, porque nós ouvíamos e conversávamos assim com nossos pais. Por exemplo, eles perguntavam “Você quer uma bananinha?””, diz.

Literalmente, os inhos e inhas fazem as coisas serem menores, efetivamente suavizando uma palavra, tornando-a fofa e gentil. E enquanto em inglês diminutivos são vistos como algo infantil (gatinho, cãozinho, mamãezinha), todo mundo no Brasil, de políticos a médicos, utiliza-os sem qualquer indício de ironia.

Para um país tão famoso por suas grandes coisas – a Amazônia, o Cristo Redentor e o Carnaval – o Brasil pode, de uma forma engraçada, ser considerado a terra dos diminutivos. Praticamente nenhuma palavra está imune à diminuição. Mas logo descobri que os diminutivos podem acrescentar todo tipo de significado oculto que pode fugir à percepção de um estrangeiro.

Contexto é tudo nessa dança linguística. Como meu novo amigo brasileiro depois me explicou, usar “cervejinha” em vez de “cerveja” implicava um convite inocente e amistoso, sem nenhuma intenção de se embebedar até tarde da noite e tudo o que isso envolve. “Genial”, pensei. “Um sufixo pode dizer tudo isso?”

WALKER, IAN. *BBC Travel*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-46907652>>. Acesso em: 10 fev. 2019. [Fragmento]

Texto III



A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema “Variação linguística: a língua como fator de inclusão social”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. Solicita-se, nessa proposta, a produção de um artigo de opinião em que se reflita acerca da questão do plágio acadêmico e da autoria numa época marcada pelo acesso e pela produção intensiva de informação. Na redação, é necessário assumir a posição de um estudante do primeiro período, recém-chegado à universidade, e produzir um texto considerando, ainda, que ele deverá ser publicado no jornal da universidade. Para isso, pode valer-se das ideias expostas nos textos-base, além da sua própria experiência, suas crenças e visões de mundo. Sobre o plágio conceitual, por exemplo, pode-se discutir acerca da ideia de propriedade intelectual atualmente em voga, uma vez que as tecnologias de informação e comunicação tornaram mais tênues as linhas que dividem o indivíduo e o público. Nesse sentido, pode-se discutir sobre, por exemplo, a necessidade de indicação dos materiais consultados durante uma pesquisa acadêmica, ainda que eles não sejam citados ou aludidos de forma direta no trabalho final, entre outros.
- 02. Para atender à proposta de redação, deve-se produzir uma notícia, a ser publicada no jornal *Diário da Noite*. O texto deve ser redigido em linguagem impessoal e objetiva, bem como apresentar informações suficientes para responder às perguntas “o que aconteceu”, “onde aconteceu”, “quando aconteceu”, “com quem aconteceu” e “como aconteceu”. As respostas para as três primeiras perguntas são apresentadas no enunciado. Os demais detalhes da notícia, como as personagens envolvidas e o modo pelo qual se deu a ação, devem ser criados. Nesse sentido, é possível, por exemplo, inserir breves depoimentos de policiais, de jogadores ou de bicheiros presos na ação, bem como especificar se a ação foi pacífica ou violenta e relatar o modo pelo qual as pessoas que presenciaram a ação reagiram a ela. A notícia deve, obrigatoriamente, receber um título que seja informativo e, de acordo com o enunciado, pode vir acompanhada por uma manchete. As informações devem ser apresentadas em um texto coeso e coerente, redigido de acordo com a norma-padrão.
- 03. É preciso se colocar no lugar de um sujeito interessado em participar de um concurso de resenhas da universidade e que produza uma resenha da fábrica de La Fontaine “A deliberação tomada pelos ratos”. Essa resenha deve incluir uma síntese da fábula e a apresentação de uma situação social análoga aos fatos narrados, envolvendo um problema coletivo. Deve-se finalizar o texto estabelecendo relações com a temática do texto original. Na síntese, deve-se destacar as ações do gato Rodilardo. Deve-se também produzir um relato sobre uma situação social análoga à da fábula, que envolva um problema coletivo. Este problema pode resultar de relações de poder marcadas por uma grande assimetria e, conseqüentemente, por ameaças de um grupo em relação ao outro. Na tentativa de reequilibrar as relações sociais ou culturas em jogo, o grupo que se encontra na posição desfavorável decide se reunir para debater possíveis soluções de deliberar sobre elas. O problema criativo também pode ser descrito em termos de questões da sociedade contemporânea para as quais os cidadãos encontram soluções que, no entanto, não conseguem implementar por motivos variados. No fechamento do texto, é preciso explicitar as relações entre a analogia por ele construída e o texto de La Fontaine, podendo estabelecer uma leitura parafrásica ou polissêmica do final da fábula.

- 04. O texto exigido pela proposta deve servir como uma apresentação à reportagem sobre o tema “Somos todos diferentes”. Para elaborar a redação, é preciso, portanto, expor o conteúdo de forma sintética. Vale notar que o gênero reportagem inclui, além de uma contextualização inicial, vários pontos de vista sobre o assunto em pauta. Assim, é possível estruturar uma apresentação dividida em duas partes: na primeira, pode-se mencionar a questão das diferenças, relacionando esse tema à reportagem; na segunda, pode-se antecipar que esse texto jornalístico terá opiniões de autoridades, o que poderá contribuir para a construção de um posicionamento crítico sobre a questão das diferenças. Além disso, é necessário o emprego da norma culta, pois, segundo o enunciado, o texto será publicado em uma revista de circulação nacional.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. A
- 03. B
- 04. C
- 05. B
- 06. C

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. B
- 03. C
- 04. D
- 05. E
- 06. A proposta explícita o conflito entre a liberdade de se veicularem informações e a necessidade de conter abusos da mídia. Tanto o texto de Eugênio Bucci quanto a charge de Caco Galhardo podem servir como fontes para a crítica aos programas sensacionalistas. Por sua vez, os excertos dos sites oferecem exemplos de reflexões sobre a regulação da mídia, o que pode evidenciar a complexidade do tema e a necessidade de aprofundamento da discussão em pauta. A quem cabe o papel de determinar os conteúdos da mídia? Deve haver algum controle ou a liberdade de expressão pode ser irrestrita? Como equacionar liberdade e responsabilidade nos meios de comunicação?
- 07. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo em que se discorra sobre o tema: “Variação linguística: a língua como fator de inclusão social”. Na argumentação desenvolvida, deve-se trazer dados e referências colhidos da observação da realidade, a partir da compreensão da língua como multifacetada. Dessa maneira, é preciso conhecer a acepção de “língua”, de “contexto” e de “interações sociais”. Deve-se compreender as interações sociais como o principal marcador de contexto linguístico. A argumentação poderá ser feita nesse viés, de que não há, de maneira alguma, uma só língua em qualquer país, principalmente no Brasil, podendo refletir, até mesmo, na questão de extensão territorial. É possível desenvolver o texto em relação aos diferentes significados de uma mesma mensagem, dependendo apenas de sua escrita / construção, podendo isso até ser um dificultador para compreensão de maneira efetiva por um estrangeiro, por exemplo, da Língua Portuguesa. Em outras palavras, é necessário envolver, num contexto sociolinguístico, não apenas a língua, mas, principalmente, o usuário e as condições de produção. Para as propostas de intervenção, por exemplo, pode-se citar um melhor ensino em relação às variações linguísticas, o combate ao preconceito linguístico, a modificação do ensino da norma-padrão em situação escolar.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Cartas

Este módulo é dedicado ao estudo das cartas, textos de caráter predominantemente dialógico, uma vez que representam a interlocução entre dois sujeitos específicos. Nele, apresentamos as características linguísticas e estruturais da carta argumentativa, da carta pessoal, da carta do leitor e da carta aberta.

CARTA ARGUMENTATIVA

Para iniciar o estudo da carta argumentativa, leia o texto a seguir. Trata-se de uma carta enviada pela Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down ao Ministro da Educação. Nela, a Federação discorre sobre a importância de políticas públicas de inclusão desses indivíduos na educação básica.

Excelentíssimo **Senhor Ministro,**

Nós, pessoas com síndrome de Down, familiares, responsáveis legais, profissionais e movimentos sociais que atuam na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, **vimos** à presença de **Vossa Excelência** apresentar o contexto atual do processo de inclusão educacional no Brasil a partir da perspectiva desse segmento.

Confiamos plenamente na **sua** compreensão do que significa inclusão educacional e social, considerado o disposto a esse respeito na Constituição Federal, já nascida com claro desenho inclusivo, revelado em seus princípios e normas, e fortalecida ainda mais pela ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, incorporada em nosso ordenamento jurídico com *status* de emenda constitucional desde 2008.

Esse documento estabelece a necessidade de o Estado organizar um sistema educacional inclusivo no qual as pessoas com deficiência em idade escolar tenham garantido acesso, permanência e qualidade em seus processos de escolarização. Somente uma escola para todos permitirá que as pessoas com deficiência participem em igualdade de condições com as demais pessoas nas escolas em suas comunidades. Essa exigência foi observada mediante a edição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que, no item I do seu artigo 28, dispõe caber ao Poder Público “assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I – sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida”.

Muitos foram os ganhos, nas últimas décadas, em termos de políticas públicas nacionais voltadas a esse segmento. Tanto é que o percentual de estudantes com deficiência matriculados atualmente nas escolas comuns é de 79% (último censo do IBGE). Essa inclusão – de crianças com deficiência desde o ensino básico – possibilita que adolescentes e jovens com deficiência acessem os níveis mais elevados de ensino, desenvolvam as suas potencialidades e autoestima e sejam incluídos na sociedade de modo pleno. Hoje é, portanto, uma realidade a frequência de estudantes com deficiência nas universidades e sua profissionalização.

O país precisa se manter nesse caminho para atingir a universalização da matrícula conforme a Lei 13 005, de 2014, que estabelece o Plano Nacional de Educação para os próximos 8 anos. Para o cumprimento dessa meta, **precisamos confiar no seu comando!** O processo de inclusão iniciado não pode sofrer retrocesso, sob pena de se ferir a Constituição, considerado principalmente o artigo 24 da Convenção da ONU, em relação ao qual o respectivo Comitê, no Relatório sobre a aplicação de tais normas no Brasil, recomenda que “[...] o Estado Parte intensifique seus esforços com alocações adequadas de recursos para consolidar um sistema educacional inclusivo de qualidade.”

Em consonância com as normas constitucionais supracitadas, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva afirma que a Educação Especial é um campo de conhecimento e uma modalidade transversal de ensino que perpassa todos os demais níveis e modalidades, realizando o atendimento educacional especializado – AEE e disponibilizando um conjunto de serviços, recursos e estratégias específicas que favorecem o processo de escolarização dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação nas salas comuns do ensino regular e a sua interação no contexto educacional, familiar, social e cultural.

Essa Política Nacional, portanto, norteia as ações das redes de ensino para a consolidação do sistema nacional inclusivo. A partir desse documento rompemos a visão fragmentada que gerou uma falsa oposição entre educação regular e educação especial, dado que um sistema educacional inclusivo ocorre necessariamente em todos os níveis, etapas e modalidades da escola comum, sendo bom para todos os estudantes.

Nessa perspectiva, a partir de uma conceituação biopsicossocial, o atendimento educacional especializado – AEE é um serviço que apoia e é apoiado pelas atividades desenvolvidas no ensino comum, induzindo a reorganização da sala de aula, da escola e das redes de ensino para todos.

Para fomentar esse processo rumo à efetivação de um serviço educacional de qualidade, ainda em 2008 foi publicado o Decreto 6 571, incorporado pelo Decreto 7 611/2011, por meio do qual a União passou a apoiar os sistemas de ensino para fazer multiplicar a oferta do atendimento educacional especializado – AEE aos estudantes público-alvo da modalidade de Educação Especial.

[...]

A implementação da Educação Especial na perspectiva da inclusão é um projeto em andamento, que, como todo projeto que introduz uma inovação de tal porte, não acontece de uma hora para outra. Toda inovação tem um caminho para ser compreendida e para acontecer, de fato, segundo seus propósitos. Nesse sentido, estamos avançando qualitativamente, dado que quantitativamente já progredimos muito.

Não há razão plausível para retrocedermos, cedendo a pressões dos que ainda defendem a Educação Especial nos moldes substitutivos e segundo o modelo médico de interpretação da deficiência. Quem defende a inclusão de alunos com deficiência nas escolas comuns baseia-se no modelo social da deficiência (1992) e nesse modelo o olhar recai sempre na pessoa, nas situações de natureza externa, no meio em que vivem, e não apenas e acentuadamente sobre a deficiência, como ocorre em escolas e classes especiais de instituições especializadas.

As instituições especializadas já tiveram tempo suficiente para reconhecer as mudanças que a Educação Especial provocou nas pessoas com deficiência, outrora resignadas a viver em ambientes educativos à parte, seja por escolha dos familiares e responsáveis legais desavisados e / ou por indicação de profissionais descrentes das possibilidades de desenvolvimento de toda e qualquer pessoa, quando tem acesso e participação na vida como ela é, para todos.

Não temos motivos para retroceder e **não podemos** mais admitir que qualquer interesse, que não os das pessoas com deficiência, venha, mais uma vez, conspirar contra **nosso** projeto de inclusão, que **nos orgulha**, que é uma forma de **nos redirmos** de todas as injustiças, de toda a desigualdade gerada pela exclusão de alguns brasileiros, por ignorância dos familiares e responsáveis legais, dos educadores e por interesses outros, que se infiltram, frequentemente no nosso trabalho, desrespeitando os preceitos constitucionais e a **nossa** capacidade de entendimento da diferença de todos nós.

Confiemos que **Vossa Excelência**, como **nós**, está empenhado na construção de uma sociedade que não discrimina e compreende a deficiência como parte da diversidade humana, tarefa que exige da educação o respeito pelas capacidades de todos os estudantes, salvaguardando o direito à plena e efetiva participação com igualdade de oportunidades.

Por fim, **esclarecemos** que este documento tem natureza preambular, pelo que **pugnamos** por outro espaço junto à **Vossa Excelência** para aprofundamento do tema central, qual seja a efetivação da inclusão plena.

Entidades que aderem ao documento:

Federação brasileira das associações de Síndrome De Down

AMANKAY – Instituto de estudos e pesquisas

Associação Nacional de Membros do Ministério Público de Defesa dos Idosos e Pessoas com Deficiência

INCLUSIVE – Inclusão e Cidadania

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença – LEPED

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE SÍNDROME DE DOWN. Disponível em: <<http://www.federacaodown.org.br/portal/index.php/noticias/educacao/144-carta-destinada-ao-ministro-da-educacao>>. Acesso em: 24 abr. 2018. [Fragmento]

Embora circule sem algumas identificações básicas do gênero, como um título – no caso de carta aberta – ou identificação de local e destinatário – no caso de cartas argumentativas pessoais, o texto da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down é um bom exemplo de carta argumentativa. Nele, há uma sequência de marcas linguísticas que simulam uma interlocução direta entre um produtor específico e um único receptor ao qual é dirigido o texto. Os autores se identificam e trazem como argumentos diversos textos legais no âmbito da inclusão e da educação para a diversidade. Além disso, usam a primeira pessoa do plural, e repetem, ao longo do texto, pronomes que se referem a seu interlocutor. Nela, também são feitas solicitações, no sentido de fortalecer políticas de inclusão. Essas marcas comprovam o caráter dialógico das cartas, ou seja, textos desse gênero têm intenção de dialogar com um interlocutor específico, ainda que reproduzam o discurso de apenas um dos interlocutores.

Como é possível perceber, as cartas argumentativas têm muitas semelhanças com outros gêneros de natureza dissertativo-argumentativa, como o artigo de opinião e o editorial. Em todos, apresenta-se uma tese – ideia principal a ser desenvolvida no texto –, seguida de uma argumentação consistente que a sustenta. Tanto em cartas quanto em textos dissertativo-argumentativos, deve haver a exposição coesa e coerente de todo o raciocínio do autor por meio de linguagem clara e adequada à norma-padrão.

Por outro lado, as cartas têm certas características que as distanciam dos textos dissertativo-argumentativos. A primeira e mais importante diferença é o fato de que são produzidas com base em uma situação de interlocução supostamente concreta, ao contrário dos textos dissertativo-argumentativos, que tanto serão melhores quanto mais forem universalmente válidos.

Em textos dissertativo-argumentativos, deve-se, preferencialmente, evitar a primeira pessoa, bem como a interlocução direta com o leitor – evidenciada por meio de vocativos, de pronomes como “você” e “sua”, de verbos no imperativo, de perguntas diretas que não são respondidas.

Deve-se, também, tentar convencer um leitor universal, despersonalizado. Por isso, expor um problema ou uma situação pessoal, contar com a simpatia de quem lê ou solicitar que se responsabilize por solucionar o problema são estratégias argumentativas pouco eficazes.

Já nas cartas, o autor deve se identificar, bem como se dirigir a uma pessoa específica. Aquele que escreve a carta e a envia recebe o nome de remetente ou signatário (locutor); aquele a quem a carta é dirigida, por sua vez, recebe o nome de destinatário (interlocutor). Ao se redigir uma carta argumentativa, deve-se esforçar para que os perfis tanto do signatário quanto do destinatário fiquem bem evidenciados. O remetente ou signatário deve se apresentar e se expressar em primeira pessoa. Deve, ao mesmo tempo, dirigir-se diretamente a seu interlocutor, com perguntas e solicitações, e tratá-lo de acordo com as convenções que sua posição na sociedade exigir. Tudo isso vai garantir que a situação de interlocução esteja bem delineada no texto.

As cartas argumentativas, além de conterem marcas de interlocução, possuem outra diferença em relação aos textos dissertativo-argumentativos. Sua estrutura formal organiza-se em partes preestabelecidas, distintas daquelas que se encontram em textos dissertativo-argumentativos. Essas partes são:

- **Local e data:** aparecem no início do texto, normalmente próximos à margem esquerda da folha.
- **Vocativo:** aparece logo após o local e a data e é um chamamento, uma invocação que o autor da carta faz àquele a quem se dirige. O vocativo pode conter apenas o nome do destinatário ou vir acompanhado de adjetivos como “Caro(a)”, “Prezado(a)”, “Ilustríssimo(a)”, “Excelentíssimo(a)”. Isso vai depender de quem é a pessoa para quem se escreve e do grau de intimidade existente entre ela e o autor da carta ou do grau de formalidade exigido pelo cargo que tal pessoa ocupa. Após o vocativo, usa-se vírgula, dois pontos ou não se usa sinal algum de pontuação.

- **Corpo do texto:** é o texto propriamente dito e deve iniciar-se uma linha após o vocativo, com letra maiúscula e recuo de parágrafo. O corpo do texto de uma carta argumentativa é composto pelas seguintes partes:

1. **Apresentação:** aparece, normalmente, no início do texto e é a parte em que o autor da carta se apresenta.
2. **Exposição do problema:** nessa parte, o autor deve apresentar a problemática que o motivou a redigir a carta e deve evidenciar o objetivo de seu texto.
3. **Exposição da tese:** nessa parte, o autor expõe sua perspectiva sobre o assunto e direciona o texto para a argumentação.
4. **Exposição de argumentos:** tal como nos textos dissertativo-argumentativos, nessa parte da carta, o autor expõe os argumentos que sustentam sua opinião sobre o assunto de maneira organizada, cuidando da coerência e da coesão do texto.
5. **Conclusão ou fechamento:** nessa parte, o autor encerra sua argumentação e conclui o texto, reafirmando sua tese. Vale observar que muitas propostas de redação exigem que o autor da carta exponha uma reivindicação com vista a solucionar o problema tratado ao longo do texto. Nesses casos, essa reivindicação pode aparecer explicitamente no fechamento do texto ou nele ser reiterada.

- **Despedida:** aparece logo após o texto da carta e, normalmente, consiste no uso de expressões como “grato(a)”, “atenciosamente”, “cordialmente”, “respeitosamente”. A escolha da expressão a ser usada deve ser feita com base no grau de formalidade da carta.
- **Assinatura:** aparece no fim da carta, geralmente alinhada à direita da margem, e identifica o remetente ou signatário.

O perfil do interlocutor (destinatário) da carta também vai influenciar na escolha da linguagem e dos argumentos a serem utilizados. Cada interlocutor exige o uso de uma forma de tratamento distinta. Justamente por esse motivo, é necessário saber usar os pronomes e as formas de tratamento adequados. Observe o quadro a seguir, o qual indica os vocativos, os pronomes e as formas de tratamento que devem ser usados de acordo com o destinatário da carta.

Vocativo	Pronome	Abreviatura	Contexto de uso
Caro amigo Prezado amigo	you	v.	No tratamento familiar (familiares, amigos).
Caro Senhor Cara Senhora	o senhor a senhora	Sr. Sr. ^a	No tratamento de respeito.
Prezado Senhor Ilustríssimo Senhor	o senhor Vossa Senhoria	Sr. V.S. ^a	Para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial para funcionários graduados, executivos para autoridades civis.
Excelentíssimo Senhor	Vossa Excelência	V. Ex. ^a	Para autoridades políticas.



TOME NOTA!

- Todos esses **pronomes de tratamento são de terceira pessoa**. Portanto, os **verbos** e demais **pronomes** que estiverem relacionados ao interlocutor da carta devem também ser de **terceira pessoa**.
- Caso a autoridade a que a carta é dirigida for o presidente da República, não se deve usar a abreviatura V. Ex.^a.

CARTA PESSOAL

Cartas pessoais são aquelas usadas na comunicação entre familiares, amigos, namorados. Normalmente, são afetivas e escritas em linguagem informal. Leia um exemplo:

Belo Horizonte, 16 de maio de 2016.

Querido Lucas,

Espero que esteja tudo certo na sua vida nova. Faz pouco tempo que você se mudou, mas já sinto sua falta. Mesmo sendo muito triste que você não esteja perto, espero que essa nova etapa seja muito legal. Que você aprenda bastante, em todos os sentidos.

Estou enviando esta carta também para te desejar um feliz aniversário, um pouco atrasado, já que os Correios estavam em greve e a carta certamente demorou a chegar. Que Deus possa te abençoar e iluminar sua vida.

Aproveitando a oportunidade dos seus 18 anos de idade, quero lhe dar alguns conselhos de prima mais velha, quase irmã. Agora que você é um "cidadão" maior de idade, tem que ter a consciência de que tudo o que fizer ou aprontar terá consequências (e isso a gente só sabe com o tempo mesmo). Você agora terá mais liberdade, pode ir a lugares que antes não podia, pode dirigir, pode viajar sozinho sem autorização dos pais e pode até casar, imagina só! Mas, por outro lado, você agora responde pelos seus atos (não que não respondesse antes – mas agora é bem mais sério) e as consequências são maiores também.

Por isso é que me preocupo com você aí, nessa cidade cheia de estudantes, repúblicas e todo mundo doido pra ficar doido o dia inteiro. Vão aparecer as farras, as festinhas, as garotas, e peço, por favor, tome cuidado e tenha juízo.

Sei que é pedir muito para um calouro deslumbrado com essa vida nova, mas pense sempre antes de fazer qualquer coisa. Sei que você consegue.

Estamos vivendo em um mundo de muita liberdade, o que é ótimo, mas também perigoso. Eu já aprontei também, mas nada que eu depois pudesse me arrepender. Espero que com você seja assim também.

No mais, curta muito, aproveite as boas oportunidades aí na faculdade, e não se esqueça de nós. Estaremos sempre aqui quando precisar. Ah... vê se aprende a cozinhar alguma coisa pra não passar fome. Venha quando der.

Um grande abraço da sua prima/irmã,

Rita.

Como se percebe, a carta anterior é escrita em linguagem coloquial, bem próxima da oralidade. Ao longo do texto, a autora usa ao mesmo tempo pronomes e formas verbais de primeira pessoa do plural e a forma de terceira pessoa "a gente". Essas palavras ora são usadas no sentido pessoal, ora para fazer referência ao remetente (eu) e a seu primo (você) juntos (nós / a gente). Também é possível perceber que o discurso da carta fundamenta-se em argumentação bastante pessoal, baseada nas vivências de quem escreve e em suas impressões da realidade.

CARTA DO LEITOR

A carta do leitor é um tipo de carta argumentativa e caracteriza-se por apresentar a opinião de um leitor a respeito de um texto qualquer publicado em um veículo de comunicação específico. Pode ser produzida em resposta a uma notícia, a uma reportagem, a um artigo, a um editorial, etc.

O leitor que a escreve normalmente deseja elogiar uma matéria ou protestar contra seu conteúdo.

Leia um exemplo de carta do leitor para conhecer melhor as características desse gênero.

Na notícia a respeito do lançamento do livro da professora Pollyana Ferrari sobre *fake news*, publicada na *Folha* do dia 18 de abril de 2018, a autora afirma que não é suficiente, para a diminuição no impacto das *fakes news*, uma educação que forme sujeitos "capazes de discernir fontes confiáveis de notícias deliberadamente mentirosas", uma vez que o problema também tem origem na falta de ética de pessoas que escolhem o conforto de mentiras que concordam com seus pontos de vista do que colocarem à prova suas opiniões. Mas eu pergunto: não é também compromisso da escola a formação de um indivíduo que reflète sobre as suas próprias ações e valores? Ou seja, indivíduos éticos? É preciso repensar a escola para além do mero estudo de "interpretação textual e redação" ou de um aprendizado automático de signos e sistemas. Acredito que a ignorância que fundamenta fenômenos como os da *fake news* só pode ser combatida quando o caráter ético-político da escola for assumido em sua totalidade, tendo como consequência a formação de cidadãos crítica e politicamente alfabetizados.

Lúcia Marina dos Reis, Santos-SP, por e-mail.

Na carta anterior, a leitora refuta a fala de uma especialista a respeito da formação de um indivíduo que não propague notícias falsas na rede. Para isso, ela, inicialmente, identifica o texto com o qual dialoga, fazendo referência ao assunto da matéria e à data em que foi publicada. Essa referência é extremamente importante nas cartas do leitor, pois é com base nela que o destinatário e os demais leitores do periódico serão capazes de entender o contexto comunicativo de produção do texto. Na carta da leitora à *Folha de S. Paulo*, por exemplo, qualquer leitor do jornal é capaz de inferir o conteúdo da matéria com a qual a autora dialoga, mesmo sem ter acesso a ela, e isso deve ser possível em uma carta do leitor.

No corpo do texto, além de fazer essa referência, a autora identifica-se por meio da assinatura, expressa sua opinião sobre a matéria publicada e expõe argumentos que a sustentam. Ao contrário do que ocorre nas cartas pessoais, que são permeadas de emotividade, os argumentos usados em cartas do leitor devem ser de natureza lógica e coerentes com a realidade. A linguagem, por sua vez, deve ser formal e estar de acordo com a norma-padrão. Nesse sentido, as cartas do leitor são bastante parecidas com qualquer outro texto de natureza dissertativo-argumentativa. Por outro lado, distanciam-se desses textos por conterem, como qualquer outra carta, marcas de pessoalidade e de interlocução.

Uma carta do leitor pode ser dirigida a diferentes interlocutores, dependendo do texto com o qual dialoga. Se comenta, por exemplo, um editorial, uma notícia ou uma reportagem, pode ser dirigida ao jornalista responsável pela matéria; se comenta um artigo de opinião, pode ser dirigida ao articulista; em ambos os casos, é possível, também, enviar a carta ao editor ou à equipe editorial do jornal ou revista.

Vale observar, ainda, que cartas do leitor costumam ser editadas pela revista ou jornal antes de serem publicadas, de modo que, quando as lemos, não as conhecemos em suas versões originais. Os periódicos, por exemplo, normalmente agrupam várias cartas que se referem a uma mesma matéria sob um título comum. São retiradas, também, algumas partes do texto, como local, data e vocativo. Entretanto, ao produzir uma carta do leitor, você deve estruturá-la de acordo com um dos seguintes modelos:

- **modelo formal:** composto por local e data, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura; ou
- **modelo semiformal:** composto por vocativo, corpo do texto, despedida, assinatura, local e data.

CARTA ABERTA

A carta aberta é um texto que, embora seja dirigido a um destinatário específico, é de domínio público e, normalmente, tem por objetivo discutir um problema que afeta a vida de uma coletividade. Pode ser produzida por um remetente específico ou por um grupo de pessoas que, reunidas em associações da sociedade civil, manifestam interesse em denunciar ou solucionar um problema que afeta suas vidas.

Em outros tempos, as cartas abertas eram impressas ou mimeografadas e distribuídas à população, tal como panfletos. Atualmente, com a popularização da Internet, a *web* tem sido o principal suporte desse gênero textual, especialmente as redes sociais. Isso se deve, é claro, ao fato desse espaço possibilitar a ampla divulgação desses textos.

Leia um exemplo de carta aberta para conhecer melhor as características desse gênero.

Carta aberta à população brasileira

O Brasil vem apresentado, anualmente, índices consideráveis de acidentes e doenças do trabalho. Dados oficiais relativos ao período de 2010 a 2014 revelam a ocorrência (média anual) de 710 000 acidentes do trabalho e doenças do trabalho, que resultaram em 15 000 incapacitações permanentes e 2 810 mortes. Ou seja, ocorre um acidente do trabalho a cada 44 segundos, uma incapacitação permanente a cada 30 minutos e 01 morte a cada 3 horas nos locais de trabalho em nosso País.

E esses números seriam ainda maiores caso fossem considerados os trabalhadores autônomos, os profissionais liberais e, também, os casos de subnotificações (quando o empregador não informa a ocorrência do acidente / adocimento).

Tais acidentes, além da tragédia familiar que representa ao trabalhador e sua família, com perda do ente querido, de renda familiar e de capacidade produtiva dos que ficam com sequelas, também tem um importante impacto nas contas orçamentárias da União, com despesas elevadas para o Sistema Único de Saúde e com benefícios previdenciários, assim como representa despesas e gastos para os empregadores, por conta de eventuais dias parados, perda de produtividade e ações de ressarcimento.

Estima-se que esses gastos e despesas relacionados a acidentes e doenças do trabalho atinjam 4% do PIB (conforme projeções da OIT), o que totalizaria, somente em 2016, valores superiores a R\$ 200 bilhões de reais.

Dessa forma, seja pelo aspecto social, com perdas de vidas, irreversíveis, ou financeiro, com altos custos ao País, se faz necessária e urgente a adoção de uma forte e robusta cultura em prevenção de acidentes e doenças ocupacionais, com a consequente criação de ambientes seguros e saudáveis.

O Ministério do Trabalho, juntamente com os demais parceiros institucionais, lançou, no mês de abril, a Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho – CANPAT2017, cujo tema é Conhecer para Prevenir. Faz-se necessário que todos conheçam as questões que envolvem os acidentes e doenças do trabalho, contribuindo para as ações para a sua prevenção, mesmo porque todos participam dos prejuízos com o pagamento de seus impostos.

As consequências de acidentes e adoecimentos do trabalho são repartidas por todos os brasileiros. Um ambiente de trabalho seguro e saudável é direito de todos e dever de cada um.

Acidentes e doenças do Trabalho: Conheça! Previna-se! Procure orientação!

28 de Abril

Dia Mundial da Segurança e Saúde no Trabalho

Dia Nacional em Memória às Vítimas de Acidentes do Trabalho

Coordenação Geral de Fiscalização e Projetos

Departamento de Saúde e Segurança no Trabalho

Secretaria de Inspeção do Trabalho

Ministério do Trabalho

Disponível em: <<http://www.trabalho.gov.br/component/content/article?id=4525>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Nessa carta aberta, endereçada a toda a população brasileira e divulgada pelo Ministério do Trabalho, os autores têm por objetivo divulgar a criação de uma campanha de prevenção de acidentes de trabalho. Para isso, logo nos primeiros parágrafos, a carta identifica o problema que pretende apontar e discutir. Em seguida, como forma de argumentar a favor da relevância da campanha, apresenta os números das ocorrências de acidentes de trabalho, que podem afastar temporariamente o trabalhador, incapacitá-lo permanentemente ou, ainda, causar a sua morte, ressaltando a necessidade de conhecer as formas de prevenção para poder utilizá-las e diminuir estatísticas.

A carta aberta que você leu é dirigida à população em geral, mas também são comuns cartas abertas dirigidas a autoridades. Neste último caso, é necessário usar os pronomes e as formas de tratamento adequados. Como podem ser escritas por uma única pessoa ou por um grupo com interesses comuns, é aceitável o uso da terceira pessoa ou da primeira pessoa do singular ou do plural. A linguagem deve ser formal e estar de acordo com a norma-padrão.

Vale observar que, embora sejam cartas, textos desse gênero possuem uma estrutura um pouco distinta da estrutura das cartas tradicionais. Apresentam um título informativo, que identifica o gênero do texto, o destinatário e, comumente, também o assunto tratado. Podem conter ou não um vocativo que identifique o(s) destinatário(s) logo após o título. Também não é obrigatório que contenham local e data; se contiverem, essas informações devem aparecer no fim do texto, antes da(s) assinatura(s).

Assim, as cartas abertas devem ser constituídas das seguintes partes:

- **Título informativo:** identifica o gênero (carta aberta), o(s) destinatário(s) e o assunto da carta.
- **Vocativo (opcional):** pode aparecer logo após o título da carta e deve estar de acordo com a posição social do destinatário.
- **Corpo do texto:** apresenta as seguintes informações:
 1. **Apresentação do problema ou denúncia:** aparece, normalmente, no início do texto e é a parte em que o(s) autor(es) identifica(m) o problema a ser tratado.
 2. **Exposição da tese:** expõe a perspectiva do(s) autor(es) sobre o assunto e direciona o texto para a argumentação.
 3. **Exposição de argumentos:** de maneira organizada, coesa e coerente, expõe, tal como os textos dissertativo-argumentativos, os argumentos que sustentam a opinião sobre o assunto.
 4. **Conclusão ou fechamento:** finaliza a argumentação e conclui o texto, reafirmando a tese defendida; além disso, comumente, apresenta uma reivindicação – quando a carta é dirigida a uma autoridade – ou convoca os leitores para agirem com vista a solucionar o problema ou a pressionar as autoridades a resolverem-no.
- **Assinatura(s):** aparece(m) no fim da carta; normalmente alinhada(s) à direita da margem e identifica(m) o(s) signatário(s).

O quadro a seguir sintetiza as características dos gêneros estudados neste módulo.

	Carta argumentativa	Carta pessoal	Carta do leitor	Carta aberta
Características	Discute uma questão controversa, normalmente de relevância social.	Discute uma questão particular, de interesse individual.	Discute uma matéria publicada em jornal ou revista.	Discute uma questão controversa, de interesse coletivo.
Opinião	Apresenta a opinião de um único indivíduo.	Apresenta considerações de ordem pessoal e particular.	Apresenta a opinião de um leitor de um periódico específico.	Pode apresentar a opinião de um indivíduo ou de várias pessoas reunidas em associações civis.
Tipo textual	Tem caráter argumentativo.	Tem caráter emotivo.	Tem caráter argumentativo.	Tem caráter argumentativo.
Linguagem	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e pessoal.	É escrita em linguagem pessoal, informal e familiar.	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e pessoal.	É escrita em português padrão, em linguagem clara e objetiva.
Pessoas do discurso	É escrita em primeira pessoa e apresenta várias marcas de interlocução.	É escrita em primeira pessoa e apresenta várias marcas de interlocução.	É escrita em primeira pessoa e apresenta várias marcas de interlocução.	Pode ser escrita em terceira pessoa ou em primeira pessoa do singular ou plural, dependendo de quem seja(m) o(s) autor(es).
Estrutura	É composta por: local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura.	É composta por: local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura.	É composta por: A) local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura; ou B) vocativo, texto, despedida, assinatura, local e data.	É composta por: título informativo, texto e assinatura. Pode conter um vocativo logo após o título e pode informar o local e a data no fim do texto, mas essas partes não são obrigatórias.
Interlocução	Dirige-se a um único interlocutor (que pode ser uma autoridade).	Dirige-se a um interlocutor específico com quem o autor tem uma relação afetiva e / ou pessoal.	Dirige-se ao jornalista ou articulista responsável pela autoria do texto com o qual dialoga ou à equipe editorial da revista ou do jornal em que o texto foi publicado.	Dirige-se ao público em geral ou a uma autoridade capaz de tomar providências para resolver o problema denunciado.



Cartas

Assista a essa videoaula que trabalha as cartas.



EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFSC)



Disponível em: <<http://www.matutando.com/2010/07/28/charge-lei-da-palmada/>>. Acesso em: 20 out. 2010.

Escreva uma carta, com no mínimo 20 linhas, para a Câmara dos Deputados, com base no Projeto de Lei e no texto de Graciliano Ramos, transcritos a seguir.

Inicie sua carta com "Senhores Deputados" e termine assinando apenas "Cidadã(o) brasileira(o)".

PROJETO DE LEI

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º – A Lei n. 8 069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos:

Art. 17 – A. A criança e o adolescente têm o direito de serem educados e cuidados pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar, tratar, educar ou vigiar, sem o uso de castigo corporal ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação, ou qualquer outro pretexto.

Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, considera-se:

I – castigo corporal: ação de natureza disciplinar ou punitiva com o uso da força física que resulte em dor ou lesão à criança ou adolescente.

II – tratamento cruel ou degradante: conduta que humilhe, ameace gravemente ou ridicularize a criança ou o adolescente.

[...]

Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/790543.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2010.

[...] Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. – Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguando baixo. [...] Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele escampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a

barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. [...]

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 58. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1986. p. 9-10.

02. (UECE) O texto a seguir é um fragmento da fala do escritor moçambicano Mia Couto, na edição de 2011 das Conferências do Estoril, cujo título foi "Desafios globais, respostas locais". Convidado pela organização do evento a discursar sobre segurança, o escritor, desconstruindo esse tema, fala, na verdade, sobre "medo".

Nessa prova de redação, sua tarefa é interagir com Mia Couto. Tomando por base uma ou mais questões discutida(s) no texto, escreva uma carta dirigida ao autor, expressando sua concordância ou discordância e apresentando argumentos que deem sustentação ao seu ponto de vista.

Murar o medo

O medo foi um dos meus primeiros mestres. Antes de ganhar confiança em celestiais criaturas, aprendi a temer monstros, fantasmas e demônios. Os anjos, quando chegaram, já era para me guardarem. Os anjos atuavam como uma espécie de agentes de segurança privada das almas.

O medo foi, afinal, o mestre que mais me fez desaprender. Quando deixei minha casa natal, uma invisível mão roubava-me a coragem de viver e a audácia de ser eu mesmo. No horizonte vislumbravam-se mais muros do que estradas. Nessa altura, algo me sugeria o seguinte: que há neste mundo mais medo de coisas más do que coisas más propriamente ditas.

No Moçambique colonial em que nasci e cresci, a narrativa do medo tinha invejável *casting* internacional: os chineses que comiam crianças, os chamados terroristas que lutavam pela independência e um ateu barbudo com um nome alemão.

Esses fantasmas tiveram o fim de todos os fantasmas: morreram quando morreu o medo. Os chineses abriram um restaurante a nossa porta, os terroristas são hoje governantes respeitáveis e Karl Marx, o ateu barbudo, é um simpático avô que não deixou descendência.

A guerra fria esfriou, mas o maniqueísmo que a sustinha não desarmou, inventando rapidamente outras geografias do medo a oriente e a ocidente. E, porque se trata de entidades demoníacas, precisamos de intervenção com legitimidade divina. O que era ideologia passou a ser crença; o que era política tornou-se religião; o que era religião passou a ser estratégia de poder.

Para fabricar armas é preciso fabricar inimigos; para produzir inimigos é imperioso sustentar fantasmas. A manutenção desse alvoroço requer um dispendioso aparato e um batalhão de especialistas que, em segredo, tomam decisões em nosso nome. Eis o que nos dizem: "para superar as ameaças domésticas, precisamos de mais polícia, mais prisões, mais segurança privada e menos privacidade; para enfrentarmos as ameaças globais, precisamos de mais exércitos, mais serviços secretos e a suspensão temporária de nossa cidadania".

Todos sabemos que o caminho verdadeiro tem de ser outro. Todos sabemos que esse outro caminho poderia começar, por exemplo, pelo desejo de conhecer melhor esses que d'um e de outro lado aprendemos a chamar de "eles".

Aos adversários políticos e militares juntam-se agora o clima, a demografia e as epidemias. O sentimento que se criou é o seguinte: a realidade é perigosa, a natureza é traiçoeira e a humanidade é imprevisível. Vivemos, como cidadãos e como espécie, em permanente situação de emergência. Como em qualquer outro estado de sítio, as liberdades individuais devem ser contidas, a privacidade pode ser invadida e a racionalidade deve ser suspensão.

Todas essas restrições servem para que não sejam feitas perguntas como, por exemplo, estas: "Por que motivo a crise financeira não atingiu a indústria do armamento? Por que motivo se gastou apenas no ano passado um trilhão e meio de dólares em armamento militar? Por que razão os que hoje tentam proteger os civis na Líbia são exatamente os que mais armas venderam ao regime do coronel Kadaf? Por que motivo se realizam mais seminários sobre segurança do que sobre justiça?"

Se queremos resolver e não apenas discutir a segurança mundial, teremos que enfrentar ameaças bem mais reais e urgentes. Há uma arma de destruição massiva que está sendo usada todos os dias, em todo o mundo, sem que seja preciso o pretexto da guerra. Essa arma chama-se fome. Em pleno século XXI, um em cada seis seres humanos passa fome. O custo para se superar a fome mundial seria uma fração muito pequena do que se gasta em armamento.

Mencionarei ainda uma outra silenciada violência. Em todo o mundo, uma entre cada três mulheres foi ou será vítima de violência física ou sexual durante seu tempo de vida. A nossa indignação, porém, é bem menor que o medo. Sem dar-nos conta, fomos convertidos em soldados de um exército de sem nomes e, como militares sem farda, deixamos de questionar. Deixamos de fazer perguntas e discutir razões. As questões da ética são esquecidas por estar provada a barbaridade dos outros. E, porque estamos em guerra, não temos que fazer prova de coerência nem de ética nem de legalidade.

Há muros que separam nações, há muros que dividem pobres e ricos, mas não há hoje no mundo um muro que separe os que têm medo dos que não têm medo. Citarei Eduardo Galeano acerca disso, que é o medo global: "Os que trabalham têm medo de perder o trabalho; os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho; os civis têm medo dos militares; os militares têm medo da falta d'armas, e as armas têm medo da falta de guerras. E, se calhar, acrescento agora eu: há quem tenha medo de que o medo acabe".

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ao_QKp9qnQ&feature=related> (Adaptação).

03. (União-UE) Leia o texto a seguir, extraído da seção Guia Veja, da revista *Veja*:

Os brasileiros têm hoje uma expectativa de vida muito maior que a da geração de seus pais e avós, vivem em geral com mais qualidade e mais saúde – e têm menos filhos. Combinadas, essas mudanças aos poucos começam a trazer uma outra transformação: a dos arranjos domésticos que esses cidadãos fazem ao encerrar sua fase de atividade profissional. É provável que, como nos países europeus ou nos Estados Unidos, os idosos não mais queiram ou não possam morar com os filhos e ser cuidados por eles, e desejem preservar tanto quanto possível a independência e a privacidade que usufruíram durante toda a vida.

Um sintoma dessa mudança é que nesta última década o Brasil começou a presenciar o surgimento de condomínios exclusivos para idosos, nos quais eles podem morar com conforto (mas sem os afazeres e as preocupações com empregada e encanador de quem tem de manter a própria casa), junto de pessoas da mesma idade, recebendo a assistência médica necessária e contando com opções de lazer e entretenimento. Apesar de essas comodidades estarem ainda restritas a uma parcela de classe alta, os geriatras e outros especialistas da área avaliam que esse é um nicho de mercado que deve crescer e ficar cada vez mais acessível do ponto de vista financeiro.

VEJA, p. 82, 05 mar. 2014.

Se você concorda com a proposta de condomínios para idosos, conforme exposto no texto, escreva uma carta ao Sr. Victor Civita Neto, presidente do Conselho Editorial da revista *Veja*, apresentando seus argumentos que justifiquem a proposta, por representar maior sensação de liberdade e independência aos idosos. Se você é contra, escreva uma carta ao mesmo presidente da revista, apresentando seus argumentos que condenem a proposta, por ser ela uma espécie de "abandono" dos idosos por seus parentes, especialmente filhos, pois, longe de familiares, os idosos perderão o bem mais precioso de seu final de vida, que é o carinho desses mesmos familiares. Em ambos os casos, lembre-se de que a arte de convencer é fundamental.

Instrução: Não dê um título a sua carta nem a assine, pois, nos exames seletivos das universidades, o candidato não deve ser identificado como autor da redação. No lugar da assinatura, deve ser colocado apenas um traço.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Responda às questões de 01 a 04 de acordo com o seguinte texto.

"Unde Malum"

Os sapatinhos sem meias, a roupa encharcada, o rosto suavemente deitado sobre a areia da praia em Bodrum, na Turquia. Aylan Shenu, o refugiado sírio de 3 anos, parecia adormecido, em uma daquelas imagens de desconcertante inocência que só uma criança subitamente vencida pelo cansaço é capaz de produzir. A sensação boa dura pouco. Logo se percebe que Aylan está morto. Seu corpo inerte foi jogado na areia pelas ondas do Mediterrâneo. A legenda da foto informa que Aylan morreu afogado com a mãe, Rehan, e o irmão de 5 anos, Galip, quando o barco precário que os transportava afundou. Só Abdullah, o pai do menino, sobreviveu. Como dezenas de milhares de outros sírios vêm fazendo em desespero, os Shenu lançaram-se ao mar para fugir da guerra civil insana que arrasa o seu país.

As cenas do corpo de Aylan na areia – e, em outra foto, carregado nos braços por um policial turco – foram fortes demais mesmo para um mundo anestesiado por desgraças que chegam sem parar a bilhões de pessoas instantaneamente pela Internet. A mente humana só tem a fé e a arte para não perder a razão diante de imagens como as de Aylan. Santo Agostinho, um portento da inteligência cristã, nunca conseguiu conciliar a ideia de um Deus onipotente, soberanamente bom, com a existência do mal no mundo. Sua indagação em latim "Unde malum" ("De onde vem o mal?") atravessa os séculos sem resposta inteiramente satisfatória.

30 No poema com esse título, o polonês Czeslaw Milosz, ganhador do Nobel de literatura em 1980, responde que o bem e o mal só existem no homem – e se a espécie humana deixar de existir eles também desaparecerão.

35 “El pie del niño aún no sabe que es pie” – assim o poeta chileno Pablo Neruda descreveu sua perplexidade metafísica ante os mistérios da caminhada humana. O escritor americano Ernest Hemingway famosamente venceu os amigos em uma disputa literária para ver quem conseguiria comover os demais com a história mais curta: “Vendo sapatinho de bebê. Nunca usado”. Pendendo solto dos braços do policial turco em Bodrum, os pezinhos de Aylan, dentro dos sapatos sem serventia, ainda não sabiam que eram pés. Isso é que mais dói.

40 VEJA, 09 set. 2015. Carta ao Leitor, p. 12.

01. (UECE–2016) Tendo em vista o dualismo que, sabe-se, estrutura o mundo, se, em um texto, fala-se em uma “sensação boa”, deve haver algo que preencha o espaço de uma “sensação má”.

Assinale a oposição básica que se pode depreender desse texto.

- A) A vida e a morte.
- B) A riqueza e a pobreza.
- C) O mal e o bem.
- D) A intolerância e a condescendência.

02. (UECE–2016) Quando o enunciador fala de “um mundo anestesiado por desgraças que chegam sem parar a bilhões de pessoas instantaneamente pela Internet” (linhas 18-20), pode-se chegar a algumas conclusões. Dentre as conclusões a seguir, assinale a que não é autorizada pelo texto.

- A) A recorrência do mal insensibiliza as pessoas.
- B) A compaixão diminui à proporção que cresce e repete-se o mal.
- C) No mundo atual, a banalização do mal se dá com mais rapidez.
- D) O mal e o bem existem no mundo independentemente da ação do homem.

03. (UECE–2016) Atente à indagação de Santo Agostinho, um dos doutores da Igreja Católica: “Unde malum” (“De onde vem o mal?”) e aos comentários I, II e III, relacionados a esse questionamento.

- I. Essa indagação feita por Santo Agostinho (354-430), nos primeiros séculos da Era Cristã, ainda não teve uma resposta que convencesse a todos.
- II. O que atormentava Agostinho era a ideia de que um Deus criador de tudo, “um Deus onipotente, soberanamente bom” (linha 24), pudesse haver criado o mal.

III. Em poema intitulado “Unde malum”, o poeta polonês Czeslaw Milosz responde à questão: “O bem e o mal só existem no homem – e, se a espécie humana deixar de existir, eles também desaparecerão” (linhas 30-31). Essa resposta parece haver satisfeito muitas pessoas, uma vez que o poeta ganhou um Oscar.

Está correto o que se diz apenas em

- A) III.
- B) I e II.
- C) II e III.
- D) I e III.

04. (UECE–2016) “Vendo sapatinho de bebê. Nunca usado” (linha 38). Essa pequena história comoveu os amigos do escritor americano Ernest Hemingway, e o autor dessa carta ao leitor ilustrou o seu texto com essa pequena história. Atente ao que se diz sobre essa pequena narrativa.

- I. O primeiro enunciado da historinha de Hemingway – “Vendo sapatinho de bebê” expressa uma atividade normal, desenvolvida por muitas pessoas: vender sapatinho de bebê.
- II. O segundo enunciado – “Nunca usado” – causa estranhamento, uma vez que não se costuma vender sapatinhos de bebê usados. Sendo isso verdade, não haveria necessidade de fazer essa observação.
- III. O acréscimo da informação “Nunca usado” abre para o leitor a expectativa de que algo de mau, ou pelo menos desagradável, aconteceu à criança.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e II somente.
- C) II e III somente.
- D) I e III somente.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **05** a **07**.

Carta de reclamação

São Paulo, 22 de março de 2007.

Prezados Senhores,

Esta é a oitava carta jurídica de cobrança que recebo de Vossas Senhorias...

Sei que não estou em dia com meus pagamentos. Acontece que eu estou devendo também em outras lojas e todas esperam que eu lhes pague. Contudo, meus rendimentos mensais não permitem que eu pague mais do que duas prestações no fim de cada mês. As outras ficam para o mês seguinte. Estou ciente de que não sou injusto, daquele tipo que prefere pagar esta ou aquela empresa em detrimento das demais. Ocorre o seguinte... todo mês, quando recebo meu salário, escrevo o nome dos meus credores em pequenos pedaços de papel, que enrolo e coloco dentro de uma caixinha. Depois, olhando para o outro lado, retiro dois papéis, que são os dois “sortudos” que irão receber o meu rico dinheirinho. Os outros, paciência. Ficam para o mês seguinte. Afirmando aos senhores, com toda certeza, que sua empresa vem constando todos os meses na minha caixinha. Se não os paguei ainda, é porque os senhores estão com pouca sorte. Finalmente, faço-lhes uma advertência: se os senhores continuarem com essa mania de me enviar cartas de cobrança ameaçadoras e insolentes, como a última que recebi, serei obrigado a excluir o nome de Vossa Senhoria dos meus sorteios mensais.

Sem mais,
Obrigado.

FOLHA DE S.PAULO. 2007 (Adaptação).

05. (UEAP) Pode-se dizer que o efeito de humor do texto anterior é construído, principalmente, a partir

- A) da utilização de uma Carta de Reclamação que, por seu caráter público, apresenta um estilo bastante formal.
- B) da necessidade de o remetente excluir o nome do destinatário de seus sorteios mensais.

C) de algumas expressões e vocábulos, tais como: “sei que não sou injusto”, “sortudo”, “meu rico dinheirinho”.

D) do inusitado teor da Carta de Reclamação, pois o assunto nela tratado causa estranheza e divertimento no leitor.

E) do fato de o remetente reclamar por ser a oitava carta de cobrança que recebe.

06. (UEAP) Quanto ao texto, só não se pode afirmar:



A) A mescla de pessoas do discurso (segunda pessoa do plural e terceira pessoa do singular) não constitui erro, pois, nesse tipo de texto, ela se torna um padrão.

B) As reticências presentes em “Ocorre o seguinte... todo mês,” podem ser substituídas, sem alteração de sentido, por dois-pontos (:).

C) O trecho “Os outros, paciência. Ficam para o mês seguinte.” pode ser reescrito, mantendo-se a sua ideia original, da seguinte maneira: “Os outros credores devem ter paciência, pois ficarão para o mês seguinte.”

D) O texto é heterogêneo quanto ao seu modo de organização. Isto é, apresenta, além de outros, trechos do modo de organização narrativo.

E) Os conectores grifados em “Esta é a oitava carta jurídica de cobrança que recebo de Vossas Senhorias” e em “Sei que não estou em dia com meus pagamentos.” são, respectivamente, pronomes relativos anafóricos de “a oitava carta jurídica de cobrança” e de “sei”.

07. (UEAP) É característica de Cartas Comerciais, como a Carta de Reclamação, a exposição de motivos (uma forma de introdução). Tais motivos justificam sua emissão para uma indústria, comércio, bancos, instituições financeiras, etc. No texto, constituem-se exposições de motivos:

A) “Sei que não estou em dia com meus pagamentos. Acontece que eu estou devendo também em outras lojas e todas esperam que eu lhes pague. Contudo, meus rendimentos mensais não permitem que eu pague duas prestações no fim de cada mês.”

B) “Estou ciente de que não sou injusto, daquele tipo que prefere pagar esta ou aquela empresa em detrimento das demais.”

C) “Ocorre o seguinte... todo mês, quando recebo meu salário, escrevo o nome dos meus credores em pequenos pedaços de papel, que enrolo e coloco dentro de uma caixinha. Depois, olhando para o outro lado, retiro dois papéis, que são os dois ‘sortudos’ que irão receber o meu rico dinheirinho.”

D) “Afirmando aos senhores, com toda certeza, que sua empresa vem constando todos os meses na minha caixinha. Se não os paguei ainda, é porque os senhores estão com pouca sorte.”

E) “Finalmente, faço-lhes uma advertência: se os senhores continuarem com essa mania de me enviar cartas de cobrança ameaçadoras e insolentes, como a última que recebi, serei obrigado a excluir o nome de Vossa Senhoria dos meus sorteios mensais.”

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2016) Salvador, 10 de maio de 2012.

Consultoria PC Speed

Sr. Pedro Alberto

Assunto: Consultoria

Prezado Senhor,

Manifestamos nossa apreciação pelo excelente trabalho executado pela equipe de consultores desta empresa na revisão de todos os controles internos relativos às áreas administrativas.

As contribuições feitas pelos membros da equipe serão de grande valia para o aperfeiçoamento dos processos de trabalho que estão sendo utilizados. Queira, por gentileza, transmitir-lhes nossos cumprimentos.

Atenciosamente,

Rivaldo Oliveira Andrade

Diretor Administrativo e Financeiro

Disponível em: <www.pcspeed.com.br>.

Acesso em: 01 maio 2012 (Adaptação).

A carta manifesta reconhecimento de uma empresa pelos serviços prestados pelos consultores da PC Speed. Nesse contexto, o uso da norma-padrão

- A) constitui uma exigência restrita ao universo financeiro e é substituível por linguagem informal.
- B) revela um exagero por parte do remetente e torna o texto rebuscado linguisticamente.
- C) expressa o formalismo próprio do gênero e atribui profissionalismo à relação comunicativa.
- D) torna o texto de difícil leitura e atrapalha a compreensão das intenções do remetente.
- E) sugere elevado nível de escolaridade do diretor e realça seus atributos intelectuais.

02. (Enem) Nós, brasileiros, estamos acostumados a ver juras de amor, feitas diante de Deus, serem quebradas por traição, interesses financeiros e sexuais. Casais se separam como inimigos, quando poderiam ser bons amigos, sem traumas. Bastante interessante a reportagem sobre separação. Mas acho que os advogados consultados, por sua competência, estão acostumados a tratar de grandes separações. Será que a maioria dos leitores da revista tem obras de arte que precisam ser fotografadas antes da separação? Não seria mais útil dar conselhos mais básicos? Não seria interessante mostrar que a separação amigável não interfere no modo de partilha dos bens? Que, seja qual for o tipo de separação, ela não vai prejudicar o direito à pensão dos filhos? Que acordo amigável deve ser assinado com atenção, pois é bastante complicado mudar suas cláusulas? Acho que essas são dicas que podem interessar ao leitor médio.

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com>.

Acesso em: 26 fev. 2012 (Adaptação).

O texto foi publicado em uma revista de grande circulação na seção de carta do leitor. Nele, um dos leitores manifesta-se acerca de uma reportagem publicada na edição anterior. Ao fazer sua argumentação, o autor do texto

- A) faz uma síntese do que foi abordado na reportagem.
- B) discute problemas conjugais que conduzem à separação.
- C) aborda a importância dos advogados em processos de separação.
- D) oferece dicas para orientar as pessoas em processos de separação.
- E) rebate o enfoque dado ao tema pela reportagem, lançando novas ideias.

03. (Enem) Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destruídos da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

CARTA CAPITAL. 28 abr. 2010. Coluna Pênalti.

O trecho é parte de uma carta de um cidadão brasileiro, José Fuzeira, encaminhada, em abril de 1940, ao então presidente da República Getúlio Vargas. As opções linguísticas de Fuzeira mostram que seu texto foi elaborado em linguagem

- A) regional, adequada à troca de informações na situação apresentada.
- B) jurídica, exigida pelo tema relacionado ao domínio do futebol.
- C) coloquial, considerando-se que ele era um cidadão brasileiro comum.
- D) culta, adequando-se ao seu interlocutor e à situação de comunicação.
- E) informal, pressupondo o grau de escolaridade de seu interlocutor.

04. (Enem)

Texto I



FRADIM. Ed. Codecri, n. 20, 1997.

Texto II

O encontro "Vem ser cidadão" reuniu 380 jovens de 13 Estados, em Faxinal do Céu (PR). Eles foram trocar experiências sobre o chamado "protagonismo juvenil".

O termo pode até parecer feio, mas essas duas palavras significam que o jovem não precisa de adulto para encontrar o seu lugar e a sua forma de intervir na sociedade. Ele pode ser protagonista.

FOLHA DE S.PAULO.

Para quem se revolta e quer agir. 16 nov. 1998 (Adaptação).

Texto III

Depoimentos de jovens participantes do encontro:

- "Eu não sinto vergonha de ser brasileiro. Eu sinto muito orgulho. Mas eu sinto vergonha por existirem muitas pessoas acomodadas. A realidade está nua e crua. [...]"
Tem de parar com o comodismo. Não dá para passar e ver uma criança na rua e achar que não é problema seu." (E.M.O.S., 18 anos, Minas Gerais)
- "A maior dica é querer fazer. Se você é acomodado, fica esperando cair no colo, não vai acontecer nada. Existe muita coisa para fazer. Mas primeiro você precisa se interessar." (C.S.Jr., 16 anos, Paraná)
- "Ser cidadão não é só conhecer os seus direitos. É participar, ser dinâmico na sua escola, no seu bairro." (H.A., 19 anos, Amazonas)

FOLHA DE S.PAULO.

Para quem se revolta e quer agir. 16 nov. 1998.

Com base na leitura dos quadrinhos e dos depoimentos, redija um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema:

Cidadania e participação social

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Depois de selecionar, organizar e relacionar os argumentos, fatos e opiniões apresentados em defesa de seu ponto de vista, elabore uma proposta de ação social.

05.

Texto I

Extinção das profissões

Profissionalismo é uma exigência de conhecimentos técnicos de determinada profissão. Assim, profissional é o indivíduo que não é amador, que possui a qualificação necessária para desenvolver determinada função. Mas para adquirir esta qualificação foi necessário a este sujeito investimento de seu tempo, dinheiro, esforço, etc.

Profissão é também um dos maiores conflitos dos jovens atualmente. Ou melhor, a escolha desta profissão. Chegado o momento do vestibular, é a última chance de definir o que pretende fazer em termos profissionais. Na maioria das vezes, confusos, decidem-se por aquilo que lhes parece promissor, afinal, os pais, em geral investiram muito para proporcionar-lhes a oportunidade de um futuro, senão brilhante, no mínimo confortável. Feita a escolha, poderão ficar tranquilos pelo resto de suas vidas. Será mesmo?

Na realidade as profissões aparecem e desaparecem conforme as necessidades sociais. Um exemplo disso é que, quando do surgimento da sociedade capitalista – uma das maiores transformações por que já passou a história da humanidade – as profissões sofreram alterações consideráveis. Outro exemplo pode ser assistido hoje, profissões surgem, profissões desaparecem. [...]

Entre outras coisas, a extinção de determinadas profissões exprime as exigências de nosso tempo. São, enfim, mudanças irreversíveis e necessárias diante das exigências desta realidade. Se em certo momento da sociedade houve profissões que não existem mais, não será grande surpresa se, diante do desenvolvimento tecnológico acelerado de hoje, daqui a alguns anos não tenhamos mais, por exemplo, profissionais como a empregada doméstica. Ela poderá ser substituída por um robô.

ARAÚJO, Francisca Socorro. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/extincao-das-profissoes/>>. Acesso em: 10 fev. 2019. [Fragmento]

Texto II

Tecnologia decreta fim de algumas profissões, afirma especialista

Mercados e profissões demonstram rápidas transformações com os avanços tecnológicos. Em um cenário onde os níveis de inteligência artificial, automação e realidade virtual estão cada vez mais altos, carreiras já desapareceram e outras devem deixar de existir em breve, abrindo caminho para postos onde a habilidade humana será concentrada no que os robôs ainda são incapazes de fazer.

Mas em muitos campos as máquinas têm melhor desempenho, margem de erro infinitamente menor e ainda são capazes de aprender. Em um prazo de 5 a 15 anos, várias posições que hoje são extremamente dinâmicas desaparecerão.

Arthur Igreja e Allan Costa, especialistas da multiplataforma AAA, listam as mais próximas, comentando motivos, contexto e estimativa de prazo.

"Profissões que são muito repetitivas obviamente serão substituídas por *softwares*. E as que são por natureza muito humana, como serviços de cuidadores e de atendimento, tendem a ter seus valores pressionados para baixo em razão da robotização, por exemplo", destaca Arthur Igreja.

"Os especialistas de cada área devem estar conectados à tecnologia. Ou seja, se os robôs já realizam diagnósticos e operações, o médico deve direcionar esforços para o atendimento ao paciente, o relacionamento, o tratamento personalizado", comenta Allan Costa.

OTTOBONI, Julio. Disponível em: <<http://envolverde.cartacapital.com.br/tecnologia-decreta-fim-de-algumas-profissoes-afirma-especialista/>>. Acesso em: 08 fev. 2019. [Fragmento]

Texto III



Com base na leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema "O desaparecimento de profissões no futuro", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A proposta solicita a redação de uma carta a ser enviada à Câmara dos Deputados, mas não estabelece um objetivo a ser cumprido, de modo que é possível escolhê-lo. Assim, a carta poderia visar criticar ou elogiar a alteração na Lei n. 8 069, mostrar a incompatibilidade entre essa alteração e a realidade, reforçar a necessidade de tais alterações, etc. O trecho de *Vidas secas* pode servir de contraponto ao que é proposto na lei, como uma espécie de retrato da realidade. A carta deve ser redigida de acordo com o modelo formal e conter local e data, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura. Conforme determina o enunciado, no vocativo, deve-se usar a expressão "Senhores Deputados" e, na assinatura, "Cidadão(ã) brasileiro(a)". Essas determinações apontam, ainda, para a possibilidade de usar o pronome de tratamento "Senhores" ao longo do texto, em vez de "V. Ex^{as}". O texto deve conter, também, outras marcas de interlocução para que seja adequado ao gênero. A linguagem deve ser formal e estar de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.
- 02. O texto de Mia Couto aborda o medo como um instrumento de controle ideológico, o qual permite suspender as liberdades individuais e violar a privacidade, tendo ainda o poder de tornar os indivíduos menos racionais. É preciso, nessa proposta, redigir uma carta ao autor, posicionando-se em relação à opinião defendida por ele. Nesse caso, é importante que, na carta, haja uma referência à tese de Mia Couto antes de apresentar, de forma clara e objetiva, a sua própria opinião. É possível, assim, fazer menção a doenças, como a aids ou outras viroses – gripe suína, gripe aviária –, a guerras motivadas pelo terrorismo ou ameaças nucleares, etc. Vale observar que essas menções devem servir a diferentes propósitos, dependendo do posicionamento escolhido. Do ponto de vista formal, o texto deve estruturar-se em local e data, vocativo, corpo da carta, despedida e assinatura. O texto deve conter, ainda, marcas de interlocução, a fim de que se configure como exemplar do gênero solicitado na proposta, ser escrito de acordo com o padrão formal da Língua Portuguesa e apresentar as ideias de modo coeso e coerente.
- 03. Essa proposta de redação define objetivos distintos em função do ponto de vista escolhido. Como informa o enunciado, caso se concorde com a proposta de condomínios para idosos, deve-se redigir uma carta argumentativa ao Sr. Victor Civita Neto, o presidente do Conselho Editorial da revista *Veja*. É preciso, nesse caso, fundamentar a opinião, principalmente, na importância da maior sensação de liberdade e independência que esses condomínios proporcionam aos idosos. Além disso, é possível reforçar a ideia de que os idosos não mais queiram ou não possam morar com os filhos. Ao contrário, caso se discorde da proposta de condomínios para idosos, deve-se alegar que essa ideia pode ser uma espécie de "abandono" dos idosos por seus parentes. Do ponto de vista estrutural, deve-se utilizar a linguagem formal, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, bem como deve conter marcas de interlocução a fim de que o texto se configure como uma carta, com local e data, vocativo, texto e despedida.

Por fim, o posicionamento deve ser apresentado de forma clara e os argumentos devem estar organizados de modo a comporem uma linha de raciocínio que dê unidade ao texto. Conforme indica o enunciado, a carta não pode apresentar título nem deve ser assinada.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. D
- 03. B
- 04. A
- 05. D
- 06. E
- 07. A

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. E
- 03. D
- 04. Para desenvolver a dissertação, deve-se, primeiramente, observar os textos-base apresentados pela proposta. Após análise desses textos, deve-se perceber que, para discutir o tema "Cidadania e participação social", é necessário abordar a postura dos jovens, e não a de quaisquer outros grupos. Para desenvolver o texto, é possível partir, por exemplo, do conformismo de alguns jovens, que, sem exemplos de engajamento social, alienam-se e acomodam-se, conformando-se com os problemas do país em que vivem. Nesse caso, vale defender a ideia de que, para participar do processo democrático, fiscalizar, denunciar e cobrar atitudes dos governantes são ações essenciais, bem como atuar mais pragmaticamente, por exemplo, em grupos da sociedade civil organizada. Além dessa reflexão, deve-se também defender propostas de ação social. Para isso, é possível sugerir, baseando-se nos quadrinhos de Henfil, que os jovens tentem descobrir seu próprio potencial em suas "caixinhas de segredo" para que voem em busca de mudança social.
- 05. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo em que se discorra sobre o tema: "O desaparecimento de profissões no futuro". Na argumentação desenvolvida, deve-se trazer dados e referências colhidos da observação da realidade, a partir da reflexão de que o desaparecimento de profissões é natural e esperado, porém vê-se uma tendência nova atualmente: a substituição dessas profissões não por outras com humanos, e sim por outras com tecnologias, como *softwares* e robôs. Além disso, também se espera a reflexão quanto ao tipo de profissão que é tendenciada: a própria tecnologia. Nessa perspectiva, é possível seguir em um texto de causa e consequência, já que sempre se espera argumentação que vá além dos textos motivadores. Espera-se, portanto, uma argumentação baseada na necessidade de mudanças, nas motivações dessas mudanças – positivas e negativas, por exemplo, diminuição de uso de papel – fim de profissões que trabalham com arquivamento de documentos – bom para o meio ambiente; substituição de diversos profissionais de um mesmo segmento por um único *software* – desemprego. Assim, a proposta de intervenção deverá seguir esse mesmo caminho, de acordo com conhecimentos prévios: incentivo a novas formações, formação continuada em empresas.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Modernismo: 2ª Fase

MODERNISMO – SEGUNDA FASE (1930-1945)



A década de 1930 foi marcada por uma crise mundial de âmbito econômico, que se instaurou com o *crack* da bolsa de Nova Iorque em 1929. Além das questões sociais advindas de tal crise, o mundo assistia também ao surgimento das ideologias nazista e fascista, que culminariam com a Segunda Guerra Mundial em 1939. Todas essas questões de ordem premente em relação ao futuro de uma humanidade que se abalava cada vez mais pelo modo de vida capitalista e que apontava, como solução, o socialismo refletiram na produção artística dos anos 1930 e 1940. A segunda fase do Modernismo privilegiou as questões universais em detrimento da questão nacionalista. A preocupação não era mais a construção de uma identidade nacional, mas a reflexão sobre o ser humano cada vez mais desumanizado por uma sociedade desigual e mecanicista. Em nome da expressão de tais problemáticas de cunho social, os autores da segunda fase do Modernismo se empenharam em produzir uma arte de conscientização e mobilização social, o que gerou uma produção engajada. O engajamento é a produção de cunho ideológico-político feita para contestar as estruturas sociais hierárquicas, segregadoras e excludentes do mundo capitalista. A exploração de várias classes que viviam em condições sub-humanas é denunciada na arte em geral: poesia, prosa, teatro, cinema e pintura.

Nas artes visuais, a preocupação com os grupos socialmente excluídos ou marginalizados da sociedade, tão bem representada pelo romance regionalista da década de 1930 nas obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos, por exemplo, encontra um correspondente na pintura por meio da obra de Candido Portinari. Filho de imigrantes italianos que vieram para o Brasil para trabalhar na lavoura, Portinari teve uma infância humilde e seus estudos limitaram-se à educação primária, atual ensino básico. A convivência próxima com a pobreza e com a realidade dura do trabalhador no país foi de extrema importância para a formação de sua personalidade como indivíduo e também como artista: “Vim da terra vermelha e do cafezal. As almas penadas, os brejos e as matas virgens acompanham-me como o espantalho, que é o meu autorretrato. Todas as coisas frágeis e pobres se parecem comigo”. Observe os seguintes quadros:



PORTINARI, Candido. *Mulher e criança*. 1936. Óleo sobre tela, 100 x 81 cm. Coleção particular.



PORTINARI, Candido. *Lavrador de café*. 1934. Óleo sobre tela, 100 x 81 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Na obra de Portinari, é comum a presença de figuras populares, trabalhadores do meio urbano ou rural: lavadeiras, camponeses, estivadores, pescadores, jangadeiros, metalúrgicos e operários. O pintor ressalta-lhes as formas robustas e, por vezes, os pés e as mãos, para enfatizar a força física necessária à realização dos trabalhos braçais. Contrastando com a robustez dos trabalhadores, nas telas dos retirantes, predominam as formas esqueléticas:



PORTINARI, Candido. *Criança morta*. 1944. Óleo sobre tela, 180 x 190 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Nos quadros que retratam a seca, figuram as famílias numerosas, compostas por formas cadavéricas, semimortas. As expressões dos rostos são vazias e desesperançadas. Não é raro as crianças apresentarem o ventre avantajado, indício de verminoses e outras doenças decorrentes das condições sanitárias precárias. Segundo o senador Inácio Arruda, “[...] através de sua obra, Portinari lutou tenaz e corajosamente em favor da paz e contra todas as formas de injustiça”.

Portinari também retratou temas religiosos, festas populares, natureza morta, tipos humanos, entre outros. Note que, como modernista, o pintor apresentava uma preocupação em retratar as coisas da terra, os elementos da cultura e do folclore nacionais, mas também havia incorporado à sua técnica as inovações trazidas pela geração anterior, que se espelhara nas novidades das vanguardas europeias. Na obra de Portinari, os traços dos movimentos vanguardistas, sobretudo do Cubismo, são evidentes. Veja a tela a seguir e perceba a semelhança com a obra de Picasso:



PORTINARI, Candido. *Resurreição de Lázaro*. 1943. Têmpera sobre tela, 150 x 300 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.



PICASSO, Pablo. *Guernica*. 1937. Tinta a óleo, 349 x 77 cm. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Espanha.

Diante desse cenário mundial, o escritor brasileiro também se viu na obrigação de retratar as questões sociais do país, a realidade opressora dos centros urbanos e a injustiça do interior oriunda da concentração da renda e das terras em uma política marcada pelo coronelismo. Tendo em vista tais temáticas e posturas vinculadas ao cotidiano do homem em seu meio social, a segunda fase do Modernismo foi denominada neorrealista, pois os autores, de forma análoga aos escritores do século XIX, voltaram os seus olhos para a realidade, descrevendo-a em seus aspectos geográficos e sociais.

Desse modo, foi importante a contribuição da primeira fase, que soube valorizar a cultura popular, a linguagem coloquial. Os autores da segunda fase também se apropriaram da liberdade estética já proporcionada por seus antecessores para criar, tanto na poesia quanto na prosa, os seus tipos sociais, as suas cenas do cotidiano, acrescentando-lhes uma forte carga de denúncia política.

Os romances dos autores nordestinos dos anos 1930 são a grande marca na prosa nacional, que exemplifica essa postura sociológica da literatura neorrealista, embora a produção de Erico Verissimo, no sul do país, seja exemplar da caracterização do brasileiro envolvido no contexto de formação da sociedade. Contudo, coube mesmo à força dos escritores nordestinos legitimarem uma literatura de caráter regionalista capaz de demonstrar e denunciar o processo desumano no qual vários brasileiros sobreviviam em meio à seca, à injusta distribuição de renda e à exploração da sociedade capitalista. Obras como *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado; *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego; *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, são os maiores exemplos da literatura regionalista do neorrealismo dos anos 1930.

José Américo de Almeida, no romance *A bagaceira*, faz uma denúncia social dos dois nordestes: o árido e interiorano, duramente marcado pela miséria da seca, e o litorâneo, em que há a água, mas a monocultura da cana-de-açúcar mantém os homens em condições animais de existência. O próprio livro sintetiza a sua temática na expressão: “Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é morrer de fome na terra de Canaã.”

Assim como as personagens de *A bagaceira*, as de vários outros romances nordestinos encontram-se na mesma condição: a de flagelados humanos que lutam pela sobrevivência, apesar das adversidades climáticas, sociais e econômicas.

O trabalho mais significativo em termos estéticos da segunda fase é o conjunto da obra de Graciliano Ramos. O seu estilo conciso e “árido”, como a própria realidade em que as personagens vivem, fez de sua produção um marco na história da literatura brasileira. Graciliano Ramos é considerado pela crítica literária um dos maiores prosadores da Língua Portuguesa. O próprio autor, em uma entrevista, explicou como as palavras devem ser empregadas de forma cuidadosa e contida, sem exageros, rodeios, adjetivações desnecessárias e advérbios supérfluos:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

RAMOS, Graciliano. Entrevista concedida em 1948. Disponível em: <www.graciliano.com.br>. Acesso em: 25 abr. 2011.

O livro mais significativo de Graciliano Ramos para denunciar a miséria do nordestino é *Vidas secas*. O protagonista Fabiano é descrito como um homem zoomorfo, tanto pelo Sertão quanto pela exploração da qual é vítima. No seguinte fragmento do romance, o próprio personagem reconhece a sua condição de “bicho”:

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano. [...]

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 32. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1974. p. 53-55. [Fragmento]

Em “*Vidas secas*”, a denúncia social é construída, justamente, a partir da representação do humano bestializado, reificado. É sobretudo na construção e investigação do humano no limite da desumanização que a obra de Graciliano Ramos é considerada entre as maiores da Língua Portuguesa. Assim, Fabiano aproxima-se mais do próprio cavalo que da figura de pai de família.

No trecho, a descrição de sua linguagem rudimentar, que lhe serve à comunicação com os familiares e com o cavalo, realça seus traços de animalidade. Quanto à linguagem “da cidade”, parece-lhe incompreensível e inútil, embora a personagem pressinta ser ela um instrumento perigoso. No caso, Fabiano pressente ser a linguagem da cidade um instrumento de poder, dado que, em partes diversas do romance, é pela linguagem que as personagens (Fabiano, inclusive) são subjugadas.



O menino mais novo, o menino mais velho, Fabiano e Baleia.

Além da produção regionalista mencionada, de caráter mais engajado e de denúncia social, houve também, na segunda fase do Modernismo, as narrativas psicológicas ou os chamados romances introspectivos da década de 1930. As obras *O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos; *Frenteira* (1936) e *Dois romances de Nico Horta* (1939), de Cornélio Pena; *Maleita* (1934) e *Salgueiro* (1935), de Lúcio Cardoso – embora o seu grande trabalho tenha sido *Crônica da casa assassinada*, de 1959, um dos mais belos romances brasileiros do século XX –, são exemplos de tal vertente do Modernismo dos anos 1930.

No que diz respeito à produção poética desse período, houve um equilíbrio entre as inovações estéticas conquistadas pelos autores da primeira fase (principalmente os versos livres, brancos e bárbaros) e uma retomada da tradição e da forma fixa. O soneto, tão satirizado na primeira fase, volta a ser escrito e cultuado, bem como temáticas mais subjetivas, emotivas, religiosas e espiritualistas voltaram a aparecer. Dentre os novos nomes que se consagraram, destacam-se os de Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana e Vinicius de Moraes.

A poética de Murilo Mendes, inicialmente paródica (como era típico na primeira fase Modernista), bem dentro das construções dos poemas-piadas, das imagens surreais e dos textos de denúncia, teve, a partir dos primeiros anos da década de 1930, uma profunda alteração. Sua poética passa a se distinguir significativamente da produção brasileira da época, fato que se comprova em seu interesse crescente pelas diversas tradições, sobretudo as estrangeiras. Em uma de suas últimas obras, intitulada *Poliedro*, o autor assim explicita seu projeto de diálogo e renovação das tradições artísticas:

Eu sou pela tradição viva, capaz de acompanhar a correnteza da modernidade. Que riquezas poderosas extraio dela! Subscrovo a grande palavra de Jaurés: De l'autel des ancêtres on doit garder non les cendres mais le feu.

O FÓSFORO – In: *Poliedro*, de Murilo Mendes, Companhia das Letras, São Paulo © by herdeiros de Murilo Mendes.

A frase em francês, que traduzida em português seria “Dos altares dos ancestrais não se devem guardar as cinzas, mas o fogo”, demonstra o intuito de Murilo Mendes em retomar a tradição como algo vivo, como o que da tradição subsiste nas artes do presente. Por isso o interesse não pelas cinzas, pela tradição como algo sem valor, ultrapassado, mas pelo fogo como tradição viva, ou seja, a tradição como o que ilumina o pensamento presente.

Essa face poliédrica da obra de Murilo Mendes, composta sobretudo da perspectiva de leitor erudito, reatualiza as mais diversas tradições no seio da Língua Portuguesa. Entre alguns poetas contemporâneos, como se verá no capítulo sobre a pós-modernidade, é também frequente a releitura das tradições literárias nacionais e estrangeiras.

Contudo, foram os seus escritos paródicos da primeira fase que o imortalizaram na história da literatura nacional, principalmente os livros *Poemas*, de 1929; *Bumba-meu-poeta*, de 1930-1931; e *História do Brasil*, de 1932.

Henriqueta Lisboa, que já havia publicado algumas obras nos anos trinta, só veio a se firmar com o lançamento de *O menino poeta*, em 1943, e, principalmente, com *Flor da morte*, de 1949, seu trabalho mais denso e consistente. Dotado de uma precisão e concisão vocabular que explicitam a consciência estética da autora, o seu estilo permite ao texto explorar a polissemia e o interdito.

O mistério

Na morte, não. Na vida.

Está na vida o mistério.

Em cada afirmação ou abstinência.

Na malícia

das plausíveis revelações,

no suborno

das silenciosas palavras.

LISBOA, Henriqueta. *Flor da morte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 10-11. [Fragmento]

Esse poema é um exemplo do retorno das temáticas simbolistas, como a morte e o mistério, além da sofisticação linguística que prefere insinuar o que tem a dizer, tornando o poema um rico mecanismo de significações múltiplas.

Com os livros *Viagem* (1939) e *Vaga música* (1942), Cecília Meireles marcou a sua presença na poesia de língua portuguesa, mostrando-se como uma autora erudita, capaz de dialogar com inúmeras tradições literárias de diferentes épocas e regiões do mundo para criar as “raízes espirituais” de sua arte.

Esse espiritualismo já se encontrava desde os primeiros livros da escritora, que desenvolviam uma produção parnasiano-simbolista de tendência mais tradicional e apresentavam uma arte mais espiritual e universal, em oposição ao nacionalismo e à postura paródica de algumas obras da fase heroica do Modernismo. A obra de Cecília representa uma apreciação pelo passado, um respeito pela tradição, um resgate da poesia simbolista brasileira e francesa. Entretanto, o teor espiritual e transcendental dos poemas de Cecília não se encontra estritamente vinculado ao Simbolismo, pois grande é a relevância das artes indiana, chinesa e japonesa em seus versos, tanto que Andrade Muricy definiu-a como a “enamorada do oriente”.

Esse “enamoramento” verifica-se nos inúmeros estudos críticos feitos pela autora sobre arte oriental, em suas traduções para o português de obras de Bashô e Li Po, nas aulas e conferências que ministrava sobre a literatura do Oriente e, principalmente, em seus versos, repletos de filosofia oriental, de um aprendizado budista que assimila os ensinamentos da existência a partir da reflexão silenciosa e da apreciação da natureza.

A natureza, em certos poemas de *Viagem*, mostra-se como um exercício de ensinamento para os homens. Nesse sentido, suas imagens metafóricas visam não apenas à beleza estética, mas, à maneira do pensamento oriental do Zen Budismo, extrair do mundo natural, da paisagem, uma forma de pensar a vida humana.

O espiritualismo da poesia de Henriqueta Lisboa e Cecília Meireles pode ser encontrado também na poética de Vinicius de Moraes. A crítica literária e o próprio poeta, no prefácio de sua *Antologia*, dividem sua obra em três fases: a transcendental, a intermediária e a participativa. A fase transcendental corresponde à produção que vai dos 20 aos 23 anos do autor, na qual encontramos os traços do misticismo religioso. O desejo de fuga se expressa já no título do primeiro livro, *O caminho para a distância* (1933).

São características dessa fase: versos longos; ânsia pelo sublime; imagens alegorizantes; idealização da figura feminina / amor platônico; e fundo místico. Em alguns poemas, como “Místico”, nota-se a recorrência de imagens diáfanas e o cromatismo da cor branca, típicos da poesia simbolista. Daí o porquê de muitos poetas dessa geração terem ficado conhecidos como “neossimbolistas”. Além de *Caminho para a distância*, essa fase abarca também *Forma e exegese* (1935) e *Ariana, a mulher* (1936).

A fase intermediária parece ser uma negação da fase anterior. O poeta afasta-se do idealismo e da religiosidade dos primeiros anos e aproxima-se do mundo material. Como fase de transição, é um período marcado por grande experimentalismo e pela busca de uma sintaxe própria. Incluem-se nessa fase *Novos poemas* (1938) e *Cinco elegias* (1943).

A fase participante é a que se inicia com a publicação de *Poemas, sonetos e baladas* (1946) e que abrange todo o restante da obra do autor. É nessa fase que Vinicius consegue efetivamente libertar-se da formação religiosa dos primeiros anos e mergulhar definitivamente na realidade cotidiana. Não por acaso, em 1974, *Poemas, sonetos e baladas* foi rebatizado por Afrânio Coutinho como *O encontro cotidiano*. Do ponto de vista formal, os versos longos foram ficando mais enxutos e houve uma tendência a incorporar formas mais disciplinadas, sobretudo o soneto.

Nessa fase, o amor não é mais platônico, mas sim materializado. Da mesma forma, ele também não é de todo idealizado, já que, embora intenso, admite-se a possibilidade de um final (o que se comprova em “Soneto de fidelidade” e “Soneto de separação”, por exemplo).

Paralelamente à temática amorosa, o trabalho poético inspirado pelo cotidiano não ficou imune às questões políticas e sociais da época. A poesia produzida por Vinicius na década de 1950 apresenta também um tom de engajamento. Um dos poemas mais famosos dessa época é “A Rosa de Hiroxima”, publicado em *Antologia poética* (1954) e imortalizado na voz de Ney Matogrosso, que trata das trágicas consequências da bomba atômica lançada pelos EUA sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki.



Assista, no QR Code a seguir, à performance de Ney Matogrosso para a canção “Rosa de Hiroxima”:



A “rosa de Hiroxima” mencionada no poema / canção é uma referência à bomba atômica. A imagem é irônica, já que a bomba não apresenta nenhuma característica tradicionalmente atribuída às rosas, ela é uma “antirrosas”.

Outro poema digno de menção é “Operário em construção”, do livro *Novos poemas II* (1957). Nesse texto, deparamo-nos com a figura de um trabalhador da construção civil, que supera sua condição de exploração e de alienação por meio da tomada da consciência de classe.

Operário em construção

[...]

Naquela casa vazia

Que ele mesmo levantara

Um mundo novo nascia

De que sequer suspeitava.

O operário emocionado

Olhou sua própria mão

Sua rude mão de operário

De operário em construção

E olhando bem para ela

Teve um segundo a impressão

De que não havia no mundo

Coisa que fosse mais bela.

[...]

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
[...]

Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.
[...]

O Operário em construção © Vinicius de Moraes uso do texto de autoria de Vinicius de Moraes foram autorizados pela VM Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda. ©VM Cultural.

Nesse poema, pode-se perceber maior contenção sentimental e verbal, além de preocupação com a temática social. Vinicius de Moraes, apesar de ser mais conhecido devido aos seus versos de temática amorosa, é autor de uma obra que contempla múltiplos aspectos da realidade.

O nome de Carlos Drummond de Andrade também se destaca nesse período como um dos maiores escritores de língua portuguesa de todos os tempos. Durante o período cronológico da segunda fase do Modernismo, Drummond, que já tinha alguns poemas publicados em revistas modernistas da primeira fase, se consagra com o lançamento de *Alguma poesia*, em 1930; *Brejo das almas*, em 1934; *Sentimento do mundo*, em 1940; *José*, em 1942; e *A rosa do povo*, em 1945: obras que exibem a consciência estética e ideológica do autor.

Na obra *Antologia poética*, publicada em 1962, o próprio Drummond seleciona os poemas para a composição do livro e elabora um prefácio no qual justifica as “faces” de sua obra, os grandes temas de sua escrita.

O leitor encontrará, assim, como pontos de partida ou matéria de poesia: 1) O indivíduo; 2) A terra natal; 3) A família; 4) Amigos; 5) O choque social; 6) O conhecimento amoroso; 7) A própria poesia; 8) Exercícios lúdicos; 9) Uma visão, ou tentativa de, da existência.

Os poemas que constituem as partes “Indivíduo” e “Uma visão, ou tentativa de, da existência” evidenciam o caráter filosófico, existencialista e reflexivo da poética de Drummond. O exemplo maior dessa vertente é o primeiro poema de *Alguma Poesia*, sua primeira obra, o “Poema de sete faces”. Nesse texto, assim como em vários outros de toda a sua trajetória, Drummond constrói uma voz poética que lamenta sobre a sua condição falível de ser humano, sobre a impotência do homem diante da própria existência. O sujeito “retorcido”, “torto”, “*gauche*” e “enrodilhado”, “que vive na sombra”, é alguém que olha o mundo e que reflete não só sobre o que vê, mas também sobre o seu próprio comportamento e sobre as suas reações diante do que é visto.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.

A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

POEMA DE SETE FACES – In: *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo; Carlos Drummond de Andrade © Grafiã Drummond www.carlosdrummond.com.br.

O “Poema de sete faces” é um dos mais significativos da obra de Drummond. Nele, o sujeito se considera “esquerdo” (*gauche*, em francês), fora dos padrões, por reconhecer que o mundo é vasto. Porém, esse mesmo sujeito é também capaz de captar as faces múltiplas do mundo em um só poema, apenas aparentemente fragmentado, pois mais vasto que o mundo é o seu coração.

Já na obra *Sentimento do mundo*, de 1942, a visão particular do sujeito e o seu estar-no-mundo ultrapassam o plano individual para atingir um caráter universal de teor socialista. Assim como na prosa da segunda fase, houve uma arte preocupada com as questões da injustiça social e com o mundo capitalista em crise. Na poesia, essa mesma vertente engajada também se manifestou nas produções de Drummond, que conseguiu conciliar uma forte poesia de aspecto social com uma apurada qualidade técnica. Poemas como “Os ombros suportam o mundo”, “A noite dissolve os homens”, “Sentimento do mundo”, “Elegia 1938”, “Mundo grande” e “Mãos dadas” são exemplos da qualidade poética de Drummond para abordar questões políticas e realizar uma arte engajada dotada de grande sensibilidade e valor estético.

A poética de Drummond também retratou o universo autobiográfico do autor, vivenciado no interior de Minas Gerais. Assim, parte de sua obra reflete sobre a família, a vida interiorana e o papel da memória ao reconstruir tudo isso.

Outro nome que surge ainda na segunda fase do Modernismo brasileiro é o de Mario Quintana, que, em 1940, lança seu livro de sonetos, *A rua dos cataventos*, e, a partir de 1943, inicia a publicação do *Caderno H*, na revista *Província de São Pedro*, obra que sairia publicada em livro apenas em 1973. O estilo coloquial e bem-humorado de Quintana o tornou mestre da ironia na literatura brasileira, o que lhe rendeu não só o sucesso de crítica, mas de público. É um dos mais aclamados poetas brasileiros pelas suas composições muitas vezes breves, mas densas de significados.

Tendo em vista a diversidade e a qualidade de autores, bem como os inúmeros direcionamentos estéticos e temáticos que cada um deles atravessou em suas experiências poéticas, é possível reconhecer a riqueza que esse período literário teve na literatura brasileira, abrindo a possibilidade para que a arte não se aprisionasse nem na forma fixa nem na obrigatoriedade do verso livre. A escolha criativa e a preocupação social pontuaram a trajetória dos autores da segunda fase quer seja na prosa, quer seja na poesia. Foi esse o caminho que os autores, a partir de 1945, também seguiram, inovando ainda mais.

RELEITURAS

Conforme foi visto, um dos poemas mais famosos de Drummond é o “Poema de sete faces”, que inaugurou uma série de releituras. A imagem do anjo mensageiro que aparece na hora do nascimento para ditar uma profecia de vida tornou-se um verdadeiro mote na tradição poética brasileira. Observe o seguinte poema, de autoria da escritora mineira Adélia Prado:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
Minha tristeza não tem *pedigree*,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

COM LICENÇA POÉTICA – In: *Bagagem*, de Adélia Prado, Editora Record, Rio de Janeiro; © by Adélia Prado.

O tom assumido pelo poema de Adélia é bastante diverso daquele presente no texto de Drummond, o que fica evidente já de início: enquanto o anjo de Drummond é torto, o de Adélia é esbelto e toca trombeta, e, embora seu prognóstico não seja propriamente positivo, o eu lírico consegue superá-lo. É interessante observar que a poeta rompe com um estereótipo de mulher, geralmente vista como sinônimo de fragilidade, impotência e submissão.

Em “Com licença poética”, é exatamente a condição feminina que propicia ao eu lírico a maleabilidade necessária para romper com a sua sina (“mulher é desdobrável”). Os homens, desprovidos dessa habilidade de lidar com os problemas, são condenados à maldição de continuarem “coxos” – uma brincadeira que a poeta faz a partir da semelhança sonora entre esse termo e o termo “*gauche*”, utilizado por Drummond. Enquanto, no poema original, a sensação que predomina é de desesperança, frustração e abandono, na releitura de Adélia, a ideia principal é de superação, afinal, a dor existe, mas não precisa se converter em amargura, pois “a vontade de alegria” pode ser maior.

Outra versão bastante conhecida do “Poema de sete faces” foi feita por Chico Buarque. Trata-se da música “Até o fim”, que, no vídeo a seguir, Chico canta com Ney Matogrosso:



A figura do anjo na canção de Chico Buarque não possui a elegância daquele retratado no poema de Adélia Prado e tampouco é torto. Trata-se de um anjo safado e chato, que transmite a impressão de ser zombeteiro, inconveniente, uma figura quase cômica. Assim como acontece no poema de Drummond, na canção de Chico, a profecia negativa se cumpre, e tudo na vida do eu lírico parece sair errado; seus fracassos, no entanto, dizem respeito a uma dimensão muito cotidiana da vida (criar barriga, não ser bom de bola, ter a mula empacada ou o bandolim quebrado), não se relacionam aos grandes dilemas metafísicos do eu lírico de Drummond, o que confere à releitura de Chico um tom leve e bem-humorado. Apesar de nem sempre (ou melhor, quase nunca) conseguir transpor as adversidades, como o eu lírico feminino da versão de Adélia, o eu lírico de Chico caracteriza-se pela obstinação, expressa pela frase sempre reiterada “vou até o fim”. Nesse aspecto, ele distancia-se do eu poético de Drummond, que é mais negativo e derrotista.

CONTEÚDO NO
Bernoulli Play



Modernismo – 2ª fase

A 2ª fase do Modernismo teve a importante função de consolidar os ideais modernistas trazidos pela geração da primeira fase. Nessa videoaula, vamos ver como essa fase do Modernismo ocorreu no Brasil.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFMG) Leia estes versos:

Os inocentes do Leblon

Os inocentes do Leblon
não viram o navio entrar.
Trouxe bailarinas?
trouxe emigrantes?
trouxe um grama de rádio?

Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,
mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem.

Mundo grande

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne
[e algodão.

Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que ele estale.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*.
In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

Redija um texto, relacionando os versos de “Inocentes do Leblon” aos versos extraídos do poema “Mundo grande”.

02. (UFMG) No capítulo “Fabiano”, de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, ocorrem, a breves intervalos, os seguintes trechos:

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só.

[...]

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

[...]

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

[...]

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.

Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 17-25. [Fragmento]

Nesse trecho, o autor faz uma gradação para caracterizar a personagem Fabiano.

A) Redija um texto, identificando as etapas dessa gradação.

B) Redija um texto, explicando o papel dessa caracterização da personagem na obra *Vidas secas*.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UEL-PR) A segunda fase do Modernismo brasileiro, ocorrida no final da década de 1920, caracteriza-se, sobretudo,
A) pela arte social e militância política, duas opções que marcam esse período da cultura brasileira, dada a crise internacional de 1929.
B) pela afirmação do movimento em São Paulo, em virtude da efervescência no campo industrial que fomentava a produção artística.
C) por levar as questões plásticas trazidas pela primeira fase para o âmbito da contestação social, especialmente no Rio de Janeiro.
D) por enfraquecer as pesquisas artísticas, impossibilitando as viagens dos artistas brasileiros ao exterior, levando o movimento quase à extinção.
E) pela valorização das artes aplicadas como forma de reação à crise internacional que se refletia na economia local.

02. (EsPCEEx-SP-2015) Assinale a alternativa que contém uma das características da segunda fase modernista brasileira.
A) Os efeitos da crise econômica mundial e os choques ideológicos que levaram a posições mais definidas formavam um campo propício ao desenvolvimento de um romance caracterizado pela denúncia social.
B) Na poesia, ganha corpo uma geração de poetas que se opõem às conquistas e inovações dos primeiros modernistas de 1922. Uma nova proposta é defendida inicialmente pela revista *Orfeu*.
C) O período de 1930 a 1945 é o mais radical do movimento modernista, pela necessidade de ruptura com toda arte passadista.
D) As revistas e manifestos marcam o segundo momento modernista, com a divulgação do movimento pelos vários estados brasileiros.
E) Ao mesmo tempo em que se procura o moderno, o original e o polêmico, o nacionalismo se manifesta em suas múltiplas facetas: uma volta às origens, a pesquisa de fontes quinhentistas, a procura de uma “língua brasileira”.

03. (UERJ-2015) Considere o texto e a imagem a seguir:

O decênio de 1930 teve como característica própria um grande surto do romance, tão brilhante quanto o que se verificou entre 1880 e 1910, e que apenas em pequena parte dependeu da estética modernista.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel, 1979.



SECA: Bahia tem pelo menos 140 cidades em situação de emergência. 28 de agosto de 2014. Disponível em: <http://visaonacional.com.br>.

O comentário do especialista associado à imagem apresenta e representa características importantes da prosa modernista da geração de 1930. Em relação à produção literária identificada, assinale a alternativa correta.

- A) A preocupação com a documentação da realidade presente no Pré-Modernismo é retomada.
B) Utiliza-se uma linguagem rebuscada objetivando demonstrar a importância do tema abordado.
C) O regionalismo é explorado de forma preconceituosa, demonstrando com exagero a situação difícil das regiões retratadas.
D) O desejo por um país melhor, isento de desigualdades sociais, faz com que os romancistas de 1930 descrevam cenários e personagens idealizados.

04. (PUC)

A morte do leiteiro

[...] Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
Mal redimidos da noite,
Duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos de aurora.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*.

No fragmento anterior, Carlos Drummond de Andrade constrói, poeticamente, a aurora. O que permite visualizar que este momento do dia corresponde

- A) a objetos confusos mal redimidos da noite.
B) à garrafa estilhaçada e ao ladrilho sereno.
C) à aproximação suave de dois corpos.
D) ao enlace amoroso de duas cores.
E) ao fluir espesso do sangue sobre o ladrilho.

05. (FUVEST-SP-2017)



Disponível em: <https://www.google.com.br>.

Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Disponível em: <<https://www.google.com.br>>.

Perspectiva da nave da mesma igreja.

II / São Francisco de Assis*

Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo,
seu frontispício me basta.

Vossas flores e querubins
são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza
destes ornatos. E não a alma.
Pressente-se dor de homem,
paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco
na rósea nave triunfal.

Por que tanto baixar o céu?
por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos
entretanto me sorriem.

Mais que vossa igreja,
esta sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amar-vos.

ANDRADE, Carlos Drummond de.

* O texto faz parte do conjunto de poemas "Estampas de Vila Rica", que integra a edição crítica de Claro enigma. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Um aspecto do poema em que se manifesta a persistência de um valor afirmado também no Modernismo da década de 1920 é o

- A) destaque dado às características regionais.
- B) uso da variante oral-popular da linguagem.
- C) elogio do sincretismo religioso.
- D) interesse pelo passado da arte no Brasil.
- E) delineamento do poema em feito de oração.

06. (UNIFESP) Leia os versos de Cecília Meireles, extraídos do poema "Epigrama n. 8".

Encostei-me a ti, sabendo bem que eras
[somente onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha
[vida em ti.
Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu
[destino frágil,
fiquei sem poder chorar, quando caí.

O eu lírico reconhece que a pessoa em quem depôs sua vida representava

- A) uma relação incerta, por isso os desenganos vividos seriam inevitáveis.
- B) um sentimento intenso, por isso tinha certeza de que não sofreria.
- C) um caso de amor passageiro, por isso se sentia enganado.
- D) uma angústia inevitável, por isso seria melhor aquele amor.
- E) uma opção equivocada, por isso sempre teve medo de amar.

07. (UESC)



Venturosa de sonhar-te,
à minha sombra me deito.
(Teu rosto, por toda parte,
mas, amor, só no meu peito!)

– Barqueiro, que céu tão leve!
Barqueiro, que mar parado!
Barqueiro, que enigma breve,
o sonho de ter amado!

Em barca de nuvens sigo:
e o que vou pagando ao vento
para levar-te comigo
é suspiro e pensamento.

– Barqueiro, que doce instante!
Barqueiro, que instante imenso,
não do amado nem do amante:
mas de amar o amor que penso!

MEIRELES, Cecília. Canções. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972. p. 564.

A poesia de Cecília Meireles constitui "esboços de quadros metafísicos", o que pode ser comprovado no texto por meio

- A) da exaltação do ente amado em sua plenitude de beleza.
- B) do sofrimento causado pelo distanciamento entre os amantes.
- C) da nostalgia de um tempo marcado pela experiência concreta do amor.
- D) de uma atitude reflexiva do sujeito poético a respeito do amor como ideia.
- E) de versos predominantemente descritivos de uma paisagem estática que reflete o íntimo do sujeito lírico.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2018) O trabalho não era penoso: colar rótulos, meter vidros em caixas, etiquetá-las, selá-las, envolvê-las em papel celofane, branco, verde, azul, conforme o produto, separá-las em dúzias... Era fastidioso. Para passar mais rapidamente as oito horas havia o remédio: conversar. Era proibido, mas quem ia atrás de proibições? O patrão vinha? Vinha o encarregado do serviço? Calavam o bico, aplicavam-se ao trabalho. Mal viravam as costas, voltavam a taramelar. As mãos não paravam, as línguas não paravam. Nessas conversas intermináveis, de linguagem solta e assuntos crus, Leniza se completou. Isabela, Afonsina, Idália, Jurete, Deolinda – foram mestras. O mundo acabou de se desvendar. Leniza perdeu o tom ingênuo que ainda podia ter. Ganhou um jogar de corpo que convida, um quebrar de olhos que promete tudo, à toa, gratuitamente. Modificou-se o timbre de sua voz. Ficou mais quente. A própria inteligência se transformou.

Tornou-se mais aguda, mais trepidante.

REBELO, M. *A estrela sobe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

O romance, de 1939, traz à cena tipos e situações que espelham o Rio de Janeiro daquela década. No fragmento, o narrador delinea esse contexto centrado no

- A) julgamento da mulher fora do espaço doméstico.
- B) relato sobre as condições de trabalho no Estado Novo.
- C) destaque a grupos populares na condição de protagonistas.
- D) processo de inclusão do palavrão nos hábitos de linguagem.
- E) vínculo entre as transformações urbanas e os papéis femininos.

02. (Enem-2015)

Cântico VI

Tu tens um medo de

Acabar.

Não vês que acabas todo o dia.

Que morres no amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que te renovas todo dia.

No amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que és sempre outro.

Que és sempre o mesmo.

Que morrerás por idades imensas.

Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno.

MEIRELES, C. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1963. [Fragmento]

A poesia de Cecília Meireles revela concepções sobre o homem em seu aspecto existencial. Em "Cântico VI", o eu lírico exorta seu interlocutor a perceber, como inerente à condição humana,

- A) a sublimação espiritual graças ao poder de se emocionar.
- B) o desalento irremediável em face do cotidiano repetitivo.
- C) o questionamento cético sobre o rumo das atitudes humanas.
- D) a vontade inconsciente de perpetuar-se em estado adolescente.
- E) um receio ancestral de confrontar a imprevisibilidade das coisas.

03. (Enem)

Verbo ser

Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: ser, ser, ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Não quero ser. Vou crescer assim mesmo. Sem ser. Esquecer.

ANDRADE, C. D. de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

A inquietação existencial do autor com a autoimagem corporal e a sua corporeidade se desdobra em questões existenciais que têm origem

- A) no conflito do padrão corporal imposto contra as convicções de ser autêntico e singular.
- B) na aceitação das imposições da sociedade seguindo a influência de outros.
- C) na confiança no futuro, ofuscada pelas tradições e culturas familiares.
- D) no anseio de divulgar hábitos enraizados, negligenciados por seus antepassados.
- E) na certeza da exclusão, revelada pela indiferença de seus pares.

Modernismo: 3ª Fase

Os autores dos anos 1940 prolongaram o tratamento das questões sociais e das reflexões psicológicas da literatura da década anterior, bem como intensificaram ainda mais o viés existencialista das obras. As produções apresentam, assim, uma realidade nacional, mas com personagens que vivenciam situações universais.



Folhapress/Folhapress

Guimarães Rosa tomando posse na Academia Brasileira de Letras.

A prosa de Guimarães Rosa foi o melhor exemplo dessa literatura local e, simultaneamente, cosmopolita. Tanto nos contos quanto nas novelas e no romance *Grande sertão: veredas*, Rosa constrói personagens típicas do interior do Brasil, mas que também possuem dilemas metafísicos que qualquer pessoa de diversas partes do mundo e de várias épocas também teria. A forte presença da cultura popular brasileira em sua escrita, formada por um vocabulário coloquial, repleto de neologismos muitas vezes retirados da própria pronúncia do sertanejo, ganha a universalidade pelas temáticas trabalhadas: o amor, a traição, a religiosidade, a loucura, a pobreza, a morte, etc.

A consagração da obra de Guimarães Rosa no cenário da literatura brasileira ocorreu, principalmente, pelo caráter lúdico, poético e criativo de sua linguagem. O estilo do autor transformou-se em um marco da produção literária nacional, por apresentar uma linguagem inusitada, fruto de um vasto repertório composto, ao mesmo tempo, de expressões coloquiais e de termos estrangeiros.

É importante, entretanto, não reduzir o estilo roseano a uma simples representação da fala sertaneja. O estilo de Guimarães Rosa se constitui de uma fusão de elementos da linguagem popular e da invenção de uma linguagem literária. Decorre desse caráter criativo de sua escrita a dificuldade muitas vezes encontrada por leitores pouco acostumados à linguagem particular dessa obra.

No conto "A terceira margem do rio", um filho narra a história de seu pai, que decide encomendar uma canoa e ficar dentro dela no meio de um rio para sempre, nunca se afastando por completo das margens nem se aproximando demais. Com isso, ele abandona sua família.

O filho fica à espera da volta de seu pai. Enquanto isso, leva-lhe comida e passa o tempo refletindo sobre o que poderia ter levado o pai a tomar tal decisão. Após algum bom tempo, o filho se oferece para ficar no lugar do pai. Entretanto, quando este se aproxima para a troca, o filho se recusa e sai correndo do local.

No trecho a seguir, último parágrafo do conto, o filho demonstra arrependimento pelo seu "falimento" e expressa seu desejo de, no momento de sua morte, também ser colocado em uma "canoinha". Nesse desfecho, por exemplo, a fusão de linguagens em uma linguagem literária é nítida:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Ficção completa*: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 409-413. [Fragmento]

Repare que a seguinte passagem “nessa água que não para, de longas beiras: e eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio” só faz algum sentido no contexto do conto. Ela exemplifica, antes, a criação de um “idioma literário”, que é a fala de um sertanejo. E, também, o modo como o pai passou a viver: sendo parte do próprio rio.

Vale, ainda, ressaltar um importante recurso roseano: o diálogo com outras áreas de conhecimento. A menção à água que não para retoma, sutilmente, o pensamento de um filósofo pré-socrático: Heráclito. Em sua filosofia, a imagem da água e do rio associam-se à fluidez permanente do tempo, da natureza e da vida humana. Essa referência, se não é determinante para a leitura do conto, enriquece seus possíveis sentidos.

Essa fusão da oralidade cotidiana e da erudição estética é comentada por Guimarães Rosa como a sua necessidade de sintetizar elementos díspares colhidos em inúmeras tradições para compor um “idioma próprio”:

Escrevo, e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto estou escrevendo, eu traduzo, extravio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a chamada filologia, ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia.

ROSA, Guimarães. Diálogo com Guimarães Rosa. [Entrevista a Günter Lorens] In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa: fortuna crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. [Fragmento]

Por meio desse depoimento, é possível reconhecer a concepção de linguagem para Guimarães Rosa: criação poética produzida com base em uma confluência de saberes, por meio de um desvio das regras da gramática, e de uma transgressão da língua em seu estágio funcional, previsível e meramente informativo. Essa revitalização escritural exige do autor um trabalho consciente, inventivo, para que, assim, a literatura possa lutar contra a inércia mental, o lugar-comum, a palavra desprovida de sua magia poética, de sua fonte de vida. Escrever, nesse contexto, não é apenas comunicar uma ideia, mas sim inventar novos sentidos a partir de uma linguagem criativa, isto é, capaz de criar novas realidades a partir da realidade. Mais especificamente, a linguagem reinventa o mundo. A palavra deixa de ser, portanto, simples figurante ou meio de se dizer algo para se transformar em protagonista e sujeito do discurso.

Nas obras de Guimarães Rosa, a realidade se faz presente na palavra. O real não é apenas sugerido, evocado, aludido, mas personificado e presentificado por onomatopeias e vocábulos que procuram trazer em si a coisa dita. Isso explica o apreço de Guimarães pelo termo mais “correto” e propício.

Como ele salienta, em uma declaração a Pedro Bloch, “eu não escrevo difícil. Eu sei o nome das coisas”. Quando não encontra o suposto nome das coisas, ele os inventa, baseando-se em uma lógica presente no plano da linguagem e da realidade. Os neologismos de Guimarães fundem prefixos, sufixos, radicais, pronomes, onomatopeias, substantivos, adjetivos e advérbios de inúmeras línguas, em um intenso jogo de bricolagem: processo em que as ações de recortar, colar e montar fazem de sua linguagem uma arquitetura poética, uma babel de signos. A respeito desse apreço pela palavra correta, pela seleção vocabular do autor, pela ressurreição de termos arcaicos ou pouco usuais da Língua Portuguesa vigente, pela inventividade na construção dos neologismos, o poeta e crítico literário Pedro Xisto assegura que “Os vocábulos do nosso romancista-poeta não se restringem a contar uma estória. Eles têm, ainda, o que contar de si próprios. Eles são mais do que signos abstratos e indiferentes. Eles integram a coisa, participando, concretamente, das vivências.”

Essa concepção de que a palavra é elevada à personagem, de que ela é em si o enredo da obra, pode ser exemplificada em inúmeras obras de Rosa. Mas foi principalmente no romance *Grande sertão: veredas* que o autor conseguiu atingir o máximo da criação épica, lírica e dramática, levando a linguagem a alcançar um dos maiores patamares estéticos em Língua Portuguesa. Nesse romance, Riobaldo, o narrador-personagem, “dialoga” com um interlocutor, um viajante que se hospeda em sua fazenda, e relata para ele toda a sua vida. Juntamente ao personagem-ouvinte, os leitores tomam conhecimento dos dilemas do protagonista Riobaldo, que se encontra dilacerado por não saber se acredita em Deus ou no Diabo e pelas recordações do que vivera e do que não tivera coragem de viver, principalmente em relação às questões amorosas, já que possuía um amor interdito: sentia-se atraído por seu melhor amigo.

Na passagem a seguir, é visível o amor e a autopunição de Riobaldo por se sentir atraído por Diadorim, seu principal companheiro de jagunçagem:

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação para os vícios descontraídos. Repito o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo o tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade.

Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu esparecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. [...] Era que eu gostava dele. Gostava dele quando eu fechava os olhos. Um bem-querer que vinha do ar de meu nariz e do sonho de minhas noites. [...] Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. [Fragmento]



Capa e ilustração de Poty feitas para as primeiras edições de *Grande sertão: veredas*, lançadas pela editora José Olympio.

Além de Guimarães Rosa, outro escritor de cunho regionalista e, ao mesmo tempo, universal, foi João Cabral de Melo Neto, que conseguiu, por meio de sua peça *Morte e vida severina*, cujo subtítulo é “Auto de Natal pernambucano”, representar não só a dura existência de um nordestino, que é Severino, mas a de todos os seres humanos que se indagam sobre o porquê da vida, o sentido de uma existência tão “árida”, os caminhos tão imprevisíveis que são traçados independentemente do desejo dos seres.

O regionalismo da peça, que faz uma crítica social às injustiças e às desigualdades não só do sertão do nordeste, mas também do litoral, atinge a universalidade principalmente no desfecho. Na passagem final, a personagem Severino, desiludida com as agruras da vida, pergunta ao carpinteiro José, que acabara de conhecer, se não seria mais fácil pular da “ponte” da vida, suicidar-se, do que lutar sempre em todos os instantes com os inúmeros problemas que surgem. Justamente nesse instante, uma voz anuncia a José o nascimento de seu filho. O nascimento é a resposta maior para o sentido e o valor da vida, como salienta José ao responder à indagação de Severino:

– Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, Severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA,
SEM TOMAR PARTE EM NADA – In: *Morte e Vida Severina*,
de João Cabral de Melo Neto, Alfaguara, Rio de Janeiro;
© by herdeiros de João Cabral de Melo Neto



Cartaz da peça *Morte e vida severina* – montada pelo Teatro da Universidade Católica de São Paulo em 1966 –, a qual teve a trilha sonora elaborada por Chico Buarque.

Entretanto, a obra de João Cabral de Melo Neto não se restringe a essa famosa peça. É justamente em outros trabalhos que se percebe a densidade de seus versos, construídos com uma disposição arquitetônica, engenhosa, demonstrando que não é à toa que o poeta é denominado de “o engenheiro da literatura”. Sua poética apresenta uma gama infindável de intertextualidade com as obras literárias e também com a pintura, além de uma intensa reflexão metalinguística. Tudo isso realizado de forma econômica, por meio de contundentes metáforas, o que possibilita a construção de uma poética contida, mas, simultaneamente, polissêmica, devido às imagens surpreendentes e mesmo surreais empregadas pelo autor.

O outro grande nome literário da Terceira Fase Modernista é o de Clarice Lispector. Sua obra, de intenso lirismo e caráter metafísico, é uma continuidade do romance psicológico dos anos 1930. Em 1943, Clarice publica *Perto do coração selvagem*; em 1946, *O lustre*; em 1949, *A cidade sitiada*; desde então, consagra-se como grande autora introspectiva, capaz de transformar as situações cotidianas e aparentemente banais de suas personagens em intensa reflexão existencialista. Principalmente com os trabalhos *A paixão segundo G.H.*, de 1964, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de 1969, *Água viva*, de 1973, e *Um sopro de vida*, de 1978, Clarice foi aclamada pela crítica como a mais densa autora em prosa do século XX. Além dos romances, os livros de contos *Laços de família* (1960), *Felicidade clandestina* (1971) e a novela *A hora da estrela* (1977) confirmaram a linguagem existencialista e metafórica de Clarice que, juntamente à de Guimarães Rosa, mostrou-se uma das mais delicadas e contundentes da prosa-poética brasileira.



Clarice Lispector.

Na maioria das vezes, as personagens de Clarice Lispector apresentam-se sufocadas pela rotina, pela monotonia do cotidiano, pelas relações humanas vazias e desprovidas de verdadeira afetividade, até que são surpreendidas por um simples acontecimento que as desestabiliza, que as deixa em suspensão, sem o equilíbrio e a normalidade com que a sociedade sempre as obriga a viver. Tais descobertas, que nem eram procuradas pelas personagens, mas que vêm alertá-las sobre o estado de “alienação” em relação a si mesmas e ao mundo que as governa, são denominadas “epifania”. O momento epifânico caracteriza-se justamente pela revelação profunda do sujeito baseada em uma cena corriqueira. Entretanto, tal revelação as deixa perplexas diante da própria condição existencial, do próprio vazio em que sempre estiveram, ainda que não tivessem consciência disso.

Leia, a seguir, um fragmento do conto “Amor”:

Amor

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. [...] O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se apurmar em desconfiança?

Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. [...]

Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o e quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás. [...]

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficava atrás para sempre. Mas o mal estava feito. [...]

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito – o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu.

Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava – que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. [...] Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. 28. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. [Fragmento]

Nesse conto, a personagem Ana passa por um momento epifânico ao observar um cego mascando chicletes no ponto do bonde. A cegueira dele faz a personagem enxergar a própria “cegueira”, a vida enclausurada pela rotina de dona de casa que levava, a falta de prazer em um cotidiano mecanicista no qual se aprisionara apenas para satisfazer os desejos do marido e dos filhos, esquecendo-se de si mesma. Olhar para o outro fez Ana enxergar a si, reconhecer-se como a maior de todas as “cegas”.

RELEITURAS

Apesar do cunho regionalista, a obra de Guimarães Rosa é universal, o que a torna referência para críticos e literatos de diversas partes do globo. Esse é o caso do escritor moçambicano Mia Couto, que, assim como o escritor mineiro, revisita a tradição oral de sua terra para recriar lendas e mitos. Para Couto, o grande trunfo de Rosa está na oralidade, que lhe permitiu recriar uma língua, dentro da Língua Portuguesa, por promover a mediação entre o erudito e o popular. Segundo o escritor africano, “Somente renovando a língua se pode renovar o mundo”. Observe o trecho a seguir, extraído de “O homem cadente”, um dos 29 contos que compõem *O fio das missangas*, lançado em 2009:

Quando me vieram chamar, nem acreditei:

– É Zuzézinho! Está caindo do prédio.

E as gentes, em volta, se depressavam para o sucedido. Me juntei às correrias, a pergunta zaranzeando: o homem estava caindo? Aquele gerúndio era um desmando nas graves leis da gravidade: quem cai, já caiu.

Enquanto corria, meu coração se constringia. Antevia meu velho amigo estatelado na calçada. Que sucedera para se suicidar, desabismado? Que tropeção derrubara a sua vida? Podia ser tudo: os tempos de hoje são líxivia, descolorindo os encantos.

Me aproximava do prédio e já me aranhava na multidão. Coisa de acreditar: olhavam todos para cima. Quando fitei os céus, ainda mais me perturbei: lá estava, pairando como águia real, o Zuzé Neto. O próprio José Antunes Marques Neto, em artes de aeroanjo. Estava caindo? Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus.

[...]

O voo de Zuzé já era um atractivo da cidade. Negócios vários se instalaram. Turistas adquiriam bilhetes, cicrones do fantástico explicavam versões inéditas de como Zuzé nascera com penas no sovaco e descendia de uma família de secretos voadores. O fulano era o congênito destrapezista. O próprio tio alugava um megafone para que enviassem mensagens e votos de boas bênçãos. Até eu paguei para falar com o meu velho amigo. Quando, porém, me vi com o megafone não soube o que dizer. E devolvi o instrumento.

[...]

E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não esticar engano. Pois tudo o que vos contei, o voo de Zuzé e a multidão cá em baixo, tudo isso de um sonho se tratou. Suspirados fiquemos, de alívio. A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [Fragmento]

O caráter renovador da linguagem de Rosa, marcadamente expresso por meio de neologismos, pode ser evidenciado nesse trecho de Mia Couto e, de fato, consiste em uma das semelhanças mais explícitas entre as obras dos dois escritores. Como exemplo, citam-se as expressões “inacreditar”, “aeroanjo”, “aranhava”, “destrapezista”, entre outras. O caráter metalinguístico do discurso, atrelado à interlocução, tão presente em obras como *Grande sertão: veredas*, por exemplo, também se faz notar no conto citado: “E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não esticar engano. Pois tudo o que vos contei, [...] tudo isso de um sonho se tratou”. O uso da linguagem coloquial (“e as gentes” / “Me juntei” / “Me aproximava”) e de imagens líricas e reflexivas – que tornam o texto de Mia Couto uma verdadeira prosa-poética (“A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra”, “os tempos de hoje são líxivia, descolorindo os encantos”) – também são pontos afins entre a escrita de Guimarães Rosa e Mia Couto.



Modernismo – 3ª fase

A fase final do Modernismo no Brasil é conhecida como 3ª fase. Nessa videoaula, vamos abordar como se deu esse movimento na Literatura Brasileira.

EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

01. (UFSCar-SP) Este poema consta na primeira parte de *A educação pela pedra*, considerada por João Cabral de Melo Neto sua obra máxima.

O sertanejo falando

A fala a nível do sertanejo engana: as palavras dele vêm, como rebuçadas (palavras confeito, pílula), na glâce de uma entonação lisa, de adocicada. Enquanto que sob ela, dura e endurece o caroço de pedra, a amêndoa pétrea, dessa árvore pedrenta (o sertanejo) incapaz de não se expressar em pedra.

Daí porque o sertanejo fala pouco: as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso; o natural desse idioma fala à força. Daí também porque ele fala devagar: tem de pegar as palavras com cuidado, confeitá-las na língua, rebuçá-las; pois toma tempo todo esse trabalho.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 16.

- A) Qual o contraste entre a busca da palavra e o resultado de sua execução na boca do sertanejo?
B) Em 27 de outubro de 1973, em entrevista ao jornal carioca *O Globo*, João Cabral disse:

Eu tentei criar uma outra linguagem, não completamente nova, como os concretistas fizeram, mas uma linguagem que se afastasse um pouco da linguagem usual. Ora, desde o momento em que você se afasta da norma, você se faz esta palavra antipática que é "hermético". Quer dizer, você se faz hermético numa leitura superficial. Agora, se o leitor ler e reler, estudar esse texto, ele verá que a coisa não é tão hermética assim. Apenas está escrito com um pequeno desvio da linguagem usual.

No último verso do poema, também é possível observar um artifício do poeta, que provoca uma releitura. Explique esse artifício.

02. (Unesp-2017) Leia o excerto do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (1925-1977).

Será que eu enriqueceria este relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí que está: esta história não tem nenhuma técnica, nem estilo, ela é ao deus-dará. Eu que também não mancharia por nada deste mundo com palavras brilhantes e falsas uma vida parca como a da datilógrafa [Macabéa]. Durante o dia eu faço, como todos, gestos despercebidos por mim mesmo. Pois um dos gestos mais despercebidos é esta história de que não tenho culpa e que sai como sair. A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno.

Nunca pensara em "eu sou eu". Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato. É quando entro em contato com forças interiores minhas, encontro através de mim o vosso Deus. Para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro.

A hora da estrela. 1998.

Para o narrador, o emprego de "difíceis termos técnicos" seria adequado para narrar a história de Macabéa? Justifique sua resposta. Transcreva a frase que melhor explicita a inconsciência da personagem Macabéa. Justifique sua resposta.

03. (PUC Rio-2015) Mais em paz, comigo mais, Diadorim foi me desinflando. Ao que eu ainda não tinha prazo para entender o uso, que eu desconfiava de minha boca e da água e do copo, e que não sei em que mundo-de-lua eu entrava minhas ideias. O Hermógenes tinha seus defeitos, mas puxava por Joca Ramiro, fiel – punia e terçava. Que, eu mais uns dias esperasse, e ia ver o ganho do sol nascer. Que eu não entendia de amizades, no sistema de jagunços. Amigo era o braço, e o aço!

Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço a outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. Ele não quis me escutar. Voltei da raiva.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 138-139.

- A) Determine os distintos conceitos de amigo que podem ser identificados no texto.
B) Guimarães Rosa é, sem dúvida nenhuma, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira. Considerado a sua obra-prima, *Grande sertão: veredas*, romance publicado em 1956, representa uma profunda inovação em termos de narrativa, sendo até hoje referência para a nossa literatura. A partir da leitura do texto, destaque e comente dois aspectos que reiteram o que foi afirmado anteriormente.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UNEB-BA) [...] Vinham vindo, com o trazer de comitiva.

Aí, paravam. A filha – a moça – tinha pegado a cantar, levantando os braços, a cantiga não vigorava certa, nem no tom nem no se-dizer das palavras – o nenhum. A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha enfeitada de disparates, num aspecto de admiração. Assim com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espantados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas – virundangas: matéria de maluco. A velha só estava de preto, com um fichu preto, ela batia com a cabeça, nos docementes. Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam.

Sorôco estava dando o braço a elas, uma de cada lado. Em mentira, parecia entrada em igreja, num casório. Era uma tristeza. Parecia enterro. Todos ficavam de parte, a chusma de gente não querendo afirmar as vistas, por causa daqueles trasmodos e despropósitos, de fazer risos, e por conta de Sorôco – para não parecer pouco caso. Ele hoje estava calçado de botinas, e de paletó, com chapéu grande, botara sua roupa melhor, os maltrapos. E estava reportado e atalhado, humilde. Todos diziam a ele seus respeitos, de dó. Ele espondia: "– Deus vos pague essa despesa..."

O que os outros diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. [...]

Tomara aquilo acabasse. O trem chegando, a máquina manobrando sozinha para vir pegar o carro. O trem apitou, e passou, se foi, o de sempre. [...]

Ele se sacudiu, de um jeito arrebitado, desacontecido, e virou, pra ir-s'embora. Estava voltando para casa, como se estivesse indo para longe, fora de conta.

Mas parou. Em tanto que se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser. Assim num excesso de espírito, fora de sentido. E foi o que não se podia prevenir: quem ia fazer siso naquilo?. Num rompido – ele começou a cantar, alterando, forte, mas sozinho para si – e era a cantiga, mesma de desatino, que as duas tanto tinham cantado. Cantava continuando.

ROSA, João Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: *Primeiras histórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. p. 16-18.

Guimarães Rosa, escritor inserido na chamada Geração de 45 – Modernismo Brasileiro –, apresenta uma obra de cunho universalista. O texto comprova isso porque

- A) se trata de uma prosa poética.
B) revela o pitoresco de uma cidade interiorana.
C) é escrito numa linguagem rica em neologismos.
D) enfoca um tema de caráter intimista e ligado à condição humana.
E) evidencia um problema de ordem social que atinge os mais pobres.

02. (ITA-SP) Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado "Poemas da cabra", cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido a seguir:

Um núcleo de cabra é visível por debaixo de muitas coisas. Com a natureza da cabra Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível em certos atributos roucos que têm as coisas obrigadas a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola, a armar-se em couraças, escamas: como se dá com certas coisas e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais que muito aprenderam da cabra. O nordestino, convivendo-a, fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, não se pode afirmar que

- A) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
B) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
C) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
D) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.
E) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.



03. (UFRGS-RS-2017) Leia a seguir o diálogo entre Severino e Mestre Carpina, retirado de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

– Seu José, mestre carpina, que lhe pergunte permita: há muito no lamaçal apodrece a sua vida? e a vida que tem vivido foi sempre comprada à vista?

– Severino, retirante, sou de Nazaré da Mata, mas tanto lá como aqui jamais me fiamam nada: a vida de cada dia cada dia hei de comprá-la.

- Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?

- Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida.

- Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações.

- () Severino, retirante chegado ao Recife, questiona a vida miserável de Mestre Carpina.
- () Mestre Carpina defende a necessidade de viver mesmo que em condição precária.
- () Mestre Carpina nega-se a ouvir os infundados questionamentos de Severino.
- () Severino, em sua última interrogação, aponta uma hesitação entre viver e morrer.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- A) V - V - F - V. D) F - V - F - V.
- B) V - F - F - F. E) F - V - V - F.
- C) V - F - V - V.

Instrução: Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder às questões 04 e 05.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e, no entanto, nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava.

Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu". Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina - porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais - vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu - que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. 1999.

¹facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

04. (UNIFESP-2016) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que

- A) a cronista compartilha com sua cozinheira a dificuldade de conciliar sentimentos contrários em relação à morte de um criminoso.
- B) a cozinheira se sente incomodada com a pergunta da cronista porque acredita piamente na inocência de Mineirinho.
- C) a cronista se sente desconfortável com o fato de sua cozinheira mostrar-se dividida em relação à morte de um criminoso.
- D) a cronista provoca gratuitamente sua cozinheira com a intenção de impor seu ponto de vista sobre a morte de Mineirinho.
- E) a cronista se mostra perplexa diante da opinião de sua cozinheira de que um criminoso iria para o céu.

05. (UNIFESP-2016) A gradação presente no terceiro parágrafo tem a função de

- A) justificar a necessidade da violência policial.
- B) ressaltar a desproporção da ação policial.
- C) enfatizar a legitimidade da justiça humana.
- D) realçar o caráter vingativo da justiça divina.
- E) ironizar o mandamento "Não matarás".

06. (ITA-SP) Miguilim espremia os olhos. Drelina e a Chica riam. Tomezinho tinha ido se esconder.

- Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

- Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante. O senhor bebia café com eles. Era o doutor José Lourenço, do Curvelo. Tudo podia. Coração de Miguilim batia descompassado, ele careceu de ir lá dentro, contar à Rosa, à Maria Pretinha, a Mãitina. A Chica veio correndo atrás, mexeu: - "Miguilim, você é piticego..." E ele respondeu: - "Donazinha..."

Quando voltou, o doutor José Lourenço já tinha ido embora.

ROSA, Guimarães. Manuelzão e Miguilim. In: *Campo Geral*.

A narrativa

- I. desenvolve-se num universo fantástico, corroborado pela subversão da linguagem.
- II. não retrata as experiências afetivas entre Miguilim e as outras personagens, pois o foco está nas ações dele.
- III. é escrita em terceira pessoa, mas a história é filtrada pela perspectiva do menino Miguilim.

Está(ão) correta(s)

- A) apenas I.
- B) apenas I e II.
- C) apenas II.
- D) apenas III.
- E) todas.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2018)

- Famigerado? [...]

- Famigerado é "inóxio", "célebre", "notório", "notável"... - Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?

- Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

- Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?

- Famigerado? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

ROSA, G. Famigerado. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da Língua Portuguesa a determinados dias da semana remete ao

- A) local de origem dos interlocutores.
- B) estado emocional dos interlocutores.
- C) grau de coloquialidade da comunicação.
- D) nível de intimidade entre os interlocutores.
- E) conhecimento compartilhado na comunicação.

02. (Enem-2018)



ROSA, R. *Grande sertão: veredas*: adaptação da obra de João Guimarães Rosa. São Paulo: Globo, 2014 (Adaptação).

A imagem integra uma adaptação em quadrinhos da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Na representação gráfica, a inter-relação de diferentes linguagens caracteriza-se por

- A) romper com a linearidade das ações da narrativa literária.
- B) ilustrar de modo fidedigno passagens representativas da história.
- C) articular a tensão do romance à desproporcionalidade das formas.
- D) potencializar a dramaticidade do episódio com recursos das artes visuais.
- E) desconstruir a diagramação do texto literário pelo desequilíbrio da composição.

03. (Enem-2016)

Antíode

Poesia, não será esse
o sentido em que
ainda te escrevo:

flor! (Te escrevo:
flor! Não uma
flor, nem aquela
flor-virtude – em
disfarçados urinóis).

Flor é a palavra
flor; verso inscrito
no verso, como as
manhãs no tempo.

Flor é o salto
da ave para o voo:
o salto fora do sono
quando seu tecido
se rompe; é uma explosão
posta a funcionar,
como uma máquina,
uma jarra de flores.

MELO NETO, J. C. *Psicologia da composição*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. [Fragmento]

A poesia é marcada pela recriação do objeto por meio da linguagem, sem necessariamente explicá-lo. Nesse fragmento de João Cabral de Melo Neto, poeta da geração de 1945, o sujeito lírico propõe a recriação poética de

- A) uma palavra, a partir de imagens com as quais ela pode ser comparada, a fim de assumir novos significados.
- B) um urinol, em referência às artes visuais ligadas às vanguardas do início do século XX.
- C) uma ave, que compõe, com seus movimentos, uma imagem historicamente ligada à palavra poética.
- D) uma máquina, levando em consideração a relevância do discurso técnico-científico pós-Revolução Industrial.
- E) um tecido, visto que sua composição depende de elementos intrínsecos ao eu lírico.

04. (Enem) O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No romance *Grande sertão: veredas*, o protagonista Riobaldo narra sua trajetória de jagunço. A leitura do trecho permite identificar que o desabafo de Riobaldo se aproxima de um(a)

- A) diário, por trazer lembranças pessoais.
- B) fábula, por apresentar uma lição de moral.
- C) notícia, por informar sobre um acontecimento.
- D) aforismo, por expor uma máxima em poucas palavras.
- E) crônica, por tratar de fatos do cotidiano.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01.

- A) Existe um contraste entre a busca e a execução da palavra por parte do sertanejo. A busca é dura, processo demorado, sofrido, pois a palavra é pétrea, árida, e é preciso rebufá-la. Esse complexo e doloroso processo de busca das palavras é que faz com que o sertanejo fale pouco e devagar. A execução, no entanto, é suave: o sertanejo consegue disfarçar a dureza de suas palavras em confeito e doçura.
- B) O artifício diz respeito ao fato de o autor se referir, ao mesmo tempo, à linguagem do sertanejo e à linguagem da poesia. Nesse sentido, o duro e longo trabalho de rebufar as palavras, tão praticado pelo sertanejo, identifica-se com o fazer poético. O poeta seria também um "rebufador" de palavras, já que trabalharia a palavra pétrea até transformá-la em um confeito que pudesse ser servido ao leitor.

- 02. O narrador indica ser inadequado o uso de "difíceis termos técnicos" para narrar a história de Macabéa, uma vez que a personagem é tratada como alguém com uma "vida parca", alguém que "vivia numa espécie de atordoado nimbo" e, por isso, não teria complexidade bastante, como pessoa, para que sua história fosse escrita de maneira difícil, o que seria, até mesmo, inverossímil.

A indicação do narrador de que Macabéa "Nunca pensara em 'eu sou eu'" explicita a inconsciência da personagem, que vive alienada de si mesma e das coisas do mundo, sendo a sua existência, por isso, "um acaso", algo distante e desconectado da realidade.

03.

- A) Identifica-se no texto o conceito de amizade no sistema dos jagunços, em que o que vale é "o braço, e o aço", em contraste com o conceito de amizade afetuosa, sincera e desinteressada, livre das regras da violência.
- B) O romance de Guimarães Rosa apresenta diversos níveis de inovação estética: a criação de palavras, ou seja, neologismos; a alteração da estrutura sintática usual; a reelaboração da fala do sertanejo, universalizando a temática regionalista.

Propostas

Acertei _____ Errei _____

- 01. D 03. A 05. B
- 02. B 04. A 06. D

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. D
- 03. A
- 04. D



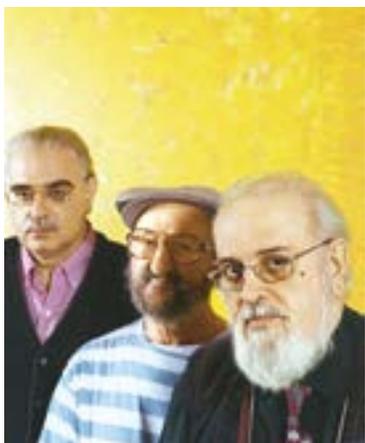
Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Poesia Concreta, Poesia Marginal e Tropicalismo

OS ANOS 1950 E O CONCRETISMO



Após as fases do Modernismo brasileiro, o grande movimento literário que se instaurou no país, ainda com manifestos e posturas ideológicas e estéticas, foi o Concretismo. Iniciado nos anos 1950, esse movimento teve, em 1958, a teorização básica de suas diretrizes no *Plano-piloto*, escrito pelos autores que fundamentaram o Concretismo: Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.



Haroldo, Décio, Augusto – 1952.

Leia alguns fragmentos do *Plano-piloto*, que aparecerão intercalados por comentários explicativos e por exemplos de poemas concretistas para que haja maior compreensão da teoria vinculada ao exercício prático dos autores.

Plano-piloto para poesia concreta

poesia concreta: produto de uma evolução crítica de formas. dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal), a poesia concreta começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutural. espaço qualificado: estrutura espaço-temporal, em vez de desenvolvimento meramente temporístico-linear. daí a importância da ideia de ideograma, desde o seu sentido geral de sintaxe espacial ou visual,

até o seu sentido específico (fenollosa / pound) de método de compor baseado na justaposição direta – analógica, não lógico-discursiva – de elementos. "il faut que notre intelligence s'habitue à comprendre synthético-ideographiquement au lieu de analytico-discursivement" (apollinaire). eisenstein: ideograma e montagem [...]

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos (1950-1960)*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. p. 156. [Fragmento]

Nesse trecho do manifesto, é possível reconhecer como a primeira grande ruptura dos concretistas se deu na concepção de que a poesia se faz com versos. Os poemas concretos retiram a concepção de linguagem linear ao eliminar a escrita sequencial, o que também exige uma outra forma de interpretação. Não mais o leitor fará o caminho tradicional da leitura: da esquerda para a direita, de cima para baixo, do início para o fim, pois não há mais essa disposição retilínea, esse modo "temporístico-linear" como convencionalmente pensamos um texto poético. Com isso, a poesia concreta instaurou outro raciocínio de compreensão do texto, o que possibilita aos leitores ler de modo menos convencional e previsível: é preciso "percorrer" o poema em inúmeras direções, não mais seguir as "rotas" convencionais do olhar. O exemplo seguinte é significativo para compreender o fim do verso e a necessidade de ler em inúmeras direções.



CÓDIGO (1973) © Augusto de Campos. In: VIVA VAIA, Ateliê Editorial, São Paulo 2001.

Este poema visual, diferentemente de outros tipos de poema, explora de modo particular a linguagem, exigindo que a leitura funcione de maneira diferente. À primeira vista, a imagem pode pouco dizer a quem a vê. Entretanto, percebida como um conjunto orgânico de imagens e letras, é possível, num relance, captar de uma só vez a palavra “código”. As letras quase se sobrepõem e, com isso, a linearidade da palavra e, conseqüentemente, da leitura são abolidas. Assim como quando vemos uma placa de trânsito sinalizando que devemos parar (a placa “Pare”) não é preciso que leiamos a palavra, pois basta a imagem para entender o sentido da placa, o poema pretende que se capte seu “sentido” de uma só vez, já que imagem e palavra, segundo essa nova lógica poética, tendem a ser uma só coisa.

Quanto ao título “Código”, se, por um lado, apresenta uma decifração da palavra estruturante do poema, por outro, reforça a diferença entre a palavra reproduzida em sua linearidade e a mesma palavra condensada em um poema-visual.

No trecho do *Plano-piloto*, a seguir, nomeiam-se os autores precursores e as ideias em que se baseiam os concretistas para formalizar um pensamento sobre a poesia:

[...] precursores: mallarmé (un coup de dés, 1897); o primeiro salto qualitativo: “subdivisions prismatiques de l’idée”; espaço (“blancs”) e recursos tipográficos como elementos substantivos da composição. pound (the cantos): método ideogrâmico. joyce (ulysses e finnegan’s wake): palavra-ideograma; interpretação orgânica de tempo e espaço. cummings: atomização de palavras, tipografia fisionômica; valorização expressionista do espaço. apollinaire (calligrammes): como visão, mais do que como realização. futurismo, dadaísmo: contribuições para a vida do problema. no brasil: oswald de andrade (1890-1954): “em comprimidos, minutos de poesia”. joão cabral de melo neto (n. 1920 – o engenheiro e a psicologia da composição mais antiode): linguagem direta, economia e arquitetura funcional do verso. [...]

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos* (1950-1960). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. p. 156. [Fragmento]

No cenário internacional, há a relevância de grandes poetas como Mallarmé, Pound, Cummings e Apollinaire; no cenário nacional, destacam-se os nomes de Oswald de Andrade e de João Cabral de Melo Neto. A “lição” apreendida de tais poetas fez com que os concretistas elevassem ao máximo a disposição da palavra na página, a carga gráfica e visual de cada vocabulário, bem como a valorização dos espaços brancos e a economia verbal. Tente reconhecer esses elementos no poema a seguir:

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
c l o a c a

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia: 1950-1975*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 128.

Dentre as principais ideias que fundamentam a poesia concreta, está o complexo conceito de “poesia verbivocovisual”, assim apresentado no *Plano-piloto*:

[...] ideograma: apelo à comunicação não verbal. o poema concreto comunica a sua própria estrutura: estrutura-conteúdo. o poema concreto é um objeto em e por si mesmo, não um intérprete de objetos exteriores e /ou sensações mais ou menos subjetivas. seu material: a palavra (som, forma visual, carga semântica). seu problema: um problema de funções-relações desse material. fatores de proximidade e semelhança, psicologia da gestalt. ritmo: força relacional. o poema concreto, usando o sistema fonético (dígitos) e uma sintaxe analógica, cria uma área linguística específica – “verbivocovisual” – que participa das vantagens da comunicação não verbal, sem abdicar das virtualidades da palavra. com o poema concreto ocorre o fenômeno da metacomunicação: coincidência e simultaneidade da comunicação verbal e não verbal, com a nota de que se trata de uma comunicação de formas, de uma estrutura-conteúdo, não da usual comunicação de mensagens. [...]

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos* (1950-1960). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. p. 157. [Fragmento]

O neologismo “verbivocovisual” alude ao caráter verbal da palavra, mas ressalta elementos que tendemos a esquecer na linguagem corrente: a visualidade e a sonoridade das palavras. Assim, verbivocovisual contém em si a **escrita** (verbi), a **voz** (voco) e a **imagem** (visual). A proposta em questão é de que, para além da significação usual das palavras, o seu som e sua imagem, uma vez em destaque no poema, potencializem os sentidos da poesia. Outro fator relevante apresentado no trecho do manifesto é a valorização da linguagem verbal aliada à não verbal.



Para que seja possível uma completa absorção do sentido “verbivocovisual” da Poesia Concreta, acesse o site oficial do poeta Augusto de Campos. Nele, há poemas que se mostrarão simultaneamente como palavra-som-imagem.



Sobre a concisão da poesia concreta e uma de suas características – a de fazer a **forma** sonora e visual coincidir com o sentido (**função**) –, pode-se ler no *Plano-piloto*:

[...] a poesia concreta visa ao mínimo múltiplo comum da linguagem. daí a sua tendência à substantivação e à verbalização: “a moeda concreta da fala” (sapir). daí suas afinidades com as chamadas “linguagens isolantes” (chinês).

[...] ao conflito de fundo-e-forma em busca de identificação, chamamos de isomorfismo. paralelamente ao isomorfismo fundo-forma, se desenvolve o isomorfismo espaço-tempo, que gera o movimento. o isomorfismo, num primeiro momento da pragmática poética concreta, tende à fisionomia, a um movimento imitativo do real (motion). [...]

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos* (1950-1960). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. p. 157. [Fragmento]

Para os concretistas, dizer menos é uma forma de gerar maior número de interpretações, pois com um mínimo de significantes (palavras) é possível que o leitor encontre inúmeros significados (sentidos). Inclusive sentido entre o que são palavra e espaço vazio, pois o espaço em branco da página não é apenas fundo, mas significação, parte constituinte do texto a ser lido. Cabe ao leitor considerar não só as lacunas, mas também os “movimentos” das palavras em sua elaboração, já que esse deslocamento também ajuda a compor o “mínimo múltiplo comum”, a escrita da síntese.

O Movimento Concretista dos anos 1950 mostrou-se uma produção abrangente graças ao diálogo estabelecido com outras linguagens, como a do cinema, a da música e a das artes plásticas. Toda essa variedade de discursos e tamanho entrecruzamento de saberes, bem como a inserção dos postulados estéticos por meio de um “Plano-piloto”, levaram o Concretismo a ser considerado o último movimento literário de vanguarda do século XX. Os seus desdobramentos em outras vertentes, como a Poesia Práxis e o Poema / Processo, além de sua repercussão no Brasil e no mundo até os dias de hoje, salientam como o Concretismo teve e ainda tem uma contribuição no panorama da história da Literatura Brasileira.

AS ARTES NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970 – POP ART

A partir da década de 1950, mas sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, o mundo assistiu a um movimento que alteraria não só as técnicas de composição e os valores estéticos artísticos, mas que estabeleceria uma mudança no próprio conceito de arte: a *Pop Art*.

Abreviação da expressão inglesa *Popular Art* (arte popular), a *Pop Art* não era popular no sentido de ser produzida para ou pelo povo, mas sim no sentido de incorporar os elementos da cultura de massa: as marcas de grande consumo, os produtos industrializados, os ícones do cinema e da música, enfim, tudo o que tinha apelo junto ao grande público. Ao trazer para a arte a representação dos objetos mais presentes no cotidiano do cidadão comum, os artistas da *Pop Art* aproximam a arte do cotidiano do cidadão comum. Se antes a arte possuía valor puramente estético e era revestida de uma aura especial, que lhe conferia um *status* privilegiado, agora ela não mais pertencia a esse lugar de prestígio, restrito a intelectuais. Em outras palavras, era feita, não mais para ser única, exclusiva e duradoura, mas para ser efêmera, comercializada e consumida, como se fosse um produto, pela massa de pessoas comuns.



LINTCHTENSTEIN, Roy. *M-Maybe*. 1965. Lona, 152,4 x 152,4 cm. Museu Ludwig, Alemanha.

Em função da nova ordem mundial bipolar – ascensão dos EUA e da então URSS frente ao resto do mundo –, a Europa deixou de ser o principal centro irradiador de cultura e conhecimento, e o eixo das inovações artísticas deslocou-se para a América: Nova Iorque substituiu Paris como sede das artes visuais. Embora a *Pop Art* tenha sido forte também na Inglaterra, foi por meio dos artistas estadunidenses, como Andy Warhol e Roy Lichtenstein, que ela se consagrou.



WARHOL, Andy. *Marilyn Monroe's lips*. 1962. Serigrafia e acrílico sobre tela, 32,2 x 21,4 cm. Museu Hirshhorn, Estados Unidos.

Nessa obra de Andy Warhol, tem-se a reprodução repetida dos lábios da atriz Marilyn Monroe, ícone de sensualidade e celebridade dos anos 1950. Na imagem, como se pode notar, a parte à direita é colorida, enquanto a metade à esquerda é preta e branca.

A repetição é uma marca forte na obra de Warhol e remete à produção em série, típica das sociedades industrializadas, em que tudo é capitalizado, até a arte, que se torna também mercadoria. Segundo Andy Warhol: "Ser bom nos negócios é o mais fascinante tipo de arte [...] ganhar dinheiro fazendo arte é arte".



WARHOL, Andy. *Latas de sopa Campbell*. 1962. Tinta de polímero sintético sobre tela, 50,8 x 40,6 cm. Detalhe. Museu de Arte Moderna, Nova Iorque.



WARHOL, Andy. *Green Coca-Cola Bottles*. 1962. Pintura a óleo, 209,6 cm x 144,8 cm. Detalhe. Whitney Museum of American Art, Nova Iorque.

Para o historiador David McCarthy, os artistas da *Pop Art* faziam sucesso vendendo para seus clientes o seu próprio gosto "reempacotado".

OS ANOS 1960 E A TROPICÁLIA



O Movimento Tropicalista, surgido na década de 1960, promoveu um intenso diálogo entre a música, o teatro, o cinema, a literatura e as artes plásticas. Antes mesmo de se formar como um movimento cultural, a prática tropicalista se desenvolveu como iniciativas isoladas de artistas que, posteriormente, reconheceram-se como detentores de um mesmo propósito: repensar a produção artística nacional de modo crítico dentro do contexto internacional. Devido a essa base ideológica, os artistas dos anos 1960 promoveram um retorno à obra literária de Oswald de Andrade que, nos anos 1920, por meio da teoria da Antropofagia, também buscou repensar o nacional por meio de uma postura dialógica e dialética com o universal.

A origem do Tropicalismo foi, sem dúvida, a produção dos festivais de música tão em voga nos anos 1960. Em tais eventos, era nítida a rivalidade entre dois grupos: um que lutava por uma música de tendência mais popular, de origem genuinamente nacional; outro que se mostrava receptivo às novas tendências estéticas e à absorção dos elementos divulgados pela mídia. O primeiro, de caráter mais nacionalista e xenófobo, propunha uma musicalidade mais pautada nos sambas, na bossa-nova, em um repertório mais engajado, politizado e conservador, por isso, seus autores se revoltavam com a produção da Jovem Guarda, liderada por Erasmo Carlos, Roberto Carlos e Wanderléia – vistos como uma réplica do *rock* internacional, uma arte da massa feita para a massa, sem qualquer valor estético e ideológico. Em oposição a essa postura, estavam jovens músicos, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, o maestro Rogério Duprat e os integrantes dos Mutantes, entre muitos outros instrumentistas, que procuravam fazer uma produção artística genuinamente nacional, absorvendo os ícones da cultura de massa, da arte *pop*, do *rock* internacional, mas também sintetizando tais elementos e repertórios à cultura popular brasileira, expressa nos sambas e na bossa-nova. A proposta, portanto, era de fusão, confluência e "devoração" de toda uma multiplicidade de discursos e ideologias que retratariam mais adequadamente a pluralidade da nação brasileira. O Brasil, simultaneamente primitivo, interiorano, rural, regionalista, era também moderno, industrializado, cosmopolita, bombardeado pelos ídolos da cultura de massa. O Tropicalismo não é, portanto, um movimento artístico que se quer "novo", como o foi o Modernismo. Assimilando as conquistas do Modernismo, entretanto, foi possível expandi-las a outros campos artísticos e intelectuais, atingindo maior número de pessoas.

O que o Tropicalismo buscou fazer na música também já era feito nas outras artes durante os anos 1960, por isso a relevância do Cinema Novo, de Glauber Rocha, e, principalmente, da filmagem de *Terra em transe*. A encenação da peça *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, sob a direção de José Celso Martinez, e a produção das instalações de Hélio Oiticica, especificamente a que se intitulou *Tropicália*, também foram fundamentais para Caetano Veloso elaborar as canções que constituíram o marco do Tropicalismo, expressão que, inclusive, teve sua origem na obra de Oiticica.



OITICICA, Hélio. *Tropicália*. 1967. Instalação.

As canções "Alegria, alegria", de Caetano Veloso, e "Domingo no parque", de Gilberto Gil, podem ser consideradas o marco daquilo que futuramente seria denominado de Tropicalismo. Inscritas para o festival de música da TV Record, ambas as canções provocaram um misto de irritação e admiração no público por instaurarem a guitarra elétrica e uma musicalidade "dissonante" para os ouvidos conservadores da época. Não só pela melodia ousada e irreverente, mas pelas letras, as duas canções demonstram que a arte não deveria ser apenas panfletária e de denúncias sociais, nem somente saudosista ou ufanista. Outras possibilidades poderiam e deveriam ser exploradas para o enriquecimento da produção artística nacional.

Em *Tropicália: a história de uma revolução musical*, Carlos Calado, com base em entrevistas com o próprio Caetano, assim retrata como se deu a elaboração de "Alegria, alegria":

A ideia surgiu na rua. Caminhando por Copacabana, Caetano começou a pensar em uma canção para o festival da TV Record. Queria que fosse algo bem alegre, e a primeira imagem que lhe veio à cabeça foi a de um rapaz andando numa cidade grande, olhando as pessoas e as coisas na rua, exatamente como ele estava fazendo. A música, imaginou, deveria ser algo bem atual, um som meio elétrico, meio *pop*, que tivesse a ver com as coloridas imagens das revistas, expostas nas bancas de jornal, com fotos de atrizes de cinema misturadas com cenas violentas de guerra e flagrantes de viagens espaciais.

Mais tarde, já no Solar da Fossa, Caetano voltou a pensar na nova composição. Queria usar guitarras elétricas no arranjo, mas também achava essencial que ela soasse bem brasileira, algo como uma marchinha.

[...] Na mesma noite, começou a escrever os versos iniciais da letra, que é claramente cinematográfica (uma "letra-câmera-na-mão", definiu bem Décio Pignatari), com suas imagens focalizadas diretamente do cotidiano. [...] Caetano não resistiu à tentação de incluir uma citação de *As palavras*, a autobiografia do filósofo Jean-Paul Sartre – seu livro favorito naquela época: "Nada no bolso ou nas mãos".

CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 119-120. [Fragmento]



Considerando o depoimento de Carlos Calado, assista à apresentação de "Alegria, alegria", no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, em 1967, quando Caetano Veloso a interpretou juntamente com o grupo de *rock* Beat Boys. Escute a canção observando os aspectos estéticos e temáticos nela presentes, além das inovações instrumentais.



A estrutura fragmentária, descontínua e simultânea da música, adequada para expressar o dinamismo das informações na vida moderna, a celeridade do tempo no espaço urbano, a multiplicidade de imagens e informações divulgadas pela mídia, demonstra como a forma da canção é a expressão de sua própria temática. Isso demonstra como o Brasil, inserido nesse contexto mundial, deve reconhecer o que se passa em seu próprio tempo.

Esse mesmo processo constitutivo de compor por associações de imagens desconexas, por *takes* do cotidiano, por referências intertextuais com quadrinhos, textos filosóficos, provérbios e programas de televisão – principalmente a figura do Chacrinha, eleita como símbolo do Tropicalismo, imagem caricata da cultura nacional –, sem supervalorizar um universo culto e acadêmico em detrimento dos outros, populares e midiáticos, fez-se constante nas produções de Caetano, de Gil, de Torquato e de Capinan. Exemplo disso é a música "Soy loco por ti, América", na qual os autores mesclam ícones dos desenhos animados e do contexto histórico, como Tio Patinhas e Che Guevara (homenageado na referida canção).

Soy loco por ti, América

[...]

Soy loco por ti, América

Soy loco por ti de amores...

El nombre del hombre muerto

Ya no se puede decirlo, quién sabe?

Antes que o dia arrebente

Antes que o dia arrebente...

El nombre del hombre muerto

Antes que a definitiva noite

Se espalhe em Latinoamérica

El nombre del hombre es pueblo

El nombre del hombre es pueblo...

Soy loco por ti, América

Soy loco por ti de amores...

Espero a manhã que cante

El nombre del hombre muerto

Não sejam palavras tristes

Soy loco por ti de amores

Um poema ainda existe

Com palmeiras, com trincheiras

canções de guerra

Quem sabe canções do mar

Ai hasta te comover

Ai hasta te comover...

Soy loco por ti, América

Soy loco por ti de amores...

Estou aqui de passagem

Sei que adiante um dia vou morrer

De susto, de bala ou vício

De susto, de bala ou vício...

Num precipício de luzes

Entre saudades, soluços

Eu vou morrer de bruços

Nos braços, nos olhos

Nos braços de uma mulher

Nos braços de uma mulher...

Mais apaixonado ainda

Dentro dos braços da camponesa

Guerrilheira, manequim, ai de mim

Nos braços de quem me queira

Nos braços de quem me queira...

Gilberto Gil / Capinan / © Gege Edições / Preta Music
(EUA & Canadá) / © Editora Musical Arlequim LTDA.

A consagração do termo Tropicalismo ocorreu com a composição de uma música para a qual Caetano ainda não tinha escolhido o nome. Em uma conversa com o amigo Luís Carlos Barreto, nasce, então, a sugestão do nome "Tropicália". Em seu livro sobre o Tropicalismo, Carlos Calado relata como ocorreu o surgimento do nome da canção, além de narrar alguns acontecimentos relevantes que ocorreram durante a sua gravação:

"Era uma coisa maravilhosa. Um labirinto cheio de plantas e pássaros onde, depois de atravessá-lo, você encontrava uma televisão."

Caetano sentiu que havia mesmo algo em comum entre sua canção e a obra descrita por Barreto, mas a sugestão não agradou muito. *Tropicália* poderia passar uma ideia de música tropical, exótica, quando o que ele e Gil buscavam era algo universal, mais moderno. Além disso, a ideia de usar o título de uma obra que já existia não parecia correta. E se o autor não gostasse do empréstimo?

"Eu tenho certeza de que Hélio Oiticica vai ficar louco por essa música. Bote *Tropicália!*", insistiu Barreto.

"É uma palavra forte", apoiou Guilherme Araújo, já gostando da sugestão.

Apesar das objeções de Caetano, a canção estava batizada. Ao voltarem para o estúdio, Guilherme foi logo perguntar a opinião de Manoel Barenbein sobre o possível título. O produtor não teve dúvidas: já foi escrevendo *Tropicália* no rótulo da fita, com a gravação.

"Mas o nome não vai ser *Tropicália*", ainda resistiu Caetano.

"Tudo bem. Até você arranjar outro nome, a gente deixa esse."

Predestinada a ser uma espécie de manifesto, "Tropicália" recebeu também uma bem-sacada e espontânea contribuição do percussionista Dirceu. Para testar o som do microfone, sem nem mesmo conhecer a letra da canção, Dirceu começou a narrar, em tom de gozação, o lendário episódio da história do Brasil: "Quando Pero Vaz de Caminha descobriu que as terras brasileiras eram férteis e verdejantes, escreveu uma carta ao rei. Tudo que nela se planta, tudo cresce e floresce. E o Gauss da época gravou."

Acostumado às sacadas instantâneas dos *happenings* e da música aleatória, Júlio Medaglia pediu na hora ao técnico Rogério Gauss que ligasse o gravador – o bem-humorado improvisado de Dirceu tinha tudo a ver com a canção. Atirada do percussionista transformou-se na introdução da "Tropicália" de Caetano.

CALADO, Carlos.

Tropicália: a história de uma revolução musical. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 162-163. [Fragmento]

Leia, a seguir, a letra da canção que dá nome ao movimento:

Tropicália

Sobre a cabeça os aviões

Sob os meus pés os caminhos

Aponta contra os chapadões

Meu nariz

Eu organizo o movimento

Eu oriento o carnaval

Eu inauguro o monumento no planalto central

Do país

Viva a bossa-sa-sa

Viva a palhoça-ça-ça-ça [...]

O monumento é de papel crepom e prata

Os olhos verdes da mulata

A cabeleira esconde atrás da verde mata

O luar do sertão

O monumento não tem porta

A entrada de uma rua antiga, estreita e torta

E no joelho uma criança sorridente, feia e morta

Estende a mão

Viva a mata-ta-ta

Viva a mulata-ta-ta-ta [...]

No pátio interno há uma piscina

Com água azul de Amaralina

Coqueiro, brisa e fala nordestina e faróis

Na mão direita tem uma roseira

Autenticando eterna primavera

E nos jardins os urubus passeiam a tarde inteira

Entre os girassóis

Viva Maria-ia-ia

Viva a Bahia-ia-ia-ia [...]

No pulso esquerdo bang-bang

Em suas veias corre muito pouco sangue

Mas seu coração balança a um samba de tamborim

Emite acordes dissonantes

Pelos cinco mil alto-falantes

Senhora e senhores ele põe os olhos grandes

Sobre mim

Viva Iracema-ma-ma

Viva Ipanema-ma-ma-ma [...]

Domingo é o Fino da Bossa

Segunda-feira está na fossa

Terça-feira vai à roça

Porém

O monumento é bem moderno

Não disse nada do modelo do meu terno

Que tudo mais vá pro inferno, meu bem

Viva a banda-da-da

Carmem Miranda-da-da-da [...]

Tropicália. Caetano Veloso.

100% Uns produções via Warner Chappell.

Além de "Tropicália", as canções "Parque industrial", de Tom Zé, "Geleia geral", música de Gil e letra de Torquato, e "Panis et circensis", música de Gil e letra de Caetano, são outras faixas que continuaram a promover a discussão da época sobre uma produção cultural que devorasse e absorvesse toda a diversidade dos anos 1960. Tais composições constituiriam o LP *Tropicália ou Panis et circensis*, álbum-manifesto que foi a expressão máxima do Tropicalismo.

Toda a euforia do Tropicalismo, que revolucionou a música brasileira, livrando-a do conservadorismo estético e das temáticas restritas à postura engajada de teor marxista ou de exaltação nacionalista, foram suspensas em 1968, com o enrijecimento da Ditadura Militar e o exílio dos dois maiores nomes do movimento: Caetano Veloso e Gilberto Gil, que se viram obrigados a partir para Londres. De toda forma, a música brasileira já havia transformado seus conceitos, reavaliado seu repertório. Caetano, Gil, Torquato e Capinan mostraram-se não só grandes músicos dos anos 1960, mas também significativos poetas, que iriam contribuir muito para a nova geração dos anos 1970, a geração da Poesia Marginal.

A GERAÇÃO DE 1970 E A POESIA MARGINAL



O emprego e a aceitação da expressão Poesia Marginal para se definir parte de uma produção literária dos anos 1970 sempre foi algo polêmico, tendo em vista a abrangência de autores, de posturas e de motivos para se classificar como "marginal" determinado artista ou certa obra. De qualquer forma, o termo foi cunhado e consagrado, apesar de tantas considerações, exceções ou contestações. Os estudiosos do assunto, assim como os próprios poetas em seus depoimentos, até apontam alguns caminhos que explicariam a condição de "marginalidade" de uma produção dos anos 1970.

Uma das acepções de "marginal" está vinculada à postura ideológica e transgressora dos autores no plano cultural, principalmente em relação a uma atitude mais livre praticada por uma "sociedade alternativa", que rompia com os tabus e os valores da sociedade convencional e moralizante. Essa postura libertadora, tanto no aspecto literário quanto no sexual, no corporal, nas relações com as drogas, no trânsito entre as culturas (principalmente com a oriental), foi denominada "movimento da contracultura". Mas, antes mesmo dos anos 1970, a contracultura já se anunciava nos anos 1950 em todo o mundo com a produção *underground* (que nos Estados Unidos foi representada pela *beat generation*), e nos anos 1960 com o movimento *hippie*, que desencadeou ainda mais o apreço por uma postura libertária que fez a juventude dos anos 1970 experimentar outros valores e viver "sem lenço e sem documento", numa típica postura do "desbunde". Os "desbundados" seriam esses autores "marginais", que produziam uma poética do "descompromisso", do "gozo", da "libertação", poesia que se encontrava não apenas no papel, mas no modo de viver e no próprio corpo.

Portanto, contra o clima de sufoco gerado na época, principalmente, no caso do Brasil, pela política ditatorial, os poetas apontavam o caminho da “marginalidade” estética, utilizando o humor e o prazer para driblar a realidade opressora e moralista. Muitos textos produzidos nessa época, veiculados de forma esparsa, foram compilados por Heloísa Buarque de Hollanda na obra *26 poetas hoje*.

O poema “Rápido e rasteiro”, de Chacal, exemplifica bem essa postura “marginal” do desbunde, pois, como bem salientou Carlos Alberto Pereira, na obra de Chacal “quem dignifica o homem não é o trabalho, mas o lazer”.

Rápido e rasteiro

vai ter uma festa
que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.
aí eu paro, tiro o sapato
e danço o resto da vida

CHACAL. Rápido e rasteiro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 218.

Outro aspecto do julgamento de “marginalidade” em relação aos autores da época relaciona-se não só à ideologia de libertação, mas à sua expressão por meio de uma linguagem libertária. Os poetas dos anos 1970 não tinham um projeto estético, não faziam política literária, apenas viviam a poesia, “libertariamente”, o que justifica a presença dos versos livres, da linguagem coloquial, das palavras em minúsculas quando gramaticalmente deveriam ser grafadas em maiúsculas, de uma transgressão em relação às regras de concordância e de regência, além da própria libertação gráfica do texto, da conciliação entre a linguagem verbal e a não verbal, assim como a rasura entre os textos narrativos e os poéticos.

Como exemplo dessa “marginalidade” gráfica e linguística, que permite à poesia se apropriar de diferentes gêneros literários como a fábula, o texto filosófico e os quadrinhos, que lhe possibilita conciliar o verbal e o visual, merece destaque o trabalho de Carlos Saldanha (Zuca Sardan).

Como se não bastassem a linguagem e a postura ideológica, os poetas dos anos 1970 negavam uma filiação intelectual, um programa estético coerente, um apego aos cânones literários. Isso os deixava também “marginais” em relação ao saber erudito, à tradição formal, a uma tradição intelectual e poética. As referências e fontes de seus trabalhos estavam na música popular, nos provérbios, nos quadrinhos e na cultura de massa. A ausência de “paradigmas” literários propiciava a criação de um grupo avesso a escolas literárias, a enquadramentos formais, a qualquer tipo de vínculo programático, a citações retóricas que quisessem demonstrar erudição. Assim, os marginais promoveram um processo de “desliteratização” da escrita, de desmitificação dos clássicos, que muitas vezes são retomados apenas de forma anedótica e humorística.

Outra “condição de marginalidade” apontada pelos críticos é de ordem social: “marginal” é aquele que vive à margem do mundo político, exilado no próprio país (isso quando não é obrigado a deixá-lo); é alguém que passa pela experiência do sufoco implantado com o golpe militar. Principalmente depois de 1968, a condição insustentável da intelectualidade brasileira e de vários poetas traduz essa postura de um grupo “marginal” em relação ao discurso ufanista e à crença de que os anos da ditadura propiciariam o verdadeiro “milagre brasileiro”. Os poetas marginais ironizavam a “estabilidade” e o “desenvolvimento tecnológico” da nação, pois tinham conhecimento das consequências e das sequelas desse processo: perseguições, torturas, exílios, assassinatos, censura e entreguismo ao capital estrangeiro. O poema a seguir, de Charles, por meio de uma linguagem metafórica, ilustra bem o clima pesado e o ambiente de sufoco vivenciado por todos.

Colapso concreto

vivo agora uma agonia:
quando ando nas calçadas de copacabana
penso sempre que vai cair um troço na minha cabeça

CHARLES. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 233.

Mas tanto os teóricos literários quanto os próprios poetas do período reconhecem que o principal argumento utilizado para se definir o movimento marginal da década de 1970 está relacionado à produção e à veiculação dos textos. “Marginal” era, portanto, estar à margem do mercado: não ter acesso às grandes editoras, nem mesmo possuir os livros expostos nas livrarias de todo o país ou receber algum tipo de patrocínio governamental. Diante disso, os autores buscaram maneiras alternativas de confeccionar e vender suas obras, que estavam mais próximas da condição de “folhetos” que de livros propriamente, pois eram feitas de modo precário, com um formato de cordel, confeccionadas, artesanalmente, em um papel barato, no qual o texto era mimeografado – daí o nome “geração mimeógrafo”.

Mas, se por um lado havia a ausência de um apoio governamental ou de uma editora que bancasse o livro, por outro, isso possibilitava ao autor uma extrema liberdade, uma publicação sem qualquer censura, sem qualquer “controle” de ordem política ou moralizante. Sendo assim, por trás de uma aparente pobreza dos livros-folhetos realizados nos anos 1970, há toda uma construção estética livre de amarras. Além disso, os autores tiveram de providenciar também a divulgação de suas obras por meio de eventos que eles denominavam de “artimanhas”: encontros festivos, com declamação de poesia, música, performances, etc. Todo esse clima eufórico e criativo para a venda dos livros deixava o autor cara a cara com o público. Com isso, o leitor passou a ter contato, simultaneamente, com a obra poética e com o próprio poeta. Assim, de marginal, o autor se transformava em “herói” do cotidiano, em alguém que bancava não só os livros, mas também uma postura de não se enquadrar em grupos literários coercitivos, em um universo editorial impositivo e “careta”. Mas sem dúvida a marginalidade não foi uma escolha, e sim uma condição “beneficiada” pela falta de apoio e de recursos.

Os marginais buscavam conciliar a poesia com a vida, por isso seus textos caminham em direção a um cotidiano expresso por uma linguagem prosaica em detrimento de uma literariedade textual propriamente dita. Não interessa à poesia dos anos 1970 o belo, o sublime, o nobre, o erudito, o estritamente lírico, mas o reconhecimento do lirismo na própria vida, nos bastidores do dia a dia, de onde se conclui que a literatura é vida fotografada a cada momento, o que explica o apego dos autores aos poemas breves, como se fossem retratos instantâneos do cotidiano, *flashes* de uma cena circunstancial. Esse trabalho de conseguir captar o momento aparece muito bem explorado por alguns poetas da antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, principalmente por Francisco Alvim, Chacal e Charles. Todos eles procuram, por meio de “cenas curtas”, fotografar a realidade com uma linguagem constituída por *takes* que, muitas vezes, captam um diálogo do cotidiano.

Almoço

Sim senhor doutor, o que vai ser?
Um filé-*mignon*, um filezinho, com salada de batatas
Não: salada de tomates
E o que vai beber o meu patrão?
Uma caxambu

ALVIM, Francisco. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 18.

Além de efetivamente modificar a poesia, principalmente por uma espontaneidade prosaica ou dramática, os escritores marginais também promoveram uma desmetaforização da linguagem poética, já que o intuito era o de retratar cenas do cotidiano. Devido a esse fator, a poesia marginal modificou também o contato com o público, que não mais precisava ser especialista em literatura ou detentor de uma vasta tradição para compreender a arte poética. Mesmo porque as referências intertextuais presentes nos textos eram as que circulavam pela mídia.

Essa apropriação de diferentes gêneros textuais por parte da produção marginal foi, portanto, outro índice de amplitude literária praticada e divulgada nos anos 1970. O emprego do pastiche, da imitação do estilo da linguagem presente em bilhetes, fábulas, bulas, entrevistas, anúncios, diários, passaportes, roteiros de cinema, carteiras de identidade ou certidões de nascimento foi um recurso frequentemente utilizado pelos autores marginais.

A geração “desbunde” dos anos 1970, como grupo de jovens que experimentavam o *nonsense*, permitiu a retratação de temáticas da alteridade com uma simplicidade e descontração que antes não se via. Os textos, ainda sem qualquer intuito panfletário ou engajado (o que se tornaria mais forte a partir dos anos 1980), começaram a mostrar algumas questões que a sociedade desejava escamotear, tais como as diferenças étnicas, culturais, sociais e sexuais. Nesse aspecto, merecem destaque certos poetas que elegeram como temas assuntos relacionados às próprias experiências de vida, que poderiam ser classificadas como “marginais” pelo fato de retratarem o universo do negro, da mulher e do homossexual.

Em uma sociedade excludente e exclusivista, na qual o homem e o branco são os detentores do poder, do saber e da fala, o surgimento dessas vozes no plano poético é considerado mais um item de “marginalidade”. Na antologia *26 poetas hoje*, alguns trabalhos exemplificam esse surgimento de novos sujeitos do discurso, até então extremamente silenciados e censurados pela ditadura do preconceito.

Com base nos textos de Ana Cristina César, Waly Salomão, Roberto Piva, Glauco Mattoso e Adauto de Souza Santos, é possível reconhecer como a Poesia Marginal foi marcada pela inclusão de vozes excluídas e marginalizadas. A mulher, o homossexual e o negro buscaram, com base nessa poética do “desbunde”, narrar as próprias experiências por meio de uma linguagem que, antes de ser considerada “grosseira” ou “vulgar”, deveria ser, sobretudo, classificada como “coloquial” e “cotidiana”, pois é pronunciada a todo instante pela sociedade, mas, preconceitosamente, jamais pôde ser elevada à categoria de poesia. O que os “marginais” propiciam é justamente evidenciar posturas e discursos que também merecem ser legitimados, respeitados e poetizados.

A Poesia Marginal, ao inserir tantas vozes e temáticas excluídas por diferentes “ditaduras”, possibilitou aos leitores dos anos 1970, e possibilita aos de hoje, uma postura já almejada pelo poeta modernista Oswald de Andrade: “ver com os olhos livres”. Isso significa se libertar de pré-julgamentos, significa olhar sem querer ver o pré-visível. Deixar o olhar livre é retirar os tabus, os dogmas, os paradigmas e os “pré-conceitos”. E isso deveria ser feito não só em relação aos textos estéticos considerados “marginais”, julgados como “lixeratura”, mas em relação ao próprio comportamento humano de caráter “marginal” que eles veiculam, comportamento esse com o qual nos deparamos cotidianamente, mas que insistimos em não ver, ou fingimos não ver, ou ainda censuramos o nosso olhar e o nosso prazer ao vê-lo. Quem sabe, vendo com os olhos livres, não seja possível diminuir as margens do preconceito literário, linguístico, comportamental, étnico, sexual e social que sustentam uma sociedade preocupada em estipular valores e fronteiras excludentes em vez de aceitar, respeitar e conviver com a imensa “marginália” que a constitui.

RELEITURAS

Um dos herdeiros mais notáveis da Poesia Concreta é, sem dúvida, o poeta, artista e músico contemporâneo Arnaldo Antunes, que declara explicitamente o seu apreço pelos elementos “verbivocovisuais” da poesia de Augusto de Campos. Convidado para redigir o prefácio do livro *Não poemas* (2003), lançado pelo poeta concretista, ainda em atividade, Antunes reconhece o engenho de Augusto de Campos em realizar um projeto poético de tal forma interativo e sensorial que extrapolava os recursos midiáticos existentes na década de 1950. Para Antunes, somente no século XXI a mídia atingiu os quesitos necessários para executar a ousadia do projeto concretista.

Valendo-se, pois, dessa ampla oferta de recursos tecnológicos e de sua admiração pela Poesia Concreta, Arnaldo Antunes cria para si uma obra que reúne poesia visual, som e vídeo, geralmente veiculados em livros que vêm acompanhados de DVD e / ou CD, que reproduzem (e, portanto, recriam) os poemas em outro tipo de linguagem. Por esse motivo, Arnaldo Antunes é associado pelos críticos ao rótulo de “multimídia”, que ele rejeita; para o poeta, a categorização da arte é “puramente imaginária”.

A busca pela unidade que compõe o signo linguístico – a associação entre som, forma (significante) e sentido (significado), tão defendida pelos poetas do Concretismo, constitui uma das linhas mestras da poesia de Arnaldo Antunes.

Leia, a seguir, o poema “Gera”, da mesma obra.



GERA – Arnaldo Antunes – In: *2 ou + corpos no mesmo espaço* – São Paulo – SP – Ed. Perspectiva.

O processo de gerar, degenerar e regenerar sugere um ciclo, que é visualmente materializado pelo formato de círculo com que os caracteres tipográficos são dispostos na página. Uma vez que o ciclo se completa, o cronômetro “zera” novamente, de modo que o processo está sempre pronto para recomeçar. A ideia de “zerar”, de voltar ao ponto de partida, isto é, ao “zero”, também é espelhada pelas letras em círculo.

Na década de 1980, o poeta Paulo Leminski retorna à poesia marginal, porém com o intuito de, valendo-se da liberdade no uso da linguagem, ampliar a ideia de “marginalidade” na escrita poética. No livro *Distraídos Venceremos*, de 1987, podemos ler:

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.
Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha.

LEMINSKI, Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 213.

Nesse poema, a ideia de marginalidade da escrita é deslocada de seus usos entre os poetas da década de 1970. Em sua nova acepção, no poema de Leminski, a ideia de marginalidade implica estar o poema à margem do mundo – ou da paisagem – para lhe conferir clareza, visibilidade e passagem. A linguagem, nesse sentido, é feita para dizer o mundo, sem ofuscá-lo. O poema é marginal por ser uma espécie de “nota de rodapé” à paisagem, um apontamento, uma breve apresentação. A paisagem ou mundo, por sua vez, estaria nas entrelinhas, nos intervalos do que o poema diz.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (CEFET-MG) A questão refere-se aos seguintes fragmentos:

Jogos florais

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

CACASO. Jogos Florais. In: MORRICONI, Italo (Org.). *Destino: poesia*. p. 72.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

DIAS, Gonçalves. Canção do Exílio. *Primeiros cantos*. p. 19.

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá.

ANDRADE, Oswald de. Canto de regresso à pátria. In: *Obras Completas*. v. 6. p. 144.

Fundamentando-se na leitura do fragmento do poema de Cacaso e dos fragmentos de Gonçalves Dias e de Oswald de Andrade, escreva um texto dissertativo, considerando:

- o diálogo entre esses poemas;
- as características representativas da Poesia Marginal, do Romantismo e do Modernismo.

02. (UFG-GO) Leia os textos a seguir:

Texto I

Pau-Brasil

Era uma vez uma floresta cheia de festa e balangandã
Na noite fresca carnavalesca brilhava a estrela Aldebarã
E nas quebradas da madrugada toda menina era cunhã
Um belo dia uma menina achou no mato uma maçã
Olhou a fruta meio de banda como se fosse coisa malsã
Deu uma dentada, meteu o dente, e de repente, tchan-
[tchantchan-tchan
Ouviu na mata a voz possante e extravagante do Deus
[Tupã
Que então lhe disse: mas que tolice, minha menina,
[minha cunhã
Uma maçã é uma maçã, é uma maçã, é uma maçã
E a menina foi pra gandaia cantarolando Cubanacan.

HIME, Francis. *Pau-Brasil*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2008. 1 CD. Faixa 7.

Texto II

O que foi dito no ano de 1968

Eles gostam de se dizer “antropofágicos”, isto é, seguidores do modernista Oswald de Andrade. São os poetas concretos e os músicos da Tropicália e o que querem é criar uma nova linguagem.

Os concretos, na faixa restrita dos livros, da poesia. Os tropicalistas, na faixa mais larga do consumo, através de discos, festivais e programas de TV.

VEJA. São Paulo, set. 2008.

Edição comemorativa de 40 anos. p. 143 (Adaptação).

- A) Analisando o texto II, explique por que a canção “Pau-Brasil” (texto I) pode ser considerada integrante do movimento da Tropicália.
- B) Que ato praticado pela personagem, no texto I, sugere a construção da temática antropofágica? Justifique sua resposta.

03. (UFMG) Leia este poema.

Papo de índio

Veio uns ômi di saia preta
cheiu di caixinha e pó branco
qui êles disserum qui chamava açucuri
Aí êles falaram e nós fechamu a cara
depois êles arrepitirum e nós fechamu o corpo
Aí êles insistiram e nós comemu êles.

CHACAL. Papo de índio. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 6. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. p. 219.

Redija um texto, indicando três características desse poema que permitem reconhecê-lo como continuidade da poética modernista, particularmente da poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade.

04. (UFJF-MG) Leia o poema concreto a seguir, de Décio Pignatari, para responder à questão.

a mocinha empurrada
sentou-se mal
em cima do capôto
presente
de bodas de ouro

PIGNATARI, Décio. Contribuição a um alfabeto duplo.

In: *Poesia, Pois é, Poesia. / Poet.*
São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 184.

Uma das questões centrais para Décio Pignatari é a “afirmação plena da vida por meio da afirmação da razão, do sensível e do sexual, numa síntese feliz” (SIMON, Iumna Maria; DANTAS, Vinicius. *Literatura comentada: poesia concreta*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 18).

Levando em consideração esse comentário, elabore uma proposta de leitura para o poema anterior.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o poema a seguir para responder às questões 01 e 02.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*.
São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

01. (UERJ-2015) O poeta emprega dois termos diferentes para se aproximar do leitor: “a gente” (v. 3) e “nossos” (v. 4). O emprego de tais termos produz, em relação à percepção de mundo, o sentido de

- A) idealização.
B) explicitação.
C) universalização.
D) problematização.

02. (UERJ-2015) A última estrofe apresenta imagens relacionadas à família. Em relação ao conjunto do texto, a figuração do casal com seus filhos pequenos remete à ideia de

- A) angústia.
B) mudança.
C) continuidade.
D) preocupação.

03. (UERJ)

Tropicália

Sobre a cabeça os aviões
 Sob os meus pés os caminhos
 Aponta contra os chapadões
 Meu nariz
 Eu organizo o movimento
 Eu oriento o carnaval
 Eu inauguro o monumento
 No planalto central do país
 [...]

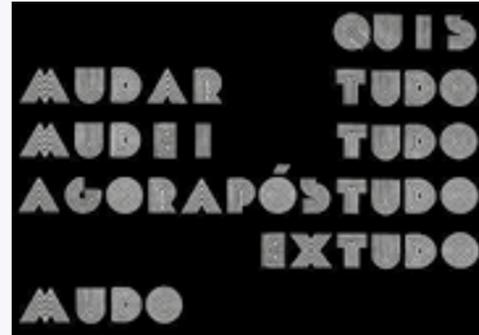
 O monumento não tem porta
 A entrada é uma rua antiga
 Estreita e torta
 E no joelho uma criança
 Sorridente, feia e morta
 Estende a mão

Disponível em: <<http://www.caetanoveloso.com.br>>.Disponível em: <<http://www.fontedesign.com.br>>.

O disco e a música Tropicália tornaram-se símbolos do "Tropicalismo", movimento protagonizado por artistas e intelectuais, no Brasil, em finais da década de 1960. Esse movimento destacou-se, principalmente, pela seguinte proposta:

- Valorização do pluralismo cultural
- Denúncia das influências estrangeiras
- Enaltecimento da originalidade nacional
- Defesa da homogeneização de comportamentos sociais

Instrução: Analise o texto a seguir para responder às questões 04 e 05.



CAMPOS, Augusto de. *pós-tudo*. 1984. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>>. Acesso em: 08 fev. 2011.

04. (UFG-GO) No poema concreto anterior, o jogo com diferentes leituras é construído pela união das linguagens
- sonora e visual.
 - gráfica e erudita.
 - visual e geométrica.
 - espacial e minimalista.

05. (UFG-GO) A leitura do poema indica que
- as terminologias "pós" e "ex" anunciam uma esperança no agora.
 - a arte é constituída por uma ordenação metódica e sem rupturas.
 - o fecho com o termo "mudo" evidencia os caminhos férteis da arte moderna.
 - a arte expressa os dilemas entre ruptura e tradição na contemporaneidade.

06. (UFRGS-RS-2017) Leia o poema "Terra de negros", de Oliveira Silveira.

Terra de engenhos
 negro moendo
 cana escorrendo
 suor amargando
 terra de minas
 negro cavando
 ouro sorrindo
 (ouro dos outros)
 terra café
 cacau e milho
 negro plantando
 negro colhendo
 esperanças renascendo

terra de estância
 charqueada grande
 negro se salgando
 terra quilombo
 choça e mocambo
 negro lutando
 e resistindo
 se libertando
 terra xangô
 tambor de mina
 e candomblé
 linha de umbanda
 batuque e samba
 macumba e negro
 reza-dançando
 terra congada
 maracatu
 reisado e negro
 representando

terra comida
 pratos baianos
 quindim quitutes
 negro fazendo
 terra capoeira
 rabo-de-arraia
 negro golpeando

terra favela
 morro e miséria
 e o negro nela
 (breque) até quando?

Considere as seguintes afirmações sobre o poema.

- O poema reconta a história do Brasil do Nordeste ao Sul, pela perspectiva do trabalho do negro.
- O sujeito-lírico assume-se como negro através da linguagem, marcada pelo lirismo e pelo posicionamento crítico.
- A cultura negra está presente no poema, através dos instrumentos musicais, da religiosidade e da alimentação.

Quais estão corretas?

- Apenas I.
- Apenas II.
- Apenas I e III.
- Apenas II e III.
- I, II e III.

07. (UDESC) A poesia concreta foi lançada oficialmente na década de 50 com a Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Analise as proposições em relação ao movimento poético brasileiro – Concretismo.

- À noção de poesia se incorpora um novo elemento: o visual.
 - Apresenta estrutura dinâmica e multiplicidade de movimentos concomitantes.
 - Partindo do princípio de que o verso tradicional já havia encerrado o seu ciclo histórico, a poesia concreta propõe o poema objeto.
 - Há apelo ao ideograma ou apenas ao processo ideogramático de composição.
 - Apresenta desvinculação em relação à sintaxe.
- Assinale a alternativa correta.
- Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
 - Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
 - Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
 - Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
 - Todas as afirmativas são verdadeiras.

08. (UFSC-2016)

Fotonovela

Quando você quis eu não quis
 Qdo eu quis você ã quis
 Pensando mal quase q fui
 Feliz

CACASO. Fotonovela. In: WEINTRAUB, Fábio (Org.). *Poesia marginal*. São Paulo: Ática, 2006. p. 27. (Para gostar de ler, 39).

Conforme o poema de Cacaso anterior, é correto afirmar que

- o título do poema refere-se a narrativas seriadas, no estilo folhetim, ilustradas por fotografias e que possuem tramas equiparadas às de telenovelas.
- ainda que o autor pertença à "geração mimeógrafo", as abreviaturas empregadas no poema são similares ao "internetês" de hoje, um tipo de linguagem condensada empregada no meio virtual.
- o emprego da expressão "pensando mal" em vez da expressão usual "pensando bem" enfatiza a plenitude da felicidade atingida pelo eu lírico.
- não há marcas textuais no poema que possibilitem a identificação de gênero do objeto amoroso do eu lírico, de modo que o tema do fracasso amoroso poderia ser válido para qualquer identidade sexual.
- como já antecipa o título do poema, em uma fotonovela, o final esperado do enredo deveria ser feliz, condição atingida ao término da história.
- o poema apresenta um conflito entre o "eu" e o "você", num tempo passado, marcado pelo desejo de "querer" e "não querer".
- por ser um poema de curta extensão, Cacaso não utiliza recursos de musicalidade.

Soma ()

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2016)



ROTELLA, M. *Marilyn*. 1962. Disponível em: <www.nyu.edu>. Acesso em: 30 maio 2016.

A técnica da *décollage*, utilizada pelo artista Mimmo Rotella em sua obra *Marilyn*, é um procedimento artístico representativo da década de 1960 por

- A) visar à conservação das representações e dos registros visuais.
- B) basear-se na reciclagem de material gráfico, contribuindo para a sustentabilidade.
- C) encobrir o passado, abrindo caminho para novas formas plásticas, pela releitura.
- D) fazer conviver campos de expressão diferentes e integrar novos significados.
- E) abolir o trabalho manual do artista na confecção das imagens recontextualizadas.

02. (Enem) Mesmo tendo a trajetória do movimento interrompida com a prisão de seus dois líderes, o Tropicalismo não deixou de cumprir seu papel de vanguarda na música popular brasileira. A partir da década de 70 do século passado, em lugar do produto musical de exportação de nível internacional prometido pelos baianos com a "retomada da linha evolutória", instituiu-se nos meios de comunicação e na indústria do lazer uma nova era musical.

TINHORÃO, J. R. *Pequena história da música popular: da modinha ao Tropicalismo*. São Paulo: Art, 1986 (Adaptação).

A nova era musical mencionada no texto evidencia um gênero que incorporou a cultura de massa e se adequou à realidade brasileira. Esse gênero está representado pela obra cujo trecho da letra é:

- A) A estrela d'alva / No céu desponta / E a lua anda tonta / Com tamanho esplendor. (*As pastorinhas*, Noel Rosa e João de Barro)
- B) Hoje / Eu quero a rosa mais linda que houver / Quero a primeira estrela que vier / Para enfeitar a noite do meu bem. (*A noite do meu bem*, Dolores Duran)
- C) No rancho fundo / Bem pra lá do fim do mundo / Onde a dor e a saudade / Contam coisas da cidade. (*No rancho fundo*, Ary Barroso e Lamartine Babo)
- D) *Baby Baby* / Não adianta chamar / Quando alguém está perdido / Procurando se encontrar. (*Ovelha Negra*, Rita Lee)
- E) Pois há menos peixinhos a nadar no mar / Do que os beijinhos que eu darei / Na sua boca. (*Chega de saudade*, Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

03. (Enem)



Disponível em: <http://mutantes.com>. Acesso em: 28 fev. 2012.

A capa do LP *Os Mutantes*, de 1968, ilustra o movimento da contracultura. O desafio à tradição nessa criação musical é caracterizado por

- A) letras e melodias com características amargas e depressivas.
- B) arranjos baseados em ritmos e melodias nordestinos.
- C) sonoridades experimentais e confluência de elementos populares e eruditos.
- D) temas que refletem situações domésticas ligadas à tradição popular.
- E) ritmos contidos e reservados em oposição aos modelos estrangeiros.

04. (Enem)

Logia e mitologia

Meu coração
de mil e novecentos e setenta e dois
já não palpita fagueiro
sabe que há morcegos de pesadas olheiras
que há cabras malignas que há
cardumes de hienas infiltradas
no vão da unha na alma
um porco belicoso de radar
e que sangra e ri
e que sangra e ri
a vida anoitece provisória
centuriões sentinelas
do Oiapoque ao Chuí.

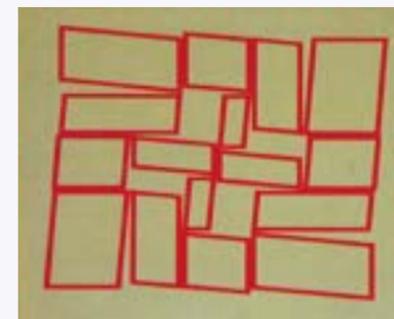
CACASO. *Lero-lero*.
Rio de Janeiro: 7Letras;
São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

O título do poema explora a expressividade de termos que representam o conflito do momento histórico vivido pelo poeta na década de 1970. Nesse contexto, é correto afirmar que

- A) o poeta utiliza uma série de metáforas zoológicas com significado impreciso.
- B) "morcegos", "cabras" e "hienas" metaforizam as vítimas do regime militar vigente.
- C) o "porco", animal difícil de domesticar, representa os movimentos de resistência.
- D) o poeta caracteriza o momento de opressão através de alegorias de forte poder de impacto.
- E) "centuriões" e "sentinelas" simbolizam os agentes que garantem a paz social experimentada.

05. (Enem)

Texto I



OITICICA, Hélio. *Metaesquema I*, 1958. Guache s/ cartão. 52 cm x 64 cm. Museu de Arte Contemporânea - MAC / USP. Disponível em: <http://www.mac.usp.br>. Acesso em: 01 maio 2009.

Texto II

Metaesquema I

Alguns artistas remobilizam as linguagens geométricas no sentido de permitir que o apreciador participe da obra de forma efetiva. Nesta obra, como o próprio nome define: meta – dimensão virtual de movimento, tempo e espaço; esquema – estruturas, os metaesquemas são estruturas que parecem movimentar-se no espaço. Esse trabalho mostra o deslocamento de figuras geométricas simples dentro de um campo limitado: a superfície do papel. A isso podemos somar a observação da precisão na divisão e no espaçamento entre as figuras, mostrando que, além de transgressor e muito radical, Oiticica também era um artista extremamente rigoroso com a técnica.

Disponível em: <http://www.mac.usp.br>. Acesso em: 02 maio 2009 (Adaptação).

Alguns artistas remobilizam as linguagens geométricas no sentido de permitir que o apreciador participe da obra de forma mais efetiva. Levando-se em consideração o texto e a obra *Metaesquema I*, reproduzidos anteriormente, verifica-se que

- A) a obra confirma a visão do texto quanto à ideia de estruturas que parecem se movimentar, no campo limitado do papel, procurando envolver de maneira mais efetiva o olhar do observador.
- B) a falta de exatidão no espaçamento entre as figuras (retângulos) mostra a falta de rigor da técnica empregada dando à obra um estilo apenas decorativo.
- C) *Metaesquema I* é uma obra criada pelo artista para alegrar o dia a dia, ou seja, de caráter utilitário.
- D) a obra representa a realidade visível, ou seja, espelha o mundo de forma concreta.
- E) a visão de representação das figuras geométricas é rígida, propondo uma arte figurativa.

06. (Enem) O poema a seguir pertence à Poesia Concreta brasileira. O termo latino de seu título significa "epitalâmio", poema ou canto em homenagem aos que se casam.

EPITHALAMIUM – II



Considerando que símbolos e sinais são utilizados geralmente para demonstrações objetivas, ao serem incorporados no poema "Epithalamium - II",

- A) adquirem novo potencial de significação.
- B) eliminam a subjetividade do poema.
- C) opõem-se ao tema principal do poema.
- D) invertem seu sentido original.
- E) tornam-se confusos e equivocados.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01. O fragmento original, que deu origem aos outros dois, é o de Gonçalves Dias, "Canção do Exílio". Representante famoso da primeira geração do Romantismo, esse texto apresenta como sua principal característica a exaltação da pátria, o nacionalismo, expresso, sobretudo, pela idealização da natureza local, sempre vista como superior às demais. O fragmento de Cacaso, escrito no contexto da Poesia Marginal, traz como sua principal marca o humor, a ironia, a irreverência, que marcaram a postura debochada da geração da década de 1970. Já o fragmento de Oswald de Andrade é representante da primeira fase do Modernismo, que tinha como característica a retomada crítica da história e do cânone nacionais. Isso se comprova pelo excerto em análise, extraído do "Canto de Regresso à Pátria". Ao substituir o vocábulo "palmeiras" por "palmares", o poeta modernista abdica do traço ufanista do poema de Gonçalves Dias para relembrar o sofrido e vergonhoso passado escravocrata do nosso país. Nota-se, ainda, como característica desse fragmento a linguagem mais simples, cotidiana.
- 02.
- A) A canção "Pau-Brasil" pode ser considerada integrante do movimento da Tropicália por trazer expressões que remetem à língua, às personagens, à religião e à cultura do Brasil. A partir da valorização do índio e do rompimento com os preceitos do cristianismo difundidos pelos europeus, a música representa uma resistência aos valores estabelecidos pela colonização europeia e propõe, em sua temática, a consolidação da brasilidade já defendida no Movimento Antropofágico.
- B) É o ato de dar uma dentada na maçã, uma vez que foi desfeita a conotação de pecado representada pela fruta, em virtude da aprovação desse gesto pelo deus Tupã. A menina mordeu a maçã e saiu cantarolando, sem nenhum sinal de culpa. Seu ato foi, inclusive, estimulado pelas palavras do deus Tupã, que chamou de "tola" a atitude inicial da menina, ao olhar "a fruta meio de banda como se fosse coisa malsã".
03. Para cumprir o objetivo dessa questão, o aluno deve-se apontar, a partir da leitura do poema "Papo de índio", características poéticas da primeira fase do Modernismo, especialmente aquelas que marcaram a poesia pau-brasil, tais como:

- o caráter primitivista da temática, que relê e subverte a história oficial, por meio da abordagem diferenciada da relação colonizador / colonizado (esse último representado pelo indígena);
 - caráter coloquial da linguagem: a busca por uma expressão "natural", espontânea, que procura se afastar dos padrões de uma linguagem "artificial", não fiel à fala;
 - a concisão e o humor do poema-piada.
04. A leitura do poema de Pignatari deve privilegiar a ambiguidade dos sentidos e os recursos "verbivocovisuais" empregados a fim de envolver o leitor na construção / interpretação do texto. Assim sendo, há múltiplas possibilidades de leitura. Deve-se considerar que em quatro palavras do poema, a sobreposição de letras sugere que esses vocábulos podem ser lidos de duas maneiras diferentes. Assim, podemos ter "emburrada" e "empurrada"; "sentiu-se" ou "sentou-se"; "capotão" e "capitão" e, por fim, "botas" ou "bodas". Dependendo das escolhas lexicais do leitor, a mensagem poderá ser interpretada de várias maneiras, e algumas delas apresentam conteúdo de conotação sexual e bem-humorado.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. C
- 03. A
- 04. D
- 05. D
- 06. E
- 07. E
- 08. Soma = 43

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. D
- 03. C
- 04. D
- 05. A
- 06. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Período Composto por Coordenação

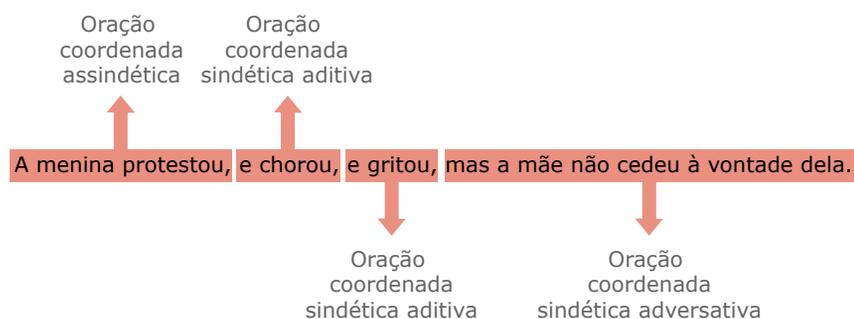
Anteriormente, estudamos a constituição do período simples e conhecemos as principais funções sintáticas que participam de sua estrutura. Como já foi visto, entende-se por período simples a oração que possui um único verbo ou locução verbal. Deste módulo em diante, iniciaremos o estudo do período composto, ou seja, a oração que possui dois ou mais verbos e / ou locuções verbais. Você verá que existem dois processos distintos na elaboração de um período composto: a coordenação e a subordinação.

No processo de coordenação, existe dependência semântica entre as orações no período, o que significa dizer que cada uma delas tem estrutura sintática completa e independente. Por outro lado, no processo de subordinação, as orações são sintaticamente dependentes. Nesse último caso, diz-se que há uma oração principal e uma segunda oração que lhe é subordinada. Em outras palavras, a subordinada funciona como um termo da oração principal, podendo ser sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, etc. Estudaremos o processo de subordinação de forma mais detalhada posteriormente.

Antes disso, conheceremos, neste módulo, o processo mais simples de composição de período: a coordenação.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

Coordenação é o processo pelo qual se unem duas ou mais orações que não dependem sintaticamente uma da outra. Dessa forma, em um período composto por coordenação, as orações são independentes, no que diz respeito a suas estruturas sintáticas. A concatenação das orações que compõem os períodos ocorre por meio de conjunções coordenativas ou apenas por meio da justaposição das orações, sem conectivo que as relacione. Observe o exemplo a seguir:



É possível perceber, nas orações apresentadas no exemplo anterior, a independência sintática característica da coordenação. As três primeiras possuem sujeito simples e um verbo intransitivo, e a última possui sujeito simples, adjunto adverbial de negação, verbo transitivo indireto e complemento verbal. Nenhuma das orações funciona como termo integrante de outra. Entretanto, a independência sintática não implica independência semântica. Dessa forma, as orações que compõem o período são interdependentes quanto ao sentido.

No processo de subordinação, que será visto posteriormente, as orações possuem relações de dependência sintática, ou seja, funcionam como termos integrantes de uma oração principal.

TIPOS DE ORAÇÕES COORDENADAS



Assindéticas

Quando não possuem conjunção que as ligue às demais orações do período.

Exemplos:

- Andei lentamente até a poltrona, sentei-me, deixei-me ficar ali até o anoitecer.
- O policial armou o revólver, mirou o alvo, atirou sem dó.

Sindéticas

Quando possuem conjunção que as articule às demais orações do período. As orações sindéticas são classificadas de acordo com a relação de sentido que estabelecem com as demais orações do período. Podem ser de cinco tipos: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Orações coordenadas sindéticas aditivas

São aquelas que indicam adição de ideias, o que se dá pela sucessão de fatos, acontecimentos ou processos dispostos em uma sequência linear. A articulação das orações é feita por meio de conjunções aditivas ou locuções conjuntivas aditivas (*e, também, além disso, nem, bem como*).

Exemplos:

- Saí muito cedo de casa **e cheguei muito tarde**.
- Ela não varreu o quintal **nem agou o jardim**.
- Ele me ajudou muito, **bem como amou-me de verdade**.
- **Além de ter feito uma bela recepção**, foi extremamente amável com os convidados.

Orações coordenadas sindéticas adversativas

São orações que expressam ideia de oposição, contraste, adversidade, em relação à oração anterior. São ligadas por conjunções adversativas ou locuções conjuntivas adversativas (*mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto*).

Exemplos:

- Tentava ser uma boa pessoa, **mas a péssima educação familiar sempre falava mais alto**.
- Conte com a compreensão de seus superiores, **porém nunca abuse da confiança deles**.
- Esteve aqui o dia todo, **entretanto não conversou com ninguém**.
- Ele é um ótimo profissional, **no entanto sua índole é questionável**.

Orações coordenadas sindéticas alternativas

São orações que exprimem ideia de opção, de escolha, de alternância. Iniciam-se por conjunções alternativas ou locuções conjuntivas alternativas (*ou, ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer*).

Exemplos:

- Durma bastante, **ou não se sairá bem na competição amanhã**.
- **Quer esteja aqui amanhã, quer tenha ido embora**, reclamarei de seus serviços.
- **Ora sinto-me feliz, ora caio em depressão profunda**.
- Você quer **ou não quer o prêmio?**

Orações coordenadas sindéticas conclusivas

São orações que exprimem uma conclusão da ideia contida na oração assindética, o fechamento ou síntese de um pensamento. São iniciadas por conjunções conclusivas ou locuções conjuntivas conclusivas (*logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois* – quando estiver após o verbo ou entre vírgulas).

Exemplos:

- Esforçou-se muito durante todo ano, **por isso foi promovido**.
- Todo humano é racional, Sócrates é humano, **logo, Sócrates é racional**.
- Todos já chegaram; **vamos, pois, dar início à reunião**.
- Cristina está ocupada, **portanto, não conte com ela**.

Orações coordenadas sindéticas explicativas

São orações que exprimem uma explicação, esclarecimento, razão, motivo, em relação à outra oração. São iniciadas por conjunções explicativas ou locuções conjuntivas explicativas (*porque, que, pois, devido a, pelo fato de*).

Exemplos:

- Não atormente o cão, **pois ele pode morder você**.
- Espere um pouco mais **que o doutor vai atendê-lo logo**.
- **Pelo fato de estar sangrando**, com certeza havia brigado.
- Não fique triste, **porque isso não merece suas lágrimas**.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFC-CE) Identifique o valor semântico da conjunção “e” nos períodos a seguir:

- O poeta nasceu ao final das duas primeiras décadas deste século **e** ainda continua perplexo dentro deste mundo atormentado.
- As pessoas conviviam com personalidades de todos os matizes **e** aprendiam a lidar com gente boa e gente má.
- Por amar Fortaleza, o poeta fez-lhe um canto de amor **e** o leu ao receber o título de “Cidadão de Fortaleza”.

Assinale a alternativa cuja sequência corresponde à relação existente entre as orações dos períodos I, II e III.

- Adição – conclusão – consequência
- Oposição – oposição – adição
- Adição – conclusão – finalidade
- Oposição – conclusão – finalidade
- Adição – consequência – explicação

02. (PUC-SP) O conectivo “e”, em geral, coordena orações ou termos de mesmo valor sintático, estabelecendo sentido aditivo entre eles. Isso se confirma em todas as alternativas a seguir, exceto em

- “[...] um país entra em transe emocional **e** algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte [...]”
- “[...] se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas pela repetição de mantras **e** mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz.”
- “[...] continuará intacto **e** movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos.”
- “Depois raspam sua numeração **e** a vendem.”
- “[...] podem ser organizados milhares de referendos **e** o problema do crime continuará do mesmo tamanho.”

03. (Mackenzie-SP) Hoje se reconhece cada vez mais a importância do tato durante toda a vida do homem. Os animais de estimação permitem às pessoas que precisam desse estímulo sensorial exercitarem-no. O simples fato de tocar um animal reduz a ansiedade e a tensão. Acariciá-los é não só um modo de expressar afeto, como também exerce um efeito benéfico sobre o sistema cardiovascular do dono.

FRIEDMANN, Erika.

Observe as afirmações seguintes:

- O sujeito da primeira oração é indeterminado, uma vez que qualquer pessoa pode fazer o reconhecimento citado.
- Na terceira oração, a palavra “que” é, morfológicamente, um pronome relativo, cujo antecedente é “pessoas” e, sintaticamente, exerce a função de sujeito do verbo “precisar”.

III. A última oração classifica-se como coordenada sindética aditiva.

Assinale,

- se II e III estão corretas.
- se todas estão corretas.
- se apenas I está correta.
- se todas estão incorretas.
- se apenas II está correta.

04. (UERJ) “O racismo não é apenas uma ideologia social e política. É também uma teoria que se pretende científica.”

O trecho anterior contém dois períodos que, embora sejam sintaticamente independentes, estão unidos por uma certa relação de sentido. Utilizando conectivos, reescreva este trecho em um só período composto por orações coordenadas, de modo que a relação de sentido seja mantida.

05. (Unesp)

A morte da tartaruga

O menino foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. “Cuidado, senão você acorda o seu pai”. Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.

Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: – “Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faço. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito”. O pai examinou a situação e propôs: – “Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai”.

O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse: – “Eu sei que você sente muito a morte da tartaruginha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral”. (Empregou de propósito a palavra difícil). O menino parou imediatamente de chorar. “Que é funeral?”

O pai lhe explicou que era um enterro. “Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o “Happy-Birth-Day-To-You” pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?” O garotinho estava com outra cara. “Vamos papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela”. Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal. “Papai, papai, vem cá ela está viva!” O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruga estava andando de novo normalmente. “Que bom, hein” – disse – “Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!” “Vamos sim, papai” – disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande – “Eu mato ela”.

MORAL: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.

FERNANDES, Millôr. A morte da tartaruga. In: *Fábulas fabulosas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985. p. 100-101.

Esta questão refere-se às relações entre os pais e o filho expressas no texto. Responda:

O discurso de convencimento do pai é estruturado por orações coordenadas assindéticas e sindéticas. Qual é a relação dessa estrutura com o sentido dessa parte específica do texto?

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 01 a 03.

A ameaça de uma bomba atômica está mais viva do que nunca. Os conflitos étnicos mataram quase 200 chineses só no mês de julho. Agora uma boa notícia: a paz mundial pode estar a caminho. Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está bem menos sangrento do que já foi. Cerca de 250 mil pessoas morrem por ano em consequência de algum conflito armado. É bem menos do que no século 20, que teve 800 mil mortes anuais em sua 2ª metade e 3,8 milhões por ano até 1950.

O que aconteceu? O psicólogo Steven Pinker diz que o aumento do número de democracias ajudou. Assim como a nossa saúde:¹ como a expectativa de vida subiu, temos mais medo de arriscar o pescoço. Até a globalização teria contribuído:² um mundo mais integrado é um mundo mais tolerante, diz Pinker.

01. (Mackenzie-SP) É correto afirmar que o objetivo principal do texto é

A) apresentar dados numéricos a respeito do aumento da violência no mundo contemporâneo.

B) demonstrar as causas de mortes violentas a partir do início do século 20 e discutir as reais possibilidades de se resolver um problema que parecia não ter solução.

C) suscitar discussões a respeito do aumento da expectativa de vida após o início das democracias.

D) alertar a respeito do possível fim da paz mundial, considerando a iminente ameaça de bomba atômica.

E) refletir acerca da diminuição da violência no mundo, considerando tanto dados do passado, como alterações no modo de vida contemporâneo.

02. (Mackenzie-SP) Os dois pontos utilizados nas referências 1 e 2 podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido original do texto, por

A) “portanto” (ref. 1) e “porém” (ref. 2).

B) “pois” (ref. 1) e “uma vez que” (ref. 2).

C) “logo” (ref. 1) e “conquanto” (ref. 2).

D) “embora” (ref. 1) e “não obstante” (ref. 2).

E) “porém” (ref. 1) e “porque” (ref. 2).

03. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa correta.

A) A relação semântica entre os dois primeiros períodos do texto (linhas de 1-3) estabelece ideia de contradição.

B) A expressão “arriscar o pescoço” (linha 14) indicia o tom formal adotado pelo produtor do texto.

C) “Até” (linha 14) é partícula que expressa limite temporal posterior, uma vez que aponta conclusões assumidas pelo psicólogo.

D) A palavra “étnicos” (linha 2) esclarece que os conflitos são motivados por intolerância entre povos com origens culturais e históricas diferentes.

E) A forma verbal “diz” (linha 16) evidencia que a voz do psicólogo é introduzida no texto por meio do discurso direto.

04. (UFPR-2017) Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

VIEIRA, Antônio. *Sermão de Santo Antônio*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000033.pdf>>.

O excerto anterior é o início do “Sermão de Santo Antônio aos Peixes” escrito por Antônio Vieira, que se imortalizou pela coerência lógica de seus textos, além de suas qualidades literárias.

Vieira é um homem do século XVII. É possível detectar, no texto de Vieira, características da Língua Portuguesa que divergem de seu uso contemporâneo. Pensando nessa diferença entre o português atual e o português usado por Vieira, considere as seguintes afirmativas:

1. Diferentemente de hoje, o pronome pessoal oblíquo átono antecedia a negação.

2. O “porque” é empregado no texto como conjunção explicativa e sua grafia é a mesma usada atualmente.

3. A conjunção “ou” tem no texto um uso que não é o de alternância.

Assinale a alternativa correta.

A) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.

B) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.

C) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.

D) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.

E) As afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 05 e 06.

O pavão

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d’água em que a luz se fragmenta como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade. Considerarei, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glória e me faz magnífico.

BRAGA, Rubem.

05. (UFF-RJ) No trecho da crônica de Rubem Braga, os elementos coesivos produzem a textualidade que sustenta o desenvolvimento de uma determinada temática. Com base nos princípios linguísticos da coesão e da coerência, pode-se afirmar que

A) na passagem, “Mas andei lendo livros” (linhas 2-3), o emprego do gerúndio indica uma relação de proporcionalidade.

B) o pronome demonstrativo “este” (linha 7) exemplifica um caso de coesão anafórica, pois seu referente textual vem expresso no parágrafo seguinte.

C) o articulador temporal “por fim” (linha 10) assinala, no desenvolvimento do texto, a ordem segundo a qual o assunto está sendo abordado.

D) a expressão “Oh! minha amada” (linha 11) é um termo resumitivo que articula a coerência entre a beleza do pavão e a simplicidade do amor.

E) o pronome pessoal “ele” (linha 13), na progressão textual, faz uma referência ambígua a “pavão”.

06. (UFF-RJ) Não só conectores, mas também pausas, marcadas pelos sinais de pontuação, assinalam diferentes tipos de relações sintático-semânticas.

Em “Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos”, a pausa marcada pelo ponto final no primeiro período estabelece com o segundo período uma relação de

A) explicação. D) conformidade.

B) temporalidade. E) comparação.

C) condicionalidade.

07. (UEL-PR) Mas quando todas as luzes da península se apagaram ao mesmo tempo, apagón lhe chamaram depois em Espanha, negrum numa aldeia portuguesa ainda inventora de palavras, quando quinhentos e oitenta e um mil quilômetros quadrados de terras se tornaram invisíveis na face do mundo, então não houve mais dúvidas, o fim de tudo chegara. Valeu a extinção total das luzes não ter durado mais do que quinze minutos, até que se completaram as conexões de emergência que punham em acção os recursos energéticos próprios, nesta altura do ano escassos, pleno verão, Agosto pleno, seca, mingua das albufeiras, escassez das centrais térmicas, as nucleares malditas, mas foi verdadeiramente o pandemônio peninsular, os diabos à solta, o medo frio, o aquelarre, um terramoto não teria sido pior em efeitos morais. Era noite, o princípio dela, quando a maioria das pessoas já recolheram a casa, estão uns sentados a olhar a televisão, nas cozinhas as mulheres preparam o jantar, um pai mais paciente ensina, incerto, o problema de aritmética, parece que a felicidade não é muita, mas logo se viu quanto afinal valia, este pavor, esta escuridão de breu, este borrão de tinta caído sobre a Ibéria, Não nos retires a luz, Senhor, faz que ela volte, e eu te prometo que até ao fim da minha vida não te farei outro pedido, isto diziam os pecadores arrependidos, que sempre exageraram.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 35-36.

Sobre o emprego de conectivos no texto, considere as afirmativas a seguir:

I. No trecho “[...] **até que** se completaram as conexões de emergência [...]”, a expressão em destaque expressa noção temporal e pode ser substituída por “quando”.

II. No trecho “[...] isto diziam os pecadores arrependidos, **que** sempre exageraram”, o pronome relativo “que” inicia oração que acrescenta uma característica ao termo antecedente.

III. Em “[...] **e** eu te prometo que até o fim da minha vida [...]” o conectivo “e” equivale a “mas”, iniciando uma oração coordenada adversativa.

IV. O uso do conectivo “mas” em “[...] parece que a felicidade não é muita, **mas** logo se viu quanto afinal valia” expressa oposição, portanto introduz uma oração coordenada adversativa.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- C) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- D) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

08.

(Insper-SP)

Incapacidade de ser verdadeiro

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões da independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem a sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

– Não há o que fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

ANDRADE, Carlos Drummond de.

O sorvete e outras histórias. São Paulo: Ática, 1993.

O período “Desta vez Paulo não só ficou sem a sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias” foi corretamente parafraseado em

- A) Desta vez Paulo ficou sem a sobremesa porque foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.
- B) Desta vez Paulo não ficou sem a sobremesa, contudo foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.
- C) Desta vez Paulo não ficou sem a sobremesa, portanto foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.
- D) Desta vez Paulo ficou sem a sobremesa e foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.
- E) Desta vez Paulo ficou sem a sobremesa, quando foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Instrução: Leia atentamente o texto a seguir para responder às questões 09 e 10.

Recado ao senhor 903

Vizinho –

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois sua própria visita pessoal – devia ser meia-noite – e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão.

O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito, a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 – que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos: apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. Peço-lhe desculpas – e prometo silêncio

...Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: “Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou.” E o outro respondesse: “Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela.”

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.

BRAGA, Rubem.

09. (UEMG) Dentre as alternativas que se apresentam, a seguir, assinale aquela cuja interpretação não é abonada pelo sentido geral do texto.

- A) Embora se mostre submisso às determinações impostas pela organização social, o autor não deixa de preservar sua visão crítica e pessoal sobre o ocorrido.
- B) O autor mostra-se sincero, quando promete se adequar às normas e regulamentos do prédio, concordando com as reclamações do vizinho.
- C) No nível de sua visão crítica e subjetiva de mundo, o autor chega à conclusão de que, para viver em harmonia e paz é absolutamente necessário o repouso e o silêncio noturno.
- D) Ao mencionar a natureza (o mar, ventos, lua), o autor aponta para a importância de uma vida espontânea e livre como receita da felicidade e do bem-estar do homem.

10. (UEMG) Observe o seguinte fragmento textual:

“E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.”

Assinale a alternativa em que se apontou corretamente a ideia expressa pela repetição dos articuladores de coesão em destaque neste fragmento.

- A) Relação de consequência entre as ações.
- B) Conclusão, com ênfase nos objetos da expressão.
- C) Explicação, em que uma ação especifica outra.
- D) Soma e simultaneidade de ações.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir
 Mas avisar aos outros quanto é amargo
 Cumprir o trato injusto e não falhar
 Mas avisar aos outros quanto é injusto
 Sofrer o esquema falso e não ceder
 Mas avisar aos outros quanto é falso
 Dizer também que são coisas mutáveis...
 E quando em muitos a não pulsar
 — do amargo e injusto e falso por mudar —
 então confiar à gente exausta o plano
 de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. *Tarefa*.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção “mas” articulam, para além de sua função sintática,

- A) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
- B) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
- C) a introdução do argumento mais forte de uma seqüência.
- D) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
- E) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

02. (Enem)



Disponível em: <<http://clubedamafalda.blogspot.com.br>>. Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

- A) emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- B) uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- C) retomada do substantivo “mãe”, que desfaz a ambigüidade dos sentidos a ele atribuídos.
- D) utilização da forma pronominal “la”, que reflete um tratamento formal do filho em relação à “mãe”.
- E) repetição da forma verbal “é”, que reforça a relação de adição existente entre as orações.

03. (Enem)

Brasil é o maior desmatador, mostra estudo da ONU

O Brasil reduziu sua taxa de desmatamento em vinte anos, mas continua líder entre os países que mais desmatam, segundo a FAO (órgão da ONU para a agricultura).

A entidade apresentou ontem estudo sobre a cobertura florestal no mundo e o resultado é preocupante: em apenas dez anos, uma área de floresta do tamanho de dois estados de São Paulo desapareceu do país. De forma geral, a queda no ritmo da perda de cobertura florestal foi de 37% em dez anos. Entre 1990 e 1999, 16 milhões de hectares por ano sumiram. Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares.

Mas o número é considerado alto. A América do Sul é apontada como a maior responsável pela perda de florestas do mundo, com cortes anuais de 4 milhões de hectares. A África vem em seguida, com 3,4 milhões de hectares/ano.

O ESTADO DE SÃO PAULO. 26 mar. 2010.

Na notícia lida, o conectivo “mas” (terceiro parágrafo) estabelece uma relação de oposição entre as sentenças: “Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares” e “o número é considerado alto”. Uma das formas de se reescreverem esses enunciados, sem que lhes altere o sentido inicial, é:

- A) Porque, entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, o número é considerado alto.
- B) Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, por isso o número é considerado alto.
- C) Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, uma vez que o número é considerado alto.
- D) Embora, entre 2000 e 2009, esse número tenha caído para 13 milhões de hectares, o número é considerado alto.
- E) Visto que, entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, o número é considerado alto.

04. (Enem)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de

- A) oposição.
- B) comparação.
- C) conclusão.
- D) alternância.
- E) finalidade.

05. As conjunções coordenativas aditivas expressam adição, acréscimo, sucessividade. Contudo, conforme o contexto em que são utilizadas, podem também indicar simultaneidade, correspondendo a conjunções temporais e / ou proporcionais. Percebe-se essa simultaneidade em:

- A) O professor aplicou e corrigiu todas as provas.
- B) Ele ouviu o telefone tocar, e não atendeu.
- C) Não só o motorista, mas também os passageiros estavam preocupados com o temporal daquele final de tarde.
- D) Ela estudava e ouvia música, sem que o próprio desempenho fosse prejudicado.
- E) Ela perguntou e ouviu o que não queria.

06.

Menos obra, mais ensino

Uma escola estadual da cidade de São Paulo (Carlos Maximiliano) estava com vários andares ociosos e estava ameaçada de ser fechada por falta de alunos. No ano passado, porém, decidiu-se ocupar as salas vazias para dar aulas de cursos técnicos, que só não se expandiam por falta de prédios. Uma ideia simples, óbvia, acabou produzindo o que pode ser encarado como milagre na administração pública.

DIMENSTEIN, Gilberto.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/gilbertodimenstein/ult508u493641.shtml>>. [Fragmento]

Pode ser afirmado em relação aos aspectos estruturais do texto que

- A) a palavra "ociosos", na linha 2, pode ser substituída pela palavra "desnecessários" sem que haja comprometimento de sentido no texto.

- B) a palavra "porém", na linha 4, estabelece, com a frase anterior, ideia de conclusão.
- C) o uso da palavra "simples", na linha 6, demonstra uma visão pejorativa sobre o projeto em questão.
- D) uma escrita na 3ª pessoa não anula a subjetividade de quem fala, pois o uso de adjetivos, por exemplo, sinaliza o posicionamento do autor.
- E) o título "Menos obra, mais ensino" demonstra a discordância do autor em relação à finalidade destinada às salas vazias da escola em questão.

GABARITOMeu aproveitamento **Aprendizagem**

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. E
- 03. A
- 04. Há duas formas de reescrever o trecho:

"O racismo não é apenas uma ideologia social e política, mas também uma teoria que se pretende científica."

Ou ainda:

"O racismo é não só uma ideologia social e política, mas ainda uma teoria que se pretende científica."

- 05. O pai procura usar uma estrutura sintática simples para poder comunicar-se melhor com o filho e convencê-lo a aceitar a morte da tartaruga.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. B
- 03. D
- 04. C
- 05. C
- 06. A
- 07. D
- 08. D
- 09. C
- 10. D

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. A
- 03. D
- 04. A
- 05. D
- 06. D



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Período Composto por Subordinação – Orações Subordinadas Substantivas e Adjetivas

SUBORDINAÇÃO

As orações subordinadas diferenciam-se das coordenadas (estudadas no módulo anterior) devido à dependência sintática. Por definição, orações subordinadas funcionam como termos de outra oração, chamada principal. O processo de subordinação é caracterizado pela ausência de autonomia gramatical das orações em um período, tal como definem alguns gramáticos.

As orações subordinadas são divididas em três grupos, de acordo com a natureza da função sintática que desempenham. São classificadas como **substantivas** quando desempenham uma função própria de substantivos, como a de sujeito, a de complemento verbal e nominal, etc.; são **adjetivas** quando exercem, à maneira do adjetivo, a função de explicar, qualificar ou especificar um nome. São, por fim, **adverbiais** quando expressam circunstâncias relacionadas à ideia apresentada na oração principal. O quadro a seguir apresenta todos os tipos de orações subordinadas, relacionando-as ao tipo de conectivo por que são introduzidas.

Natureza	Tipos	Função sintática	Introduzida por
Substantiva	Subjetiva	Sujeito	Conjunções integrantes QUE e SE
	Objetiva direta	Objeto direto	
	Objetiva indireta	Objeto indireto	
	Completiva nominal	Complemento nominal	
	Predicativa	Predicativo	
	Apositiva	Aposto	
	Agente da passiva*	Agente da passiva	
Adjetiva	Restritiva	Adjunto adnominal	Pronomes relativos QUE, O(S) QUAL(IS), A(S) QUAL(IS), ONDE, CUJO, QUANTO e COMO
	Explicativa	Aposto	
Adverbial	Temporal	Adjunto adverbial	Conjunções subordinativas
	Causal		
	Condicional		
	Conformativa		
	Final		
	Concessiva		
	Consecutiva		
	Proporcional		
	Comparativa		
	Modal*		

* Tipos de oração subordinada não reconhecidos pela NBG (Nomenclatura Gramatical Brasileira).

Substantivas

Subjetivas

- Importa **prevenir os acidentes**.
- Não convém **procederes assim**.

Objetivas diretas

- Dizem **ter pressa**.
- Eles acreditam **ser os mais ilustres da festa**.

Objetivas indiretas

- Nada me impede **de ir agora**.
- Acusavam-no **de traficar pedras preciosas**.

Predicativas

- O essencial é **salvamos a nossa alma**.
- Sua vontade foi sempre **ser um grande atacante**.

Completivas nominais

- Tinha ânsia **de chegar lá**.
- Estou disposto **a ir sozinho**.

Apositivas

- Só te falta uma coisa: **seres mais humilde**.
- E chegava aos 55 anos com apenas dois problemas: **fumar e comer em excesso**.

Adjetivas

- Não sou homem de **inventar coisas**.
[= que inventa]
reduzida de infinitivo
- Passaram guardas **conduzindo presos**.
[= que conduziam]
reduzida de gerúndio
- Esta é a notícia **divulgada pela imprensa**.
[= que foi divulgada]
reduzida de participio

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (UFU-MG) Na frase “Argumentei **que** não é justo **que** o padeiro ganhe festas”, as orações introduzidas pela conjunção “que” são, respectivamente,
- A) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
B) ambas subordinadas subjetivas.
C) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
D) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
E) subordinada substantiva objetiva e subordinada substantiva predicativa.
- 02.** (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas são designadas de acordo com a função que exercem na oração principal. Assinale a alternativa em que o substantivo destacado e a oração substantiva sublinhada têm a mesma função.
- A) Um dia o **Gerson** me disse que ia fazer uma experiência.
B) Mais do que nunca me vem **a sensação** de que é alguém idêntica a mim...
C) Chego a ter **a impressão** de sentir o calor da palma da mão dele contra a minha.
D) Quando volto a olhar **Fernando** no rosto, vejo assombrado que ele continua a sorrir.
E) [...] a **lei** do mundo dos espelhos proíbe terminantemente que a gente venha ao mundo de vocês.
- 03.** (UFSM-RS) Observe a relação entre a primeira e a segunda oração do período:
- “É interessante **que isso aconteça** para que professores e crianças discutam e argumentem.”
- Em qual dos períodos a seguir a oração iniciada pelo conectivo “que” apresenta, em relação à oração principal, função sintática idêntica à destacada no exemplo?
- A) Esse exercício forma crianças que sabem questionar.
B) O professor pediu que ele registrasse muitas coisas.
C) O objetivo do exercício é que a criança aprenda a raciocinar.
D) Diz-se que a decoreba não tem valor.
E) A professora quer somente isto: que os alunos raciocinem.

- 04.** (UERJ) “Estava com medo, com a impressão de que chegasse uma pessoa para me prender.”

RÊGO, José Lins do. *Doidinho*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

No trecho anterior, há duas orações subordinadas. Transcreva essas orações e classifique sintaticamente cada uma delas.

- 05.** (UERJ) Os trechos transcritos a seguir exemplificam o emprego do mesmo conectivo “e” para exprimir diferentes relações temporais entre dois fatos.

E o barulho da máquina se aproximando. [...] E o trem parado nos meus pés.

E o tempo a se sumir. E a tarde caindo.

RÊGO, José Lins do. *Doidinho*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

Aponte o significado desse conectivo. Em seguida, explicita a relação temporal dos fatos em cada um dos trechos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **01 a 03**.

Assim, a classe média não pode identificar-se integralmente, no plano ideológico-político, com o proletariado (fabril, comercial ou dos transportes). Em consequência, a classe média não pode participar da direção de um processo revolucionário de construção do socialismo, justamente por ser incapaz de impor a tal processo (do qual a supressão de propriedade privada dos meios de produção é apenas um dos momentos) uma verdadeira direção revolucionária: a da supressão da divisão capitalista do trabalho. Essa é a contradição ideológica própria da classe média: enquanto expressão privilegiada da divisão capitalista do trabalho, tende a ser atraída para o campo ideológico da burguesia; enquanto classe trabalhadora, tende a solidarizar-se com o proletariado. Noutras palavras, a classe média pode tanto aliar-se politicamente à burguesia (ou a uma das frações burguesas), quanto pode unir-se politicamente ao proletariado em lutas que não ultrapassem um certo limite: o da supressão da divisão entre trabalho manual e trabalho não-manual.

SAES, Décio Azevedo Marques de.
Classe média e políticos no Brasil.

- 01.** (ESPM-SP-2016) De acordo com o texto, a classe média
- A) reúne condições ideais para liderar o processo revolucionário, pois participa da classe baixa, pela origem, e da classe alta, pelo estilo de vida e tarefas a que se dedica.
B) desconhece a contradição ideológica que aflige o operariado e os latifundiários.
C) tem como grande objetivo a construção do socialismo, já que dele seria a maior beneficiária.
D) é incapaz de impor ao processo revolucionário a eliminação da divisão capitalista de trabalho.
E) sempre se une ao proletariado em momentos de crise, como uma postura de solidariedade.
- 02.** (ESPM-SP-2016) É possível inferir do texto que a classe média
- A) é um segmento social sem grande importância política e ideológica num país.
B) aborrece-se com o autoritarismo, de direita ou de esquerda, pois isso entra em conflito com sua formação liberal.
C) favorece uma alteração no sistema capitalista de divisão de trabalho, permitindo a própria ascensão.
D) é incapaz de levar suas insatisfações e frustrações às consequências revolucionárias, por ser contraditória.
E) posiciona-se ideologicamente quase sempre à esquerda, mas age politicamente de maneira direitista.
- 03.** (ESPM-SP-2016) O objetivo do texto é
- A) justificar o papel historicamente ambíguo da classe média como ator social privilegiado.
B) questionar a existência de uma perfeita afinidade ideológica entre a classe média e o proletariado, devido à natural divergência de interesses entre estes.
C) desacreditar a polarização que só vê burguesia e proletariado, enquanto classes, pela introdução de um segmento, a classe média, importante nas sociedades modernas.
D) apoiar a burguesia nacionalista, pois ela é a grande resistência contra a invasão do capitalismo internacional.
E) constatar a eliminação no cenário político do proletariado, uma categoria ideal, já que o operário moderno possui um estilo de vida igual ao da classe média.

04. (EsPCEEx-SP) Assinale a alternativa que analisa corretamente a oração sublinhada na frase a seguir:
 “Os animais que se alimentam de carne chamam-se carnívoros.”

- A) A oração adjetiva sublinhada serve para explicar como são chamados os animais que se alimentam de carne e, portanto, por ser explicativa, deveria estar separada por vírgulas.
- B) Como todos os animais carnívoros alimentam-se de carne, não há restrição. Nesse caso, a oração sublinhada só poderá ser explicativa e, portanto, deveria estar separada por vírgulas.
- C) Trata-se de uma oração evidentemente explicativa, pois ensina como são chamados os animais que se alimentam de carne. Sendo assim, a oração adjetiva sublinhada deveria estar separada por vírgulas.
- D) A oração adjetiva sublinhada tanto pode ser explicativa, pois esclarece, em forma de aposto, o termo antecedente, quanto pode ser restritiva, por limitar o sentido do termo “animais”.
- E) A oração adjetiva sublinhada só pode ser restritiva, pois reduz a categoria dos animais e é indispensável ao sentido da frase: somente os que comem carne é que são chamados de carnívoros.

05. (EEAR-2017) Leia:

- I. Todos os brasileiros que desejam ingressar na Força Aérea Brasileira devem gastar longas horas de estudo e dedicação.
- II. Todos os brasileiros, que desejam ingressar na Força Aérea Brasileira, devem gastar longas horas de estudo e dedicação.

Marque a alternativa correta.

- A) A frase I possibilita a conclusão de que todos os brasileiros, indiscriminadamente, desejam ingressar na Força Aérea Brasileira.
- B) As frases I e II estão em desconformidade com as normas gramaticais vigentes em relação às orações subordinadas adjetivas.
- C) A frase I, por conter oração subordinada adjetiva restritiva, não apresenta vírgula. Esse fato está em conformidade com as normas gramaticais vigentes.
- D) A frase II, por conter oração subordinada adjetiva restritiva, apresenta vírgula. Esse fato está em conformidade com as normas gramaticais vigentes.

06. (EsPCEEx-SP) Assinale a alternativa correta quanto à classificação sintática das orações grifadas a seguir, respectivamente.

Acredita-se que a banana faz bem à saúde.

Ofereceram a viagem a quem venceu o concurso.

Impediram o fiscal de que recebesse a propina combinada.

Os patrocinadores tinham a convicção de que os lucros seriam compensadores.

- A) subjetiva – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal
- B) subjetiva – objetiva indireta – completiva nominal – completiva nominal
- C) adjetiva – completiva nominal – objetiva indireta – objetiva indireta
- D) objetiva direta – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal
- E) subjetiva – completiva nominal – objetiva indireta – objetiva indireta

07. (IFPE-2016) Na frase “Linguistas preveem que metade das mais de 6 mil línguas faladas no mundo desaparecerá em um século”, que aparece no início do texto, o vocábulo “que” funciona como

- A) conjunção integrante e introduz uma nova oração com valor de predicativo do sujeito.
- B) pronome relativo e estabelece uma ligação entre o verbo e a palavra “metade”.
- C) conjunção integrante e introduz uma nova oração com valor de sujeito.
- D) pronome e estabelece uma relação entre “linguistas” e o que sucede o pronome.
- E) conjunção integrante e introduz uma oração com valor de objeto direto.

08. (UFT-TO) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento “que”. Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado “A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas.”, assinale a alternativa em que a substituição do “que” por substantivos e / ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

- A) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
- B) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
- C) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
- D) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
- E) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2016) eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência para um local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais perto onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil e:: ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados...

CUNHA, M. A. F. (Org.). *Corpus, discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na produção dos textos, orais ou escritos, articulamos as informações por meio de relações de sentido. No trecho de fala, a passagem “brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga”, enuncia uma justificativa em que “brigaram” e “todo relacionamento tem uma briga” são, respectivamente,

- A) causa e consequência.
- B) premissa e conclusão.
- C) meio e finalidade.
- D) exceção e regra.
- E) fato e generalização.

02. (Enem-2016)

L.J.C.

– 5 tiros?

– É.

– Brincando de pegador?

– É. O PM pensou que...

– Hoje?

– Cedinho.

COELHO, M. In: FREIRE, M. (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar

- A) uma fala hesitante.
- B) uma informação implícita.
- C) uma situação incoerente.
- D) a eliminação de uma ideia.
- E) a interrupção de uma ação.

03. (Enem-2011) Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto.

Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

ATALIA, M. *Nossa vida*. Época. 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- A) a expressão “Além disso” marca uma sequenciação de ideias.
- B) o conectivo “mas também” inicia oração que exprime ideia de contraste.
- C) o termo “como”, em “como morte súbita e derrame”, introduz uma generalização.
- D) o termo “também” exprime uma justificativa.
- E) o termo “fatores” retoma coesivamente “níveis de colesterol e glicose no sangue”.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. D
- 03. D
- 04. O período é composto por subordinação, em que “Estava com medo, com a impressão [...]” é a oração principal, “de que chegasse uma pessoa” é subordinada substantiva completiva nominal, e “para me prender” é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.
- 05. Nos dois trechos, o conectivo “e” significa adição dessas orações. No primeiro trecho, as orações ligadas pelo conectivo referem-se a fatos que se sucedem no tempo, sucessão que é indicada pelas expressões “se aproximando” e “parado”. No segundo trecho, as orações ligadas pelo conectivo referem-se a fatos concomitantes, uma vez que “E o tempo a se sumir” corresponde a “E a tarde caindo”.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. E
- 03. B
- 04. E
- 05. C
- 06. A
- 07. E
- 08. B

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. B
- 03. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Período Composto por Subordinação – Orações Subordinadas Adverbiais

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS



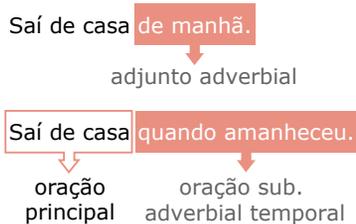
Conforme visto anteriormente, as orações subordinadas adverbiais, por definição, funcionam como adjuntos adverbiais da oração principal, à qual se ligam, exceto em alguns casos, por uma conjunção subordinativa. De acordo com o contexto da frase e com o correto uso da conjunção, identifica-se a circunstância expressa pela oração.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS



Temporais

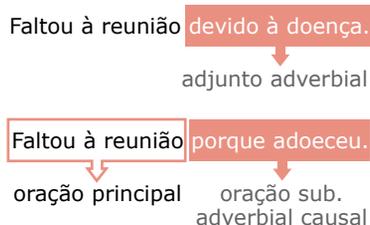
Indicam a circunstância de tempo em que ocorre o evento contido na oração principal.



- Saí de casa **assim que amanheceu.**
- **Tão logo amanheceu,** saí de casa.

Causais

Expressam causa, motivo, razão da ideia contida na oração principal.



- Faltou à reunião **visto que estava doente.**
- Faltou à reunião **uma vez que estava doente.**
- **Dado que estava doente,** faltou à reunião.



TOME NOTA!

É preciso estar atento ao uso da conjunção "pois", que pode indicar causa, explicação ou conclusão. Veja os exemplos:

- Tinha caído um temporal, **pois a varanda e a sala estavam completamente encharcadas.**



ORAÇÃO COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA
 Nesse caso, a oração coordenada sindética introduzida pela conjunção "pois" indica um evento posterior ao apresentado na oração assindética.

- A varanda e a sala estavam completamente encharcadas, **pois tinha caído um temporal.**



ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL CAUSAL
 Nesse caso, a oração subordinada adverbial introduzida pela conjunção "pois" indica um evento anterior ao apresentado na oração principal.

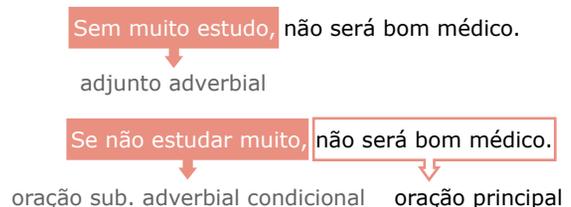
- Tinha caído um temporal; **a varanda e a sala estavam, pois, encharcadas.**



ORAÇÃO COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA
 Nesse caso, a conjunção "pois" aparece sempre após o verbo da oração coordenada sindética e entre vírgulas.

Condicionais

Expressam condição ou hipótese em relação à oração principal.



- Será bom médico, **contanto que estude muito.**
- **Caso estude muito,** será bom médico.
- **Desde que estude muito,** será bom médico.
- Não será bom médico, **exceto se estudar muito.**
- Não será bom médico, **a menos que estude muito.**

Conformativas

Exprimem acordo ou conformidade de um fato relativo à oração principal.

Conforme a previsão, não choverá amanhã.

adjunto adverbial

Conforme anunciou a previsão, não choverá amanhã.

oração sub. adverbial conformativa

oração principal

- Segundo informou a previsão, não choverá amanhã.
- De acordo com o que informou a previsão, não choverá amanhã.

Finais

Expressam finalidade, objetivo do fato expresso na oração principal.

Eles vieram aqui para o estudo de Português.

adjunto adverbial de finalidade

Eles vieram aqui para estudar Português.

oração principal

oração sub. adverbial final

- Eles vieram aqui com o objetivo de estudar Português.
- Eles vieram aqui a fim de estudar Português.
- Eles vieram aqui com a pretensão de estudar Português.
- Fiz-lhe sinal que se calasse.
- O futuro se nos oculta para que nós o imaginemos.

Modais

Expressam modo, maneira, em relação à oração principal.

Aqui viverás em paz, sem incômodo.

adjunto adverbial de modo

Aqui viverás em paz, sem que ninguém o incomode.

oração principal

oração sub. adverbial modal

- Aqui viverás em paz, de forma que ninguém o incomode.
- Entrou na sala sem que nos cumprimentasse.

Concessivas

Exprimem um fato que se opõe à oração principal, porém, não a inviabiliza.

Apesar dos gritos, não fui ouvido.

adjunto adverbial de concessão

Apesar de ter gritado, não fui ouvido.

oração sub. adverbial concessiva oração principal

- Embora tenha gritado, não fui ouvido.
- Por mais que gritasse, não seria ouvido.
- Não fui ouvido, se bem que tenha gritado.



TOME NOTA!

Como foi visto, tanto as orações coordenadas sindéticas adversativas quanto as orações subordinadas adverbiais concessivas indicam oposição de ideias e, para diferenciá-las e classificá-las, é necessário conhecer as conjunções que as introduzem.

A fim de entender mais claramente a diferença semântica entre elas, saiba que as conjunções adversativas sempre introduzem uma informação mais importante que a da oração assindética. As conjunções concessivas, por sua vez, introduzem uma informação menos relevante que a da oração principal. Atente-se para os exemplos:

- Fernanda é uma boa aluna, mas sempre fica nervosa durante as provas.
- Fernanda é uma boa aluna, embora sempre fique nervosa durante as provas.

No primeiro exemplo, o fato de Fernanda ficar nervosa durante as provas está em evidência e sobrepõe-se ao fato de ela ser uma boa aluna. No segundo, o fato de Fernanda ficar nervosa durante as provas não lhe tira o mérito de ser uma boa aluna, que, nesse caso, é a informação mais importante.

Para resolver uma questão objetiva sobre esse conteúdo, a melhor estratégia é identificar as conjunções de um e de outro tipo. Ao redigir um texto, entretanto, o conhecimento das diferenças semânticas entre adversativas e concessivas pode ser útil para criar diferentes efeitos de sentido, destacando a informação que melhor atende às suas intenções comunicativas.

Consecutivas

Exprimem a consequência ou o resultado decorrente do evento indicado na oração principal.

Executou a obra com tal perfeição, que foi premiado.

oração principal

oração sub. adverbial consecutiva

- Tãmanha era a perfeição da obra, que foi premiado.
- Executou a obra com tanta perfeição, que acabou sendo premiado.
- Falou com uma calma que todos ficaram atônitos.
- Ainda assim, não andei tão depressa que amarrotasse as calças.

Proporcionais

Denotam a ideia de proporcionalidade em relação à oração principal.

À medida que se vive, mais se aprende.

oração sub. adverbial proporcional

oração principal

- Quanto mais se vive, mais se aprende.
- À proporção que se vive, mais se aprende.
- Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.
- A situação de Mendonça, ao passo que se tornara mais clara, estava mais difícil que antes.



TOME NOTA!

As locuções conjuntivas “à medida que” e “na medida em que”, embora sejam formalmente semelhantes, exprimem ideias distintas: esta indica causalidade e aquela, proporcionalidade. As orações em que aparecem não são, portanto, classificadas da mesma forma. Veja os exemplos:

- À medida que o auditório se enchia, o barulho aumentava.



ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL

- Na medida em que o auditório estava lotado, o barulho era insuportável.



ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL CAUSAL

“Na medida em que” não é uma locução conjuntiva aceita pela Gramática Normativa, embora seu uso seja cada vez mais comum na fala e na escrita. Sendo assim, em textos com alto grau de formalidade, evite usar essa expressão.

Comparativas

Exprimem comparação.

Ele dorme assim como dorme uma criança.

oração principal

oração sub. adverbial comparativa

- A preguiça gasta a vida como a ferrugem consome o ferro.
- Parou perplexo como se esperasse um guia.



Orações subordinadas substantivas e adverbiais

Assista a essa videoaula para saber mais sobre as orações subordinadas substantivas e adverbiais.



ORAÇÕES ADVERBIAIS REDUZIDAS



Temporais

- Pense bem antes de falar.
- Você, varrendo o quarto, não terá encontrado algumas moedas?
- Abertas as portas, entraram as visitas.

Causais

- Por estar doente, faltou à reunião.
- Surpreendidos por repentina chuva, pusemo-nos a correr.
- Prevendo uma resposta indelicada, não o interroguei.

Condicionais

- Não sairá sem antes me avisar.
- Ficando aí, nada verás.
- Aceita a força por fundamento jurídico, o mundo seria uma arena de feras.

Conformativas

- Seguindo o velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia.

Finais

- Os hóspedes deixaram o hotel a fim de visitar o centro histórico.

Modais

- Retirei-me discretamente, sem ser percebido.
- Aprende-se um ofício praticando-o.

Concessivas

- Ofendi-os sem querer.
- Mesmo correndo, não o alcançou.
- Sitiada por um inimigo implacável, a cidade não se rendeu.

Consecutivas

- Aquele filme o impressionou tanto, a ponto de tirar-lhe o sono.

Observações:

- Algumas orações se apresentam mais frequentemente na forma reduzida, enquanto outras sequer a possuem.
- Nem sempre as subordinadas adverbiais têm um adjunto adverbial correspondente.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (UFAM) Assinale a alternativa em que está incorreta a classificação da oração em destaque.
- A) A estrela brilhava no eterno azul **como uma vela**. (subordinada adverbial comparativa)
- B) A Lua dizia **que a claridade do Sol resumia toda a luz**. (subordinada substantiva objetiva direta)
- C) **Como estava enfarado de sua enorme e desmedida umbela**, o Sol invejava o vaga-lume. (subordinada adverbial causal)
- D) A Lua admirava a auréola de nune **que o sol ostentava**. (subordinada adjetiva restritiva)
- E) **Enquanto bailava no ar**, o inquieto vaga-lume fitava com cúme da estrela. (subordinada adverbial proporcional)
- 02.** (Milton Campos-MG)
- aquele que, florindo e re florindo, soa
qual cantata de Bach em vossa glória [...]
- Nos versos, há uma oração que traduz circunstância de
- A) conformidade.
B) comparação.
C) causalidade.
D) consequência.
- 03.** (UNIFESP / Adaptado) [...] Dercy Gonçalves sem falar "p.q.p." ou "filha da p." seria o mesmo que Carmen Miranda sem o turbante e os balangandãs. Dercy não fraudava a expectativa. **Se o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão.**
- O trecho negrito pode ser parafraseado e substituído por:
- A) À medida que o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão.
- B) O palhaço não pode deixar de tropeçar, no entanto ela não podia deixar de soltar o palavrão.
- C) Embora o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão.
- D) O palhaço não pode deixar de tropeçar, tanto que ela não podia deixar de soltar o palavrão.
- E) Assim como o palhaço não pode deixar de tropeçar, ela não podia deixar de soltar o palavrão.
- 04.** (FUVEST-SP) "Foi um técnico de sucesso, mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário."
- Começando a frase por:
- "Nunca consegui uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", para manter a mesma relação lógica expressa na frase dada inicialmente, deve-se continuar com
- A) "enquanto foi".
B) "na medida em que era".
C) "ainda que tenha sido".
D) "desde que fosse".
E) "porquanto era".

- 05.** (UFRN) Articule, coerentemente, as três orações listadas a seguir em um só período.
- O professor não é a árvore da sabedoria. (oração principal)
 - O professor possui grandes conhecimentos. (oração subordinada)
 - O professor também aprende com seus alunos. (oração subordinada)
- Para isso, considere as seguintes orientações:
- a oração principal e as subordinadas já estão previamente definidas, não podendo haver permuta entre elas;
 - a ordem em que as orações surgirão no período é livre;
 - as orações subordinadas, necessariamente, deverão assumir uma forma desenvolvida (não reduzida).
- Lembre-se de que, ao articular as orações, pode ser necessário fazer certos ajustes no que se refere à flexão verbal e à coesão.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **04**.

Bocage no futebol

- Quando eu tinha meus cinco, meus seis anos, morava, ao lado de minha casa, um garoto que era tido e havido como o anticristo da rua. Sua idade regulava com a minha. E justiça se lhe faça: – não havia palavrão que ele não praticasse. Eu, na minha candura pânica, vivia cercado de conselhos, por todos os lados: – "Não brinca com Fulano, que ele diz nome feio!". E o Fulano assumia, aos meus olhos, as proporções feéricas de um Drácula, de um Nero de fita de cinema.
- 5
- 10 Mas o tempo passou. E acabei descobrindo que, afinal de contas, o anjo de boca suja estava com a razão. Sim, amigos: – cada nome feio que a vida extrai de nós é um estímulo vital irresistível. Por exemplo: – os nautas camonianos. Sem uma sólida, potente e jucunda pornografia, um Vasco da Gama, um Colombo, um Pedro Álvares Cabral não teriam sido almirantes nem de barca da Cantareira. O que os virilizava era o bom, o cáldio, o inefável palavrão.
- 15
- 20 Mas, se nas relações humanas em geral, o nome feio produz esse impacto criador e libertário, que dizer do futebol? Eis a verdade: – retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível. Como jogar ou como torcer se não podemos xingar ninguém? O craque ou o torcedor é um Bocage. Não o Bocage fidedigno, que nunca existiu. Para mim, o verdadeiro Bocage é o falso, isto é, o Bocage de anedota. Pois bem: – está para nascer um jogador ou um torcedor que não seja bocagiano. O craque brasileiro não sabe ganhar partidas sem o incentivo constante dos rijos e imortais palavrões da língua. Nós, de longe, vemos os 22 homens correndo em campo, matando-se, agonizando, rilhando os dentes. Parecem dopados e realmente o estão: – o chamado nome feio é o seu excitante eficaz, o seu afrodisíaco insuperável.
- 25
- 30
- RODRIGUES, Nélson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

- 01.** (FGV-RJ) A expressão "Nero de fita de cinema" (L. 9) tem a finalidade de, principalmente,
- A) expressar um paradoxo, semelhante ao da expressão "anjo de boca suja".
- B) opor-se, quanto ao sentido, a "proporções feéricas de um Drácula".
- C) mostrar a popularidade do menino que falava palavrões.
- D) traduzir a admiração que o autor nutria pelo seu vizinho.
- E) reforçar a ideia contida em "anticristo da rua".
- 02.** (FGV-RJ) Considerando as qualificações ambivalentes que o texto lhe atribui, pode-se corretamente concluir que, para o autor, o palavrão, em dadas situações, assume caráter propriamente
- A) escatológico, na medida em que esse termo tanto pode se referir ao que é mais sujo, como remeter à esfera do sagrado.
- B) pornográfico, uma vez que nele se conjugam as esferas da ignorância (ou da incultura) e da arte de escrever (ou literatura).
- C) dialético, na proporção em que constitui a síntese da contradição entre a urbanidade (tese) e a grosseria (antítese).
- D) compensatório, na medida em que serve para o populacho assumir sua condição subalterna e, ao mesmo tempo, agredir as elites sociais.
- E) sublimatório, tendo em vista que traduz para uma esfera elevada e verbal os impulsos sexuais desviantes, reprimidos pela moral e pela religião.
- 03.** (FGV-RJ) Tendo em vista o contexto, sobre os seguintes trechos, só NÃO é correto afirmar:
- A) "era tido e havido" (L. 2): trata-se de uma repetição com valor enfático.
- B) "meus cinco, meus seis anos" (L. 1): expressa ideia de aproximação.
- C) "Bocage fidedigno" / "verdadeiro Bocage" (L. 24-25): embora sinônimos, os adjetivos foram usados com sentidos diferentes.
- D) "justiça se lhe faça" (L. 4): pode ser considerada uma construção na voz passiva sintética.
- E) "correndo [...], matando-se, agonizando, rilhando" (L. 30-31): apenas o primeiro gerúndio dá ideia de continuidade.
- 04.** (FGV-RJ) Considere os seguintes elementos de composição textual:
- I. Interação com o leitor.
II. Incorporação de uma fala em discurso indireto.
III. Procedimento intertextual.
IV. Mistura de gêneros discursivos.

É correto afirmar que, no texto, ocorre apenas o que foi indicado em

A) I e IV.
B) II e IV.
C) I, III e IV.
D) II e III.
E) I, II, e III.

- 05.** (FGV-RJ)

Poema

Encontrado por Thiago de Mello
No Itinerário de Pasárgada

Vênus luzia sobre nós tão grande,
Tão intensa, tão bela, que chegava
A parecer escandalosa, e dava
Vontade de morrer.

BANDEIRA, Manuel.

No poema, o conectivo "que" introduz uma oração com ideia de

- A) causa. D) modo.
B) consequência. E) finalidade.
C) concessão.



- 06.** (UNIFESP) Quando o falante de uma língua depara um conjunto de duas palavras, intuitivamente é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor. Assim, além de captar o sentido básico das duas palavras, o receptor atribui-lhes uma gramática – formas e conexões. Isso acontece porque ele traz registrada em sua mente toda a sintaxe, todos os padrões conexionais possíveis em sua língua, o que o torna capaz de reconhecê-los e identificá-los. As duas palavras não estão, para ele, apenas dispostas em ordem linear: estão organizadas em uma ordem estrutural.

A diferença entre ordem estrutural e ordem linear torna-se clara se elas não coincidem, como nesta frase que um aluno criou em aula de redação, quando todos deviam compor um texto para *outdoor*, sobre uma fotografia da célebre cabra de Picasso: "Beba leite de cabra em pó!". Como todos rissem, o autor da frase emendou: "Beba leite em pó de cabra!".

Pior a emenda do que o soneto.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 1986 (Adaptação).

Considere as seguintes passagens do texto:

– [...] é levado a sentir entre elas uma relação sintática, **mesmo que** estejam fora de um contexto mais esclarecedor.
– **Como** todos rissem, o autor da frase emendou [...].

As conjunções destacadas expressam, respectivamente, relação de

- A) alternância e conformidade.
B) conclusão e proporção.
C) concessão e causa.
D) explicação e comparação.
E) adição e consequência.

03. (Enem)

HAGAR DIK BROWNE



As palavras e as expressões são mediadoras dos sentidos produzidos nos textos. Na fala de Hagar, a expressão “é como se” ajuda a conduzir o conteúdo enunciado para o campo da

- A) conformidade, pois as condições meteorológicas evidenciam um acontecimento ruim.
- B) reflexibilidade, pois o personagem se refere aos tubarões usando um pronome reflexivo.
- C) condicionalidade, pois a atenção dos personagens é a condição necessária para a sua sobrevivência.
- D) possibilidade, pois a proximidade dos tubarões leva à suposição do perigo iminente para os homens.
- E) impessoalidade, pois o personagem usa a terceira pessoa para expressar o distanciamento dos fatos.

04. (Enem) No trecho “Montes Claros cresceu tanto, / [...] /que já tem cinco favelas”, a palavra “que” contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

- A) “Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco.”
- B) “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu / chamava para o café.”
- C) “Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança.”
- D) “A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres.”
- E) “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos.”

GABARITO

Aprendizagem

Meu aproveitamento

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. B
- 03. E
- 04. C
- 05. Uma das possíveis reescritas seria: Embora possua grandes conhecimentos, o professor não é a árvore da sabedoria, porque ele também aprende com seus alunos.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. A
- 03. E
- 04. C
- 05. B
- 06. C
- 07. A
- 08. C
- 09. Soma = 11
- 10. E

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. D
- 03. D
- 04. D



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %